

Waldir José de Quadros

[Handwritten signature]

**O "Milagre Brasileiro" e a
Expansão da Nova Classe Média**

*Este exemplar cor-
responde ao original
da tese defendida pelo
aluno Waldir José de Quadros
orientada pelo Prof. Dr. João Ma-
nuel Cardoso de Mello, defendida
em 07.06.91.*

**Tese de doutoramento apresentada ao
Instituto de Economia da Universidade
Estadual de Campinas, sob orientação do
Prof. Dr. João Manuel Cardoso de Mello.**

Campinas

1991

Q22m

14117/BC

UNICAMP

a saudosa memória de minha mãe,
ao meu pai e irmãos.

Para Marisa, Mariana e
Victoria

"E à noite nas tabas, se alguém duvidava,
Do que ele contava,
Tornava prudente: *Meninos, eu vi!*"

Antonio Gonçalves Dias, "I-Juca-Pirama"

Agradecimentos

Ao Instituto de Economia da UNICAMP, pelo ambiente de integridade intelectual e moral, onde o trabalho acadêmico é fecundado por valores humanistas e pelo compromisso com a Democracia e o Progresso Social, avesso ao tecnicismo estéril e simplificações ideológicas.

Ao Prof. João Manuel, orientador e mestre na verdadeira acepção do termo, fonte inesgotável de inspiração e esclarecimento desde a época do mestrado, em 1979. Vem daí também a profícua e fraterna convivência com o Prof. Alonso, cuja contribuição deve ser ressaltada.

Ao Prof. Wilson Cano, coordenador das pesquisas que participei ao longo do doutoramento, e aos colegas de equipe, na pessoa do Prof. Pacheco.

Aos funcionários Márcia Leitão e José Alberto Curti, diligentes secretários da Pós-graduação; Nilson Leal, profissional exemplar do SPD; e, Pedro Antonio Biffi, que com zelo e competência inigualáveis digitou os relatórios de pesquisa e os vários passos da tese.

Aos meus alunos, pela oportunidade de discutir boa parte das questões tratadas neste trabalho.

Aos amigos Tico (IBGE e Cândido Mendes) e Tunico (Geografia da USP), interlocutores permanentes... e pacientes.

Ao Boni, Caico, Valdir Bartoli, Liana, Dra. Clara, Roque e Tadeu, dos quais - além dos já citados - tive o privilégio de contar com inestimável ajuda pessoal.

A Marisa, pelo nosso amor. A Mariana e Victoria, filhas adoráveis. Sem as três, qual o significado?

Obviamente, a responsabilidade é toda minha!

SUMÁRIO

	Página
Introdução: As Referências Teóricas	1
Capítulo I: Desenvolvimento Capitalista e Nova Classe Média no Brasil	12
Capítulo II: Gênese e Desenvolvimento da Nova Classe Média Brasileira	32
Capítulo III: A Expansão da Nova Classe Média na Década de 1970	56
Anexo Estatístico ao Capítulo III	95
Capítulo IV: Sexo e Cor na Discriminação Social	110
Capítulo V: Famílias de Classe Média Urbana na Grande São Paulo, em 1980	144
Anexo Estatístico ao Capítulo V.....	191
A Título de Conclusão	217
Bibliografia	224

Introdução: As Referências Teóricas

Nosso objeto de estudo é a extraordinária expansão das "classes médias" urbanas não-proprietárias que se verifica na década de 1970, no bojo do intenso processo de mobilidade social impulsionado pelas profundas transformações que ocorrem nas estruturas econômicas e sociais⁽¹⁾. Assim, este trabalho se propõe refletir sobre o intenso dinamismo econômico e social revelado pelo chamado "milagre brasileiro", situando-o no padrão de desenvolvimento que, grosso modo, vigorou de 1930 a 1980.

O acelerado crescimento econômico do período do "milagre" foi acompanhado de arrocho na base salarial e exclusão de enormes massas, da completa supressão das liberdades democráticas e da brutal violação aos direitos humanos, num autêntico estado de terror policial. Esta face retrógrada frequentemente dificulta a correta avaliação da rápida diferenciação e ampla incorporação sociais impulsionadas por este mesmo processo de desenvolvimento, que se expressa sobretudo na vigorosa expansão das "classes médias urbanas"⁽²⁾.

Como se sabe, existe considerável diversidade metodológica no tratamento da temática das "classes médias", na maioria das vezes refletindo sugestivas controvérsias políticas e ideológicas. Não estamos

(1) Os marcos globais deste processo de mobilidade são apontados, entre outros, em PASTORE, José - Desigualdade e Mobilidade Social no Brasil. São Paulo, T.A. Queiroz/EDUSP, 1979; e HASENBALG, Carlos A. e SILVA, Nelson do Valle - Estrutura Social, Mobilidade e Raça. São Paulo, Vértice, 1988. Um balanço das várias interpretações deste processo encontra-se em COUTINHO, Maurício C. - Distribuição de Renda e Mobilidade Social no Brasil. Tese de Doutorado, Campinas, DEPE/IFCH-UNICAMP, 1984, Caps. II e III, mimeo.

(2) A importância desta expansão é enfatizada nos ensaios reunidos em ALBUQUERQUE, J.A. Ghilhon (Coord.) - CLASSES MÉDIAS E POLÍTICA NO BRASIL. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

aqui interessados na reconstituição desta polêmica, mas o bom procedimento analítico requer, antes de mais nada, que se aponte as referências teóricas assumidas nesta tese.

Um dos caminhos que não irá se trilhar aqui é aquele que busca a gênese das novas classes médias do capitalismo contemporâneo na polarização entre "trabalho produtivo" e "trabalho improdutivo", o primeiro sendo atributo da classe operária, e o segundo constituindo-se em característica básica das classes médias⁽¹⁾.

Tal abordagem pode ser objetada no próprio universo teórico em que se insere. Em termos de teoria do valor, a referida polarização situa-se melhor, ainda que num plano relativamente secundário, na problemática da gênese da mais valia e da gestação de forças produtivas especificamente capitalistas, ou seja, no estudo da emergência do modo de produção capitalista⁽²⁾. Por outro lado, e no que se refere às classes sociais, os trabalhos caracterizados por Marx como improdutivos são aqueles que representam sobrevivências feudais (no clero, artesanato, rentistas, etc.), e, assim, diz respeito à pequena burguesia ameaçada pelo modo de produção capitalista⁽³⁾. E esta "antiga" pequena burguesia não pode ser confundida com as "modernas" classes médias que, ao contrário, se expandem continuamente com o próprio desenvolvimento capitalista.

(1) Cf. VILLALOBOS, André - A Nova Classe Média, uma Configuração do Problema. Tese de Doutorado, Campinas, IFCH-UNICAMP, 1976, mimeo; VILLALOBOS, André e outros - Classes Sociais e Trabalho Produtivo. Rio de Janeiro, Paz e Terra/CEDEC, 1978.

(2) Cf. BELLUZZO, Luiz G. de Mello - VALOR E CAPITALISMO. São Paulo, Brasiliense, 1980.

(3) Cf. MARX, Karl - Teorías sobre la Plusvalía. (Tradução). Barcelona, Crítica, 1977, cap. IV.

Desta forma, a categoria "trabalho improdutivo" não serve como critério para o exame da complexa realidade das classes médias do capitalismo contemporâneo.

De nossa parte, vamos tomar como referência conceitual básica o clássico trabalho de WRIGHT MILLS sobre a "nova classe média" americana⁽¹⁾.

Neste autor é cristalina a associação entre a emergência do capitalismo monopolista e a gestação da nova classe média⁽²⁾, que é tratada assim como novidade histórica, expressão do crescente avanço da divisão social do trabalho.

Como se sabe, no final do século XIX os USA se sobressaem na gestação das estruturas do capitalismo monopolista - e na constituição da nova classe média -, e ao longo do século XX vai conquistar a

(1) Cf. MILLS, C. Wright - A NOVA CLASSE MÉDIA (tradução). Rio de Janeiro, Zahar, 1969. Este marco teórico já foi estabelecido em nossa dissertação de mestrado, cf. QUADROS, Waldir José de - A NOVA CLASSE MÉDIA BRASILEIRA: 1950-80. Campinas, Instituto de Economia-UNICAMP, 1985, mimeo.

(2) Ainda que ele refira-se apenas aos "mecanismos industriais" que impulsionam o surgimento e a expansão da nova classe média. O vínculo teórico entre esta temática e a do capitalismo monopolista também é estabelecido por POULANTZAS, Nicos - AS CLASSES SOCIAIS NO CAPITALISMO DE HOJE (Tradução). Rio de Janeiro, Zahar, 1978 (2a. edição); e por BRAVERMAN, Harry - TRABALHO E CAPITAL MONOPOLISTA (tradução). Rio de Janeiro, Zahar, 1977. Entre os autores que originalmente trataram da temática mais geral da emergência do capitalismo monopolista destacam-se: LEHINE, V. I. - O IMPERIALISMO, FASE SUPERIOR DO CAPITALISMO (tradução). São Paulo, ALFA-OMEGA, 1979, Obras Escolhidas, tomo 1; HOBSON, John A. - A EVOLUÇÃO DO CAPITALISMO MODERNO (tradução). São Paulo, Abril Cultural, 1983; HILFERDING, Rudolf - EL CAPITAL FINANCIERO (tradução). Madrid, Tecnos, 1973; LUXEMBURG, Rosa - A ACUMULAÇÃO DO CAPITAL (tradução). São Paulo, Abril Cultural, 1984; BUKHARIN, Nikolai I. - A ECONOMIA MUNDIAL E O IMPERIALISMO (tradução). São Paulo, Abril Cultural, 1984.

hegemonia sobre o desenvolvimento capitalista a nível mundial, revelando enorme capacidade de irradiar seu estilo de desenvolvimento. Desta forma, ao refletir sobre a emergência da nova classe média no país onde estas transformações mais avançaram e, portanto, onde seus resultados são mais visíveis, o estudo de MILLS proporciona indicações gerais que podem ser tomadas como referência ao estudo desta problemática em países que atinjam o nível de desenvolvimento das forças produtivas e da divisão social do trabalho característicos do capitalismo monopolista.

Além de estabelecer o vínculo teórico com os "mecanismos industriais" do capitalismo monopolista, este autor atribui à "nova classe média" o estatuto de categoria analítica capaz de expressar o conjunto das transformações que perpassam as classes médias em sua totalidade. Ou seja, a expansão da nova classe média não proprietária e urbana reflete tanto as mudanças que ocorrem no âmbito da antiga classe média urbana ou rural - retração relativa e reestruturação dos pequenos proprietários independentes, massificação e assalariamento entre os profissionais autônomos -, como a criação em massa das novas ocupações típicas do novo estágio de desenvolvimento.

Outro aspecto relevante é que MILLS analisa a emergência da nova classe média estudando os impactos provocados pelas transformações nas estruturas econômicas sobre toda a estrutura ocupacional típica de classe média urbana não proprietária - que se traduz em sua rápida expansão -, seja ela "alta", "média" ou "baixa". E é esta visão globalizante e corretamente referenciada que torna suas formulações tão atraentes e inspiradoras.

Por outro lado, colocando a questão desta forma, o uso da categoria analítica "nova classe média" não requer que se enfrente a longa discussão sobre a rigorosa caracterização destes conjuntos ocupacionais em "classe", "camada" ou "setor", que inclusive extrapolaria os limites desta tese.

Isto posto, vamos reconstituir rapidamente a trajetória analítica de MILLS, em busca das referidas indicações gerais⁽¹⁾.

Estudando o processo de desenvolvimento americano, este autor verifica que, ao longo do período 1870-1940, somente a nova classe média de gerentes, profissionais liberais assalariados, professores, empregados do comércio e de escritório cresce em relação à população economicamente ativa (de 6% para 25%). Decrescem relativamente tanto o operariado (de 61% para 55%), como a antiga classe média de pequenos agricultores independentes, comerciantes, profissionais liberais autônomos (de 33% para 20%). Esta alteração na estrutura ocupacional é permeada por forte processo de assalariamento, de tal forma que, em 1940, as condições de vida de 4/5 da população economicamente ativa americana já dependem do comportamento do mercado de trabalho, contra os 2/3 de 1870⁽²⁾.

Por outro lado, BRAUVERMAN chama atenção para o fato de que esta expansão da nova classe média se dá, simultaneamente, com a centralização da direção e a qualificação dos funcionários mais graduados, e com o parcelamento e simplificação das tarefas rotineiras, desqualificando-se a massa dos empregados⁽³⁾.

(1) Cf. QUADROS, Waldir José de - A NOVA CLASSE MÉDIA BRASILEIRA: 1950-80, Op. cit., pp. 7 e segs.

(2) POULANTZAS também destaca a crescente importância que assume no capitalismo contemporâneo a "nova pequena-burguesia", distinta da pequena-burguesia tradicional baseada na pequena produção e propriedade, dos artesãos e comerciantes. Cf. POULANTZAS, Nicos - AS CLASSES SOCIAIS NO CAPITALISMO DE HOJE. Op. cit.

(3) BRAUVERMAN, Harry - TRABALHO E CAPITAL MONOPOLISTA. Op. cit.

Tais processos são determinados por profundas transformações na estrutura produtiva, que expressam a rápida centralização e monopolização da propriedade e da produção. Estas transformações se desenvolvem desde o final do século XIX, e no início do século XX irão resultar, pioneiramente nos EUA, no predomínio da grande empresa organizada como sociedade anônima, e com os bens duráveis de consumo tornando-se o elemento fundamental da dinâmica econômica.

BERLE e MEANS⁽¹⁾ mostram que, nos EUA, a introdução da grande empresa por ações ocorre primeiramente na indústria têxtil, antes de 1860. No período anterior à Guerra Civil ela penetra nas ferrovias e, em fins do século XIX e início do século XX, vai se generalizar por todos os setores econômicos.

É importante que se destaque as alterações que a emergência da moderna corporação empresarial provoca na estrutura ocupacional da força de trabalho. Nas antigas fábricas do capitalismo concorrencial do século XIX, geralmente as tarefas administrativas eram bastante simples e os próprios proprietários se ocupavam delas, com a ajuda dos serviços externos de vendas e escrituração. Assim, os trabalhadores se concentravam na produção, onde a tecnologia predominante era relativamente simples e acessível.

Já nas empresas modernas - como acentua MILLS - as atividades administrativas são bem mais complexas, impondo o surgimento de uma série de departamentos especializados e uma legião de trabalhadores de escritório. Na área produtiva, a contínua aplicação do conhecimento científico faz crescer a participação de trabalhadores mais qualificados, tais como técnicos, engenheiros, químicos, etc.

(1) BERLE Jr., Adolf A. e MEANS, Gardiner C. - A Moderna Sociedade Anônima e a Propriedade Privada (tradução). São Paulo, Abril S.A. Cultural, 1984.

Portanto, ganha enorme relevância o constante progresso técnico industrial, em que os crescentes ganhos de produtividade tanto requerem um contingente relativamente menor de trabalhadores na produção, como provocam a expansão das tarefas administrativas em geral.

O desenvolvimento e centralização dos meios de administração implica, de imediato, na ampliação e aperfeiçoamento das estruturas gerenciais. Se com a mera adoção da participação acionária, dá-se a separação entre a propriedade e o seu controle, na moderna corporação gigante desdobram-se as funções diretivas, agora assumidas por uma complexa hierarquia de funcionários e departamentos especializados.

Nas grandes empresas (não só industriais) esta gerência se estrutura via racionalização e burocratização das áreas administrativa, financeira e comercial, envolvendo toda uma hierarquia de gerentes, chefes de departamento, assistentes, funcionários e operadores de máquinas de escritório. Na produção, seu planejamento e controle requer engenheiros, técnicos, programadores e contramestres.

No que se refere ao Estado, verifica-se, da mesma forma, uma enorme expansão da burocracia pelo alargamento do aparelho governamental. No capitalismo contemporâneo, o Estado é levado a assumir novas funções, tanto no âmbito da regulação econômica, como na prestação dos serviços sociais e de apoio à produção.

Outra atividade profundamente afetada pela emergência da moderna corporação é a comercialização. A rápida urbanização, a mercantilização das necessidades domésticas, a constituição do mercado nacional, o abarrotamento dos mercados por bens de consumo, em especial de duráveis, impõe a estruturação de um novo sistema comercial. Os modernos estabelecimentos dedicados à comercialização em massa de bens de consumo têm sua capacidade de venda violentamente potenciada pelo

crédito ao consumidor. Seus processos de venda são minuciosamente racionalizados, padronizando-se as normas de procedimento. Assim, mais uma vez se estrutura uma complexa hierarquia que se desdobra em várias seções centralizadas pela direção geral, englobando gerentes comerciais, representantes, publicitários e balconistas.

Em termos mais gerais, a rápida expansão da produção e dos mercados impõe o desenvolvimento dos meios de distribuição, com progressos notáveis nos transportes, nas comunicações, nas finanças e no comércio, que engloba as vendas, o crediário, a promoção e a publicidade.

O novo estágio alcançado pela divisão social do trabalho impõe radicais alterações também nas condições de trabalho e vida dos profissionais liberais e dos intelectuais. As profissões liberais são afetadas por um duplo movimento: pelo assalariamento em antigas profissões independentes, e pela criação de novas ocupações já exclusivamente em regime de trabalho assalariado. A emergência da indústria cultural, com especial destaque para a monopolização dos meios de comunicação de massa, por si só implica em maior assalariamento entre os intelectuais.

Resumindo, **MILLS** situa o surgimento e a expansão da nova classe média não proprietária e urbana no bojo das profundas alterações na estrutura ocupacional (e social), trazidas pelo desenvolvimento do capitalismo em sua etapa monopolica.

Entre nós, Francisco de Oliveira tem discutido a problemática das classes médias brasileiras a partir de um enfoque bastante próximo a este, situando as classes médias da época atual nas profundas transformações que se manifestam no processo de valorização do capital ao longo do desenvolvimento do capitalismo monopolista. Particularmente no que se refere ao alargamento das atividades que não se encontram

imediatamente subordinadas à lógica do capital, nos marcos do Welfare State, e às novas funções regulatórias do Estado. Ou seja, relacionando a expansão das classes médias com a ampliação do "anti-valor" ou das "não-mercadorias"⁽¹⁾.

Já no que diz respeito à sociabilidade, é no âmbito da filosofia social onde as repercussões mais profundas são captadas em sua inteireza, ao refletir sobre o esvaziamento do conteúdo dos trabalhos concretos e abstratos e sobre as mudanças e rupturas nos valores sociais⁽²⁾. Também são extremamente relevantes as reflexões realizadas nas interpenetrações da sociologia com a antropologia e a psicanálise, ainda que em estudos pontuais e, em grande medida, circunscritos aos segmentos melhor situados das classes médias urbanas⁽³⁾.

Entretanto, deve-se apontar duas importantes lacunas que, a nosso juízo, dificultam uma melhor compreensão do fenômeno classes médias no Brasil. A primeira delas refere-se à inexistência de pesquisas

(1) Cf. OLIVEIRA, Francisco de - O SURGIMENTO DO ANTI-VALOR, in: NOUOS ESTUDOS CEBRAP, no. 22, 1988; e também MEDUSA OU AS CLASSES MÉDIAS E A CONSOLIDAÇÃO DEMOCRÁTICA, in: O'DONNELL, G. e REIS, F. W. (Orgs) - DILEMAS E PERSPECTIVAS DE DEMOCRACIA NO BRASIL. São Paulo, Uértice, 1988.

(2) Cf. GIANHOTTI, José A. - Formas de Sociabilidade Capitalista, in: TRABALHO E REFLEXÃO. São Paulo, Brasiliense, 1985.

(3) Por exemplo, Cf. SALEM, Tania - Famílias em camadas médias: uma revisão da literatura recente, in: BOLETIM DO MUSEU NACIONAL no. 54, Rio de Janeiro, 1985. E também cf. FIGUEIRA, Sérvulo A. (org.) - CULTURA DA PSICANÁLISE. São Paulo, Brasiliense, 1985.

mais completas e detalhadas sobre estes segmentos sociais⁽¹⁾. A segunda, diz respeito à ausência de um debate menos ideologizado sobre as possibilidades efetivas de uma convergência de interesses entre as classes médias e a classe operária, embasando uma aliança política capaz de implementar transformações sociais.

Com o presente trabalho pretendemos contribuir com o esforço, que deve ser coletivo, para superar-se estas lacunas.

No que se refere à segunda ordem de questões, indicações extremamente relevantes são fornecidas por Décio Saes que, embora com distintos pressupostos teóricos, realiza uma importante recuperação histórica do comportamento político das classes médias brasileiras⁽²⁾.

Este autor situa suas análises no âmbito da problemática da revolução burguesa no Brasil⁽³⁾, buscando uma possível sintonia das classes médias com um "projeto industrializante". Na Primeira República, identifica dois segmentos de classe média. Uma "tradicional" (antigos agrários desalojados, altos funcionários públicos, profissionais vinculados aos serviços de exportação e importação), subordinada aos interesses

(1) Esta lacuna já é apontada em MAYER, Arno J. - A Baixa Classe Média como Problema Histórico (Tradução). In: CASTRO, Antonio B. de e outros - Trabalho Escravo, Economia e Sociedade. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984. Uma tentativa inicial de dimensionar estes segmentos encontra-se em ARAÚJO, Braz J. - Mudanças na Estrutura Social Brasileira. In: ALBUQUERQUE, J. A. Ghilhon (coord.) - Classes Médias e Política no Brasil, op. cit.

(2) Cf. SAES, Décio A. M. de - Classe Média e Sistema Político no Brasil. São Paulo, T.A. Queiroz, 1985.

(3) Esta problemática tem sua abordagem já considerada como clássica em FERNANDES, Florestan - A Revolução Burguesa no Brasil: Ensaio de Interpretação Sociológica. Rio de Janeiro, Guanabara, 1987 (3a. ed.).

agrários e articulada com as oligarquias através do liberalismo conservador. O segundo é formado pela "baixa classe média" (empregados de escritório, bancários, pequenos funcionários públicos), potencialmente interessada no "projeto industrializante". No período pós 1930 aponta a gradativa expansão e diversificação deste último contingente - que acompanha e reflete nosso processo de industrialização e urbanização -, compondo, junto com a classe operária, a "massa urbana" que oferecerá suporte social ao populismo na condução do Estado e do processo de desenvolvimento.

Desta forma, este importante trabalho propicia uma visão bastante esclarecedora sobre os contornos globais da situação social e política em que se dá a emergência da nova classe média brasileira, nas décadas de 1950 e 1960.

Capítulo I - Desenvolvimento Capitalista e Nova Classe Média no Brasil

a. O Padrão brasileiro de desenvolvimento

Uma vez estabelecido o vínculo teórico entre gênese da nova classe média e emergência do capitalismo monopolista, vamos agora situar esta temática no processo de constituição do capitalismo brasileiro.

Para tanto, tentemos reter as características básicas do padrão brasileiro de desenvolvimento que, grosso modo, vigorou de 1930 a 1980. Esta caracterização requer que se estabeleça de imediato a necessária distinção (e o razoável entendimento) sobre duas ordens de questões: aquelas relacionadas com o nosso padrão de industrialização e as que dizem respeito aos traços fundamentais do processo de desenvolvimento de nossa economia já industrializada.

Em primeiro lugar vamos examinar nosso padrão de industrialização⁽¹⁾. Uma idéia básica nesta discussão é a de que os processos nacionais de industrialização capitalista devem incorporar os avanços já realizados pelo desenvolvimento capitalista em geral, ou seja, nos países mais avançados. Não faz sentido implantar-se um parque industrial "pesado", que no próprio momento de seu nascimento já se encontra irremediavelmente ultrapassado.

(1) Para as considerações que se seguem partimos principalmente de: MELLO, João Manuel Cardoso de - O CAPITALISMO TARDIO. São Paulo, Brasiliense, 1982.; TAVARES, Maria da C. - ACUMULAÇÃO DE CAPITAL E INDUSTRIALIZAÇÃO NO BRASIL. Campinas, Ed. UNICAMP, 1985; OLIVEIRA, Carlos Alonso B. de - O PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO - DO CAPITALISMO ORIGINÁRIO AO ATUAL. Tese de Doutorado, Campinas, IE-UNICAMP, 1986, mimeo.

Basta atentarmos para o estágio do desenvolvimento em que se encontrava o Brasil, e outros países da América Latina, em meados do século XX, para percebermos a brutal descontinuidade tecnológica em relação aos requisitos da implantação da indústria pesada. As escalas mínimas das unidades produtivas não cessaram de aumentar desde fins do século XIX, e atingiram volumes colossais. O progresso técnico incorporou sistematicamente o conhecimento científico e, além da extrema complexidade, a tecnologia está monopolizada. Ou seja, ferreamente protegida por patentes e outros mecanismos que asseguram o "segredo industrial". No limite, vendem-se máquinas e equipamentos, mas não tecnologia!

Por outro lado, não é possível partir-se de um modesto parque fabril voltado para a produção de bens de consumo não duráveis e bens leves de produção e ir, gradativamente, instalando os segmentos pesados produtores de bens de produção e de bens de capital, além da adequação de toda a infraestrutura econômica. A elevada complementaridade dos projetos requer que sejam implantados simultaneamente⁽¹⁾.

Este colossal "salto" tecnológico significa igualmente uma brutal descontinuidade financeira entre o volume dos investimentos necessários e a capacidade de financiamento de que esta dotada a economia nacional, seja por parte do Estado, do empresariado local, ou de ambos.

Tais descontinuidades, tecnológica e financeira, que decorrem do próprio desenvolvimento capitalista, se revelam intransponíveis nos marcos nacionais. Não é outro o significado da incapacidade de Getúlio Vargas em promover o "salto" da industrialização pesada. Já não mais havia

(1) Cf. MELLO, João Manuel Cardoso de - O Capitalismo Tardio, op. cit., cap. II.

a chance histórica para que o Estado suprisse as debilidades da burguesia nacional e detonasse o processo de industrialização, tal como ocorreu nas últimas décadas do século XIX com o Japão e a Rússia⁽¹⁾.

A necessidade de "recursos externos" era claramente percebida pelo governo, e por lideranças industrializantes como Roberto Simonsen⁽²⁾. Entretanto, a proposta deste empresário era de que governos aliados (basicamente o americano) financiassem a implantação da indústria pesada no Brasil, através de empréstimos ao governo brasileiro. Ou seja, receberíamos os recursos externos, mas não seria necessário internacionalizar a economia nacional.

Porém, o que estava ocorrendo na economia mundial no imediato pós-guerra apontava na direção oposta. Uma das contrapartidas da "ajuda" do governo dos USA à reconstrução das economias aliadas era justamente a abertura dos mercados às filiais das grandes empresas americanas, levando os oligopólios europeus a reagirem no mesmo sentido e penetrarem tradicionais "reservas" americanas. Ou seja, presenciava-se a constituição do sistema de multinacionais, na nova fase de internacionalização do capital⁽³⁾.

-
- (1) Sobre a atuação do Estado nestes países Cf. OLIVEIRA, Carlos Alonso B. de - O Processo de Industrialização - Do Capitalismo Originário ao Atrasado. Op. cit., Parte II, cap. 2.
- (2) Cf. SIMONSEN, Roberto C. - A CONTROVÉRSIA DO PLANEJAMENTO NA ECONOMIA BRASILEIRA. Coletânea da Polêmica Simonsen - 6udin, Rio de Janeiro, IPEA/INPES, 1978.
- (3) Cf. COUTINHO, Luciano G. - Das Políticas de Recuperação à II Guerra Mundial. UNICAMP, mimeo; Idem - MUDANÇAS RECENTES NA DIVISÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. In: Contexto no. 2, São Paulo, HUCITEC, março de 1977; COUTINHO, Luciano G. e BELLUZZO, Luiz G. de Mello - Estado, Sistema Financeiro e Forma de Manifestação da Crise: 1929-1974. In: Desenvolvimento Capitalista no Brasil. Org. BELLUZZO, Luiz G. de Mello e COUTINHO, Renata R. - São Paulo, Brasiliense, 1982; HYMER, Stephen - EMPRESAS MULTINACIONAIS: A INTERNACIONALIZAÇÃO DO CAPITAL (Tradução). Rio de Janeiro, Graal, 1978.

Assim, a internacionalização da economia brasileira vai se impondo, e o "salto" da industrialização pesada só foi possível com a montagem de um "tripé" formado pelo Estado, burguesia nacional e filiais das multinacionais. E seria ilusório esperar que as filiais viessem produzir aqui algo distinto do que já produziam em seus países de origem. Não é por outra razão que, sob o impulso da difusão dos bens de consumo duráveis e da constituição do sistema de multinacionais, avança rapidamente no pós-guerra a difusão do "padrão americano de industrialização" por todo o mundo capitalista industrializado⁽¹⁾.

Em termos gerais, ou seja afetando o conjunto dos países capitalistas, este processo de difusão vai generalizar um certo padrão de consumo, nucleado pelos bens de consumo duráveis, obviamente moldado pelo nível e distribuição das rendas nacionais.

No que se refere aos países centrais, a tendência foi de aproximarem suas estruturas produtivas àquela vigente no padrão dominante, dando origem inclusive a uma futura competição internacional bastante acirrada.

Já entre os países da periferia capitalista, só alguns poucos conseguem se capacitar para o salto da industrialização pesada e, assim, reproduzir não só a estrutura de consumo, mas também a estrutura de produção do "padrão americano". É o que se passa com o Brasil e com os chamados "tigres asiáticos".

Em resumo, o parque industrial que se instalaria em nosso país com o salto da industrialização pesada não poderia diferir qualitativamente daquilo que conformava o "padrão tecnológico" do

(1) Cf. TEIXEIRA, Aloísio - O MOVIMENTO DA INDUSTRIALIZAÇÃO NAS ECONOMIAS CAPITALISTAS CENTRAIS NO PÓS-GUERRA. Texto para discussão nº 25, IEI/UFRJ.

capitalismo mundial. Seja pela necessidade de se dotar de condições mínimas de competitividade a longo prazo, que implica razoável atualidade tecnológica. Seja pela imposição de maior internacionalização da economia, com o consequente ingresso das filiais de grandes empresas multinacionais.

Estas são as razões que nos levam a concluir que, nas reais condições com que se defrontou o Brasil, nosso processo de industrialização só poderia se traduzir pela implantação simultânea dos setores "pesados" produtores de insumos básicos (aço, energia elétrica, plásticos, borracha, petróleo, etc. das indústrias química, petroquímica, siderúrgica, de energia); de bens de capital (máquinas e equipamentos produzidos pelas indústrias metal-mecânica e eletro-eletrônica); e de bens de consumo duráveis (montadoras e auto-peças, da indústria automobilística; eletro-domésticos; etc.).

E isto se fazendo acompanhar da melhoria da rede de transportes (portos, rodovias), de comunicações e de outros serviços "produtivos". O que se desdobraria em avanços nos demais serviços (financeiros, marketing, pessoais, etc.) e na comercialização.

Ou seja, por sucessivos encadeamentos vai se constituindo aquilo que se convencionou chamar de "modelo dos duráveis", que nada mais é do que a estrutura produtiva típica do capitalismo monopolista, ao menos na forma como se constituiu ao longo do século XX. E sua adoção no Brasil, e outros NIC's do sudeste asiático, não foi uma opção mas uma imposição do estágio de desenvolvimento alcançado pelo capitalismo.

Em nosso juízo, boa parte das análises críticas sobre os dilemas da industrialização e do desenvolvimento sócio-econômico latino-americano e brasileiro estão permeadas pela idéia básica de que houve uma opção pela implantação do chamado "modelo" dos bens de consumo duráveis. Opção pressupõe alternativas distintas e, de fato, depreende-se destas

análises a crença na possibilidade de uma industrialização baseada na articulação do setor produtor de bens de produção com o setor produtor de bens de consumo não duráveis, mais "baratos" que os duráveis e de menor complexidade tecnológica.

Esta seria a via nacional e autônoma para o capitalismo latino americano, sob o comando do Estado e da burguesia nacionais e livre da dependência estrangeira, pois seria sustentada por uma tecnologia aqui desenvolvida e adequada à nossa dotação de recursos naturais e de mão-de-obra (abundante e predominantemente desqualificada). Além disso, o funcionamento desta economia de produtos "baratos" seria compatível com os mercados existentes em sociedades marcadas pelo baixo nível de poder aquisitivo da imensa maioria da população. E quando nossas economias estivessem razoavelmente desenvolvidas e as populações suficientemente integradas ao mercado, poderíamos caminhar gradativamente em direção aos setores tecnologicamente mais complexos.

Em suas linhas básicas, tal concepção está presente nas formulações pioneiras da CEPAL que, deve ser ressaltado, constituem uma das mais valiosas contribuições ao pensamento progressista latino-americano. Constata-se nestas análises, que o problema central dos países que se industrializaram na América Latina é o de reproduzir a estrutura de oferta das sociedades centrais (cujo núcleo dinâmico são os bens de consumo duráveis...)⁽¹⁾. Daí sua proposta de reconversão da estrutura produtiva, deixando de enfatizar os "bens de luxo" em favor do setor de bens de consumo não duráveis, dos modelos "standards" dos duráveis e dos encadeamentos com o setor de bens de produção.

Cabe ainda apontar que também se atribua a este "modelo" de industrialização uma baixa capacidade de geração de empregos "modernos".

 (1) Por exemplo, conforme artigos reunidos em SERRA, José (coord.) - AMÉRICA LATINA - ENSAIOS DE INTERPRETAÇÃO ECONÔMICA. São Paulo, Paz e Terra.

Mais recentemente, e após as contribuições de Paulo Renato⁽¹⁾ e Conceição Tavares⁽²⁾, Fajnzylber atualiza e reformula alguns aspectos desta interpretação⁽³⁾. Este último autor, ao examinar o desenvolvimento capitalista do pós-guerra constata que, tanto nos países centrais, como nos países industrializados da América Latina, o "modelo dos duráveis" é extremamente dinâmico na geração de empregos "modernos" (com destaque para a metal-mecânica).

Matizando a crítica ao "modelo dos duráveis", ainda que com certa ambiguidade, FAJNZYLBER considera que nosso padrão de industrialização é inadequado devido à fragilidade do setor produtor de bens de capital (com a consequente preponderância do setor produtor de bens de consumo duráveis na indústria metal-mecânica), que decorre da liderança das empresas transnacionais, da falta de vocação industrial do empresariado latino americano e do protecionismo "frívolo" (que incentiva a importação de bens de capital). Assim, propõe que a alteração no padrão de industrialização se dê com a crescente importância do setor nacional produtor de bens de capital (tal como o II PND, do governo Geisel).

Como já o dissemos anteriormente, a análise das condições que devem ser atendidas para que um país realize sua industrialização capitalista em meados do século XX, indica que um padrão de industrialização distinto daquele representado pelo "modelo dos duráveis" não se revestia da necessária factibilidade histórica.

(1) Cf. SOUZA, Paulo Renato Costa - A DETERMINAÇÃO DOS SALÁRIOS E DO EMPREGO NAS ECONOMIAS ATRASADAS. Tese de Doutorado, Campinas, IFCH-UNICAMP, 1980, mimeo.

(2) Cf. TAVARES, Maria da Conceição - ACUMULAÇÃO DE CAPITAL E INDUSTRIALIZAÇÃO NO BRASIL. Op. cit.

(3) Cf. FAJNZYLBER, Fernando - LA INDUSTRIALIZACIÓN TRUNCA DE AMÉRICA LATINA. México, Nueva Imagem.

Esta forma de compreender nosso processo de industrialização não impede, contudo, que se percebam as graves injunções advindas dos profundos desequilíbrios setoriais, com a fragilidade do setor de bens de capital e o consequente predomínio do setor de bens de consumo duráveis (notadamente na indústria metal-mecânica), e de suas repercussões na dinâmica cíclica. Da mesma forma, não se ignora que a implementação de uma alternativa distributiva no Brasil, sem dúvida requer significativa expansão do setor produtor de bens de consumo não duráveis. Ocorre que são questões distintas!

A seguir procuraremos estabelecer esta distinção crucial.

b. "Modelo dos Duráveis" e Exclusão Social

Uma vez examinados os contornos básicos do nosso padrão de industrialização, cabe agora situar as principais características do nosso processo de desenvolvimento já em bases industriais avançadas. Também aqui, em boa parte das análises críticas mais influentes estabelece-se uma associação sem mediações entre exclusão social e adoção do "modelo dos duráveis".

É certo que uma das principais características do padrão brasileiro de desenvolvimento será a de combinar o elevado dinamismo econômico com o mais vergonhoso descaso social, agravando as carências sociais, a miséria e a marginalidade urbana.

Entretanto, esta péssima situação social não deve ser atribuída diretamente à montagem entre nós da estrutura produtiva característica do capitalismo do século XX, o chamado "modelo dos duráveis". E isto porque este mesmo acontecimento não provocou resultados idênticos em todos os países que o realizaram.

Esta associação, sem mediações, se choca com o que se passou nos países europeus desenvolvidos, do pós-guerra até a presente crise mundial. Também nestes países são os bens duráveis de consumo, o ramo mais dinâmico da economia e o que comanda esta fase expansiva, com a reprodução entre eles do "padrão americano" de industrialização. E, ao contrário do ocorrido entre nós, o progresso social foi marcante.

É óbvio que as distinções estruturais existentes entre a realidade dos países capitalistas centrais e a nossa são brutais⁽¹⁾. Porém, as estruturas econômicas não são capazes de, por si só, explicar o que se passa no campo social (e político). Igualmente relevante é a conduta que assumem o governo e a sociedade diante dos desequilíbrios sociais. O certo é que nos países centrais, por força da pressão dos segmentos organizados da sociedade e pela ascensão ao poder de governos sensíveis aos problemas sociais, o dinamismo econômico serviu de base para a elevação dos salários reais e para a implantação dos programas do "welfare state".

Porém, mesmo se buscarmos comparações na periferia capitalista, entre os países de industrialização tardia, a situação vigente nos "tigres asiáticos" revela uma gritante disparidade (para melhor, é claro) em relação à situação social brasileira.

Podemos então admitir que o chamado "modelo dos duráveis" possibilita distintos estilos ou padrões de desenvolvimento, que

(1) Bastaria apontar as disparidades que se verificam nos níveis de investimento e produção de bens de capital e de bens intermediários; na intensidade do progresso técnico; nos volumes das exportações industriais; etc.

simplificaremos chamando-os de distributivo e concentrador⁽¹⁾. Assim, em nosso entendimento, o caráter concentrador do nosso padrão de desenvolvimento não é inexorável, mas sim resulta da forma como se implantou e se desenvolveu entre nós o chamado "padrão americano de industrialização", que era o dominante a nível do capitalismo mundial no momento da plena constituição do capitalismo brasileiro. É o que vamos discutir a seguir.

c. Comando Conservador e Exclusão Social

Descartada a explicação do caráter excludente de nosso padrão de desenvolvimento através do "modelo dos duráveis", cabe então apresentar os traços básicos da interpretação que adotamos.

Resumindo a argumentação em poucas palavras, o estilo concentrador seria decorrência do comando conservador exercido sobre nosso processo de desenvolvimento, ou seja, da forma conservadora como foram tratadas as questões estruturais que tiveram que ser enfrentadas ao longo de nossa história.

E estas injunções estruturais precisam ser consideradas antes mesmo de outros aspectos, uma vez que deve-se recusar o "voluntarismo romântico" que entende que a solução da questão social no Brasil é algo simples e que depende "apenas" de decisões políticas factíveis e ao alcance do povo brasileiro. É certo que o deslocamento político do conservadorismo é condição necessária ao progresso social no Brasil.

(1) Esta possibilidade já está presente em SOUZA, Paulo Renato C., quando estabelece que "O padrão salarial vigente em cada situação histórica não é, pois, o único possível, nem o único compatível com uma dada estrutura produtiva", devendo ser considerado também o "poder de mercado das grandes empresas e dos sindicatos". Cf. SOUZA, Paulo Renato Costa - A DETERMINAÇÃO DOS SALÁRIOS E DO EMPREGO NAS ECONOMIAS ATRASADAS. Op. cit., p. 47.

Contudo, além de se impor que se qualifique melhor o que se entende por conservadorismo, é totalmente equivocado não levar na devida conta as imposições absolutas que decorrem do atraso na constituição do capitalismo no Brasil, e das pesadas heranças que se colocam ao Brasil "moderno".

Este raciocínio pode ser desenvolvido a partir do exame das raízes de nossa questão urbana, por exemplo. Neste sentido, merece ser enfatizado o fato de que quando ingressamos na fase da industrialização pesada o país já conta com um quadro de generalizadas carências sociais e miséria⁽¹⁾. Em grande medida, este legado histórico do passado colonial, da escravidão, da fase "primário-exportadora", se materializava na primeira metade do século XX na miséria rural e no difícil acesso à posse de terra.

Assim, a acelerada urbanização que ocorre desde a década de 1950 foi marcada profundamente por estas heranças, através da amplitude e da intensidade dos fluxos migratórios do campo para a cidade, compostos majoritariamente de massas miseráveis. Embora o desenvolvimento econômico tenha sido intenso e com elevado dinamismo na geração de empregos "modernos"⁽²⁾, não se consegue a plena incorporação destas massas e tem-se o "inchamento" dos centros urbanos maiores e as demandas sociais crescem a níveis explosivos, especialmente no que se refere à habitação, saneamento básico, saúde, educação, transportes coletivos, segurança pública, etc.

(1) Sobre a natureza e implicações destas heranças ver TAVARES, Maria da Conceição - PROBLEMAS DE INDUSTRIALIZACIÓN AVANZADA EN CAPITALISMOS IARDIOS Y PERIFÉRICOS. In: Economia de América Latina, v. 6, CIDE, México, 1981.

(2) Cf. SOUZA, Paulo Renato Costa - A DETERMINAÇÃO DOS SALÁRIOS E DO EMPREGO NAS ECONOMIAS ATRASADAS. Op. cit.

Destas considerações já é possível recolhermos alguns dos elementos básicos do conservadorismo que marca nosso "estilo" de desenvolvimento capitalista, e que perpassa a sociedade e as instituições.

Um de seus aspectos essenciais é a ausência de reforma agrária⁽¹⁾ que, entre outros efeitos, atenuaria a intensidade dos inevitáveis fluxos migratórios do campo para a cidade. Mais do que isto, tal medida tenderia a melhorar a própria "qualidade" destes fluxos, uma vez que é totalmente distinta a situação de um jovem (ou adulto) que vai para a cidade tendo como retaguarda uma pequena propriedade familiar, de outro coitado que foi atirado com mulher e filhos na periferia das grandes cidades. Estes últimos, em grande parte desqualificados profissionalmente e doentes, irão se defrontar com pouca ou nenhuma assistência social conformando uma situação de extrema precariedade, apenas atenuada pelo desenvolvimento econômico.

E é justamente na ausência de corajosas políticas públicas voltadas aos miseráveis e desassistidos que reside outro aspecto fundamental do conservadorismo brasileiro. E, nesta fase recente da nossa história, este descaso social vai se constituindo já na passagem de Getúlio para Juscelino. Com efeito, o projeto de desenvolvimento econômico do segundo governo de Vargas era acompanhado, com igual ênfase, de programas para as áreas sociais, voltados sobretudo para a massa de trabalhadores urbanos⁽²⁾. O objetivo era não só a melhoria da distribuição

(1) A estruturação do regime da grande propriedade rural, e sua sobrevivência histórica, é analisada em SILVA, Lígia Maria Osório - A Lei da Terra (um estudo sobre a história da propriedade da terra no Brasil). Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, PUC-SP, 1990, mimeo.

(2) Cf. DRAIBE, Sonia M. - RUMOS E METAMORFOSES. São Paulo, Brasiliense, 1984.

de renda - com destaque para políticas de salário e emprego - como também a elevação das condições básicas de vida da população urbana em geral, através de um conjunto de medidas relativas ao transporte de massa; ao abastecimento de gêneros alimentícios; aos serviços públicos na área de educação, saúde e habitação.

É certo que o traço modernizante de Getúlio encontra um de seus limites no compromisso com a oligarquia rural, com ausência de proposta de reforma agrária. Contudo, ao lado de respeitar a "correlação de forças" políticas, seu plano de desenvolvimento apontava na direção correta, uma vez que pretendia preparar os centros urbanos para receberem os fluxos migratórios que resultariam do avanço do capitalismo, tornando a urbanização menos "selvagem" do que se passou efetivamente. E isto, quando mais de 70% dos trabalhadores ainda se encontravam no campo!

Já no Plano de Metas de Juscelino, os gastos sociais são relegados a um plano obscuro. Representam menos de 7% dos investimentos requeridos pelo Plano - restringindo-se às áreas de alimentação e educação - e os programas não foram plenamente implementados, ao contrário do que ocorreu com as metas de energia, transportes e indústrias de base⁽¹⁾. Por outro lado, no papel decisivo que o Estado assumiu na articulação política que viabilizou a harmonização dos interesses dominantes - e que se traduz na montagem do "tripé" formado pela empresa nacional, filiais das multinacionais e empresas estatais -, a questão social foi abandonada. No plano social, o caráter progressista praticamente se restringe à relevante, porém insuficiente, proteção do salário mínimo.

(1) Cf. LESSA, Carlos - QUINZE ANOS DE POLÍTICA ECONÔMICA. São Paulo, Brasiliense, 1975.

Entretanto, o momento decisivo para a definição dos rumos que tomou nosso processo de desenvolvimento, foi o enfrentamento da crise que seguiu-se ao salto da industrialização pesada, por volta de 1962/63. Os dois projetos de desenvolvimento se confrontaram neste momento: o distributivo, com a proposta das "Reformas de Base", e o concentrador com o combate à "demagogia distributivista", à "república sindicalista" e reclamando a ordem contra a "anarquia e o caos".

Esta disputa foi resolvida em 1964 através da mais dramática derrota das forças populares, cujas consequências se projetam até os dias atuais. É assim que no período 1965/67, os vitoriosos implementam um conjunto de reformas conservadoras, que acentuam o caráter concentrador do nosso desenvolvimento⁽¹⁾.

Desta forma, no próprio momento do enfrentamento da crise econômica já vai se definindo o caráter excludente e socialmente perverso que caracterizará o chamado "milagre brasileiro" - que se inicia em 1968 e perdura até meados da década de 1970. Nesse período, o conservadorismo na formulação da política econômica e social é acompanhado pelo férreo autoritarismo político, unidos pelo que possuem em comum: uma profunda aversão aos interesses e necessidades populares.

Assim, o traço fundamental da gestão conservadora que prevaleceu nos momentos cruciais do nosso processo histórico é o de circunscrever as melhorias sociais como mero desdobramento do crescimento econômico. Ou seja, o próprio desenvolvimento solucionaria os graves problemas sociais.

(2) Cf. GUIMARÃES, Cláudia - 1964. ESTADO E ECONOMIA: A NOVA RELAÇÃO. Tese de doutoramento, Campinas, IE/UNICAMP, 1990, mimeo; e também cf. MELLO, João Manuel C. de & BELLUZZO, Luiz G. M. - Reflexões Sobre a Crise Atual. In: Desenvolvimento Capitalista no Brasil. Org. BELLUZZO, Luiz G. M. & COUTINHO, Renata R. - São Paulo, Brasiliense, 1982.

Entre outras consequências, esta orientação leva a que o Estado dedique-se prioritariamente a promover o crescimento econômico, descuidando-se irresponsavelmente da atenção social. Por outro lado, é complacente ou solidário com a super-exploração da força de trabalho, através da política salarial e da repressão aos sindicatos mais combativos.

Ou seja, cuida-se a qualquer custo de promover a geração de oportunidades e permite-se que os mais capacitados ou favorecidos se beneficiem... e os prejudicados que se cuidem. Por isso, os conservadores são igualmente os mais eufóricos apologistas das virtudes do "livre" desenvolvimento capitalista e da geração de oportunidades que promove⁽¹⁾

Para os apologistas as camadas médias urbanas são exatamente a "vitrine" que exhibe as virtudes da competição pelas oportunidades geradas. E, num certo sentido, estes segmentos sociais são fruto do conservadorismo, uma vez que vão se conformando ao longo de um desenvolvimento comandado por esta concepção de economia, sociedade e estado.

Em outras palavras, mobilidade e ascensão sociais são fenômenos extremamente relevantes no Brasil do pós-guerra, notadamente no período do "milagre", porém ocorrem nos marcos do conservadorismo. É certo que a expansão da nova classe média urbana resulta do próprio desenvolvimento econômico, na forma como ele se processa no capitalismo

(1) Cf. GUDIN, Eugênio - in: A CONTROVÉRSIA DO PLANEJAMENTO NA ECONOMIA BRASILEIRA. Coletânea da Polêmica Simonsen - Gudín, op. cit; CAMPOS, Roberto de O. - ENSAIOS DE HISTÓRIA ECONÔMICA E SOCIOLOGIA. Rio de Janeiro, APEC, 1964 (2ª ed.); SIMONSEN, Mário Henrique - ENSAIOS SOBRE ECONOMIA POLÍTICA: 1964-69. Rio de Janeiro, APEC, 1971.

do século XX. Porém, no Brasil, os marcos da afluência social foram profundamente delimitados pela orientação conservadora imprimida à condução dos negócios e do estado, e que atinge também boa parte das instituições nacionais.

Isto fica claro quando se examina, por exemplo, a política salarial pós-1964, com contenção dos salários de base e abertura do leque salarial em benefício dos níveis mais elevados. Ou para o funcionamento do Sistema Financeiro Habitacional, com parcela majoritária dos recursos destinados ao financiamento de imóveis residenciais sendo comprometidos com as faixas superiores de rendimentos.

Entretanto, o conservadorismo não se circunscreve à órbita do Estado. Na sociedade ele também se faz presente e não se restringe às elites dirigentes, mas se dissemina entre os remediados que igualmente nutrem profundo preconceito em relação aos menos favorecidos. É assim que a situação dos miseráveis é atribuída à sua própria "vagabundagem", abstraindo-se todo descaso social para com os "redundantes".

É óbvio que a situação dos remediados pode se revelar razoavelmente reconfortante numa sociedade tão excludente como a nossa, com péssimo perfil de distribuição de renda e com brutais desequilíbrios sociais. Principalmente num meio social que atribui sua ascensão exclusivamente a méritos pessoais e que é marcado pela ausência dos valores humanistas cultivados pela cultura universal. São estes os sentimentos que parecem prevalecer nos segmentos melhor estruturados das camadas médias, que ascenderam rapidamente e ainda (?) se encontram em estado "bruto" quanto à sociabilidade, com a arrogância e prepotência características. Daí a preocupação de fundo, que em grande medida inspira esta reflexão: qual seria o comportamento das extremamente influentes camadas médias diante dos sérios desafios e dificuldades para se implementar uma alternativa de desenvolvimento distributivo no Brasil?

d. Desenvolvimento distributivo e classes médias

A associação direta entre "modelo dos duráveis" e exclusão social também pode levar ao sério equívoco político de se estabelecer uma incompatibilidade quase absoluta entre os interesses das classes médias e uma alternativa de desenvolvimento distributivo.

Para desenvolver este aspecto que reputamos essencial, vamos examinar uma formulação que consideramos emblemática da visão predominante entre os setores progressistas do pensamento econômico brasileiro e latino americano, já nas décadas de 50 e 60 e avançando pelos anos seguintes. Trata-se do trabalho de Celso Furtado - um dos mais ilustres representantes da CEPAL no Brasil -, sugestivamente intitulado "Um Projeto para o Brasil" e voltado à elaboração de uma alternativa de desenvolvimento distributivo⁽¹⁾.

Refletindo sobre os resultados imediatos do nosso processo de industrialização, FURTADO entende que a debilidade fundamental da economia brasileira residiria na deformação estrutural do perfil da demanda global, fruto da elevada concentração da riqueza e da renda, que restringe o mercado de bens industriais, nele sobressaindo-se os bens "de luxo" (entenda-se, os bens de consumo duráveis). Tal deformação provoca a lenta difusão do progresso técnico na estrutura industrial e limita o acesso aos benefícios advindos das melhorias de produtividade. Ou seja,

(1) Cf. FURTADO, Celso - UM PROJETO PARA O BRASIL. Rio de Janeiro, Ed. SAGA, 1969. Uma abordagem inicial desta temática foi efetuada em QUADROS, Waldir José de - O Estado e a Ordem Econômica e Social: breve revisão bibliográfica. In: PROCESSO CONSTITUINTE. A ORDEM ECONÔMICA E SOCIAL. FUNDAP, São Paulo, 1987; e também cf. Mobilidade Estrutural e Grupos Ascendentes: Nova Classe Média, in: URBANIZAÇÃO E ESTRUTURA OCUPACIONAL REGIONAL DO ESTADO DE SÃO PAULO - 1970/1980 - Convênio SEPLAN/FECAMP, Campinas, 1988, mimeo.

verifica-se um "processo causal circular entre a forma como se assimila a tecnologia moderna e a concentração da renda" (1).

Deste diagnóstico decorre a terapia que propõe: alterar profundamente este deformado perfil de demanda global, ao lado de outras medidas complementares que enfrentassem a inadequação da estrutura agrária; o poder de intervenção na política econômica por parte das grandes empresas, especialmente no que se refere às filiais multinacionais; as restrições na capacidade para importar; e, o notável atraso científico e tecnológico.

Indo direto ao ponto que queremos destacar, para FURTADO o aspecto principal do problema localiza-se em condicionar adequadamente o perfil da demanda por produtos de consumo final. Em poucas palavras, trata-se de reduzir a demanda por produtos de consumo restrito às camadas de altas rendas (os bens de consumo duráveis), em favor dos produtos de consumo generalizado (os bens de consumo não duráveis). A partir daí as indústrias se ajustariam ao novo perfil da demanda, ocorrendo a pretendida transformação da estrutura industrial. Com isso, os fatores "semi-ociosos" (o excedente de mão-de-obra) seriam utilizados mais amplamente, os mercados se ampliariam e seria facilitada a maior difusão do progresso técnico.

O elemento central dessa estratégia reside na alteração dos preços relativos, gravando os produtos "de luxo" de forma a "passar a esponja numa parte do poder de compra de uma minoria, liberando uma quantidade significativa de fatores escassos: capital, mão-de-obra especializada, capacidade para importar"(2).

(1) Cf. FURTADO, Celso. Um Projeto para o Brasil. Op. cit., p. 15.

(2) Idem, p. 55.

Para o autor, a implementação de uma alternativa distributiva combinaria: o aumento do emprego e renda nos segmentos populares urbanos e rurais; a decorrente e significativa expansão na produção de bens de consumo popular e nos demais setores interligados, especialmente nos ramos de bens de capital e insumos básicos; o fortalecimento da pequena e média empresa e o controle da grande; e outras medidas desta natureza.

O aspecto mais problemático desta formulação surge quando se entende que esta trajetória requer, para sua efetivação, severa restrição à demanda de bens duráveis de consumo, com o "congelamento" do respectivo segmento industrial⁽¹⁾. No limite, tal orientação implicaria exatamente em se recusar a única fonte de dinamismo econômico e social facultada pelo desenvolvimento capitalista nesta etapa histórica. E, como se sabe, o dinamismo foi condição básica para que se promovesse significativas melhorias sociais em diversos países capitalistas.

Por outro lado, e como consequência, esta concepção advoga a redução absoluta da renda dos consumidores típicos dos bens de consumo duráveis, com o que se provocaria a desejada retração dos investimentos no respectivo setor produtivo⁽²⁾.

Este raciocínio permite, entre outras, duas ordens de objeções. Em primeiro, desconsidera uma melhoria na distribuição de renda advinda do crescimento mais rápido da renda dos setores da base da pirâmide, frente aos do topo. Ou seja, através de uma alteração relativa e não absoluta.

(1) Ainda que FURTADO tenha a cautela de recomendar que "A transição teria que ser gradual a fim de evitar desemprego significativo nas indústrias que atualmente produzem para os grupos de altas rendas". Idem, p. 57.

(2) Idem, p. 54.

Em segundo, os desdobramentos políticos desta forma de pensar o problema tende a promover a inclusão do conjunto da classe média urbana entre os prejudicados pela alternativa distributiva, já que são os "principais" consumidores de bens duráveis de consumo, ... junto com a grande e pequena burguesias. Não é preciso insistir aqui sobre as implicações políticas desta formulação.

Entretanto, deve ser ressaltado que FURTADO refere-se explicitamente apenas aos "10% mais ricos", o que atingiria apenas os segmentos superiores das classes médias. Contudo, o sentido mais geral de sua formulação pode conduzir àquela equivocada generalização.

Embora por razões distintas daquelas imaginadas pelo autor, parece óbvio que uma alternativa distributiva impactaria diretamente sobre os mais ricos, por exemplo, através da justiça tributária, do encarecimento dos serviços pessoais, da restrição aos privilégios mais escandalosos, etc. Entretanto, eles também se beneficiariam da melhoria das condições gerais da vida em sociedade, o que pode levar a que expressivos segmentos sociais bem situados identifiquem-se com uma proposta mais avançada e concordem em dar sua contribuição. Ainda que tal comportamento pareça muito remoto, ele também não pode ser descartado em termos absolutos.

Por outro lado, não se deve desconhecer a enorme diversidade de situações existentes entre as classes médias, com ampla faixa de precariedade "objetivamente" interessada num estilo distributivo de desenvolvimento. Nos próximos capítulos vamos tratar exatamente de situar estes traços básicos da estrutura da nova classe média brasileira.

CAPÍTULO II - Gênese e desenvolvimento da Nova Classe Média Brasileira

1. A tipologia adotada

De posse das referências gerais, vamos agora apresentar a fonte dos dados utilizados e a tipologia das "ocupações típicas de classe média" adotada nesta tese.

A fonte dos dados primários utilizados neste trabalho são as tabulações especiais das amostras de 25% dos Censos Demográficos do IBGE de 1970 e 1980, suportes de um amplo programa de pesquisas desenvolvidas no Instituto de Economia da UNICAMP.

Por outro lado, a maior parte dos dados secundários resultou do próprio processamento destes dados primários, executado no âmbito de pesquisas que o autor participou. Uma destas pesquisas se destaca ao facultar um subsídio fundamental, que é a compatibilização intercensitária dos grupos ocupacionais de 1970 e 1980, consolidada pelo Prof. Carlos Américo Pacheco⁽¹⁾.

A partir da caracterização da Nova Classe Média efetuada por WRIGHT MILLS vamos analisar a classe média urbana e não proprietária.

É óbvio que o estudo do "pequeno negócio" urbano constitui outro passo importante para a compreensão da atual realidade social brasileira. Entretanto, os dados censitários hoje disponíveis não permitem avançar muito nesta direção. Como se apresentará no capítulo V, podemos

(1) Cf. Análise do Mercado de Trabalho e Emprego na Região Metropolitana de São Paulo entre 1970 e 1980 - Convênio FECAMP/SEADE, Relatório Parcial de Andamento, Campinas, maio de 1989, mimeo.

apenas obter uma visão parcial e eminentemente introdutória deste segmento, a partir das ligações familiares que se estabelecem entre trabalhadores de classe média e proprietários.

Seria extremamente relevante identificar, entre os proprietários, o importante segmento característico do "novo pequeno negócio", composto de micro empresários no ramo do vestuário e da moda, da indústria cultural, da informática, etc.. Seus titulares constituem importante ponto de contato com os profissionais de classe média, sobretudo aqueles melhor situados, muitas vezes intercambiando suas posições ou compartilhando-as no âmbito familiar, com um dos cônjuges ocupando, por exemplo, um cargo de executivo e o outro, ou seus filhos, comandando alguma das referidas micro-empresas.

Entretanto, da forma como os dados se apresentam é possível distinguir apenas os contornos aproximativos de um importante segmento que se poderia chamar de "antigo pequeno negócio" urbano, formado pelo expressivo contingente de proprietários por conta própria, que embora estabelecidos atuam sem mão-de-obra assalariada, concentrando-se fundamentalmente no comércio (por ex.: pequenas quitandas) e nos serviços de higiene pessoal e alimentação (por ex.: donos de pensão)⁽¹⁾.

Mesmo aqui não são possíveis análises mais conclusivas. O desempenho deste segmento ao longo da década de 1970 revela uma retração dos proprietários por conta própria no conjunto dos proprietários. Esta retração é mais acentuada nas metrópoles do sudeste e bem menos sensível nas do nordeste.

(1) Cf. QUADROS, Waldir J. de - Regiões Metropolitanas Seleccionadas. Mobilidade Estrutural e Grupos Ascendentes: Nova Classe Média. In: ANÁLISE DO MERCADO DE TRABALHO E EMPREGO NA REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO ENTRE 1970 E 1980. Convênio FECAMP/SEADE, Relatório Final, Campinas 1989, mimeo, pp. 5 a 11.

Este comportamento parece apontar para a intensa modernização ocorrida nos mecanismos de distribuição nas metrópoles do sudeste, ao lado de uma maior "resistência" (ou menor dinamismo) do pequeno comércio nas do nordeste. Contudo, uma avaliação mais qualitativa é impossível de ser realizada. Os retrocessos relativos e mesmo absolutos resultam da atrofia ou destruição do pequeno negócio tradicional ou, ao contrário, expressam seu progresso, com uma parcela considerável ascendendo à condição de empregadores - que revelam sensível expansão na década? E os pequenos negócios restantes, permanecem estagnados ou estariam sofisticando-se? Apresentam as mesmas características em 1970 e em 1980?

Todas estas indagações a respeito do pequeno negócio urbano, "novo" ou "antigo", só poderão ser esclarecidas no contexto de um outro estudo específico, que no futuro pretendemos realizar em nova linha de pesquisas.

Isto posto, passemos à tipologia das "ocupações típicas de classe média".

O contingente mais numeroso de trabalhadores em ocupações típicas de classe média se encontra em funções relacionadas com a Gestão, que a seguir serão discriminadas.

. Administradores, Gerentes e Chefes

Por imposição da compatibilização dos Censos de 1970 e 1980 este grupo é marcado por uma acentuada heterogeneidade. Engloba tanto os altos postos hierárquicos, do setor público e privado, ligados ao comando e gestão da produção e do processo de trabalho, bem como ocupações de menor qualificação tais como os assistentes e técnicos administrativos.

. Auxiliares de Escritório

Inclui um numeroso contingente de datilógrafas, secretárias, operadores de máquinas de escritório, arquivistas, recepcionistas, escrevões, auxiliares administrativos, bibliotecários, etc.

. Ocupações Burocráticas de Natureza Específica

Neste grupo são reunidos trabalhadores de escritório com maior nível de qualificação, ou com qualificação específica, tais como fiscais, inspetores, almoxarifes, digitadores e operadores de processamento de dados, etc.

. Economistas e Contadores - nível superior

Como o nome já indica, neste grupo são incluídos os profissionais de nível superior das áreas de Contabilidade e Economia.

. Técnicos de Contabilidade - nível médio

Este grupo é formado pelas mesmas ocupações do grupo anterior, quando seus ocupantes não possuem curso superior.

. Mestres e Contramestres

Reúne os mestres, contramestres e alguns outros técnicos com posição intermediária no processo produtivo.

O segundo contingente mais expressivo de trabalhadores em ocupações típicas de classe média atua na Distribuição (e na área bancária) e são apresentados em seguida.

. Lojistas e Caixas

Embora este numeroso grupo ocupacional seja bastante heterogêneo, incluindo até mesmo modelos de moda e manequins, o exame dos rendimentos - efetuado mais à frente - indica o predomínio absoluto de uma enorme massa formada por todo o tipo de balconistas e caixas mal remunerados.

. Outras Ocupações do Comércio

Este grupo é composto por ocupações melhor situadas, como os agentes e representantes, operadores e corretores, avaliadores, propagandistas, etc.

Atuando em Atividades Sociais encontra-se o terceiro segmento mais expressivo de ocupações típicas de classe média, a seguir discriminadas:

- Médicos, Dentistas e Enfermeiros Diplomados

Aqui estão reunidos os profissionais de nível superior da área de saúde.

- Ocupações Auxiliares da Área de Saúde

Este é outro grupo bastante heterogêneo que, embora englobando várias ocupações mais qualificadas - como acadêmicos de hospital, técnicos em nutrição, ortopedia, radiologia, protéticos e outros -, o exame dos rendimentos médios aponta o absoluto predomínio de enfermeiras e atendentes mal remuneradas.

- Professores Primários e Inspetores de Ensino

É o grupo mais numeroso da área social, incluindo uma ampla variedade de professores, alfabetizadores, instrutores, monitores, orientadores, supervisores, inspetores, etc.

- Professores Secundários e Superiores

Além dos professores propriamente ditos, engloba os assistentes e pesquisadores universitários.

Outro agrupamento relevante de trabalhadores típicos de classe média encontra-se nas Ocupações Técnicas, que são apresentadas em seguida.

- Engenheiros e Arquitetos

Reúne os profissionais de nível superior da área de engenharia e arquitetura.

- Ocupações Auxiliares de Engenharia e Arquitetura

Este grupo engloba os auxiliares técnicos da área de engenharia e arquitetura, como agrimensores, cartógrafos, desenhistas, topógrafos, técnicos em edificações, etc.

- Outras Ocupações Técnicas e Científicas de nível superior

Trata-se de um grupo de profissionais universitários bastante diversificado, reunindo químicos, farmacêuticos, físicos, geólogos, bioquímicos, meteorologistas, agrônomos, biólogos, veterinários, laboratoristas, matemáticos, estatísticos, analistas de sistemas,

programadores, sociólogos, demógrafos, assistentes sociais, historiadores, politicólogos, magistrados, promotores, advogados, tabeliães, escrivãos, religiosos, escritores, jornalistas, artistas pláticos, decoradores, fotógrafos, músicos, atores, locutores, cinegrafistas, etc.

- Outras Ocupações Técnicas e Científicas de nível médio

Reúne as mesmas ocupações do grupo anterior, englobando os trabalhadores que não possuem curso superior.

O último segmento das ocupações típicas de classe média atua na área da Defesa Nacional e Segurança Pública, englobadas em um único grupo ocupacional apresentado a seguir.

- Ocupações da Defesa Nacional e Segurança Pública

Reúne os oficiais das Forças Armadas, os soldados e praças, os bombeiros, comissários, delegados, inspetores, investigadores, carcereiros, datiloscopistas, etc. , mantidos num único grupo ocupacional por imposições da compatibilização intercensitária.

Finalmente, é necessário ressaltar-se que algumas ocupações típicas de classe média não estão contempladas nesta tipologia. Não havendo correspondência explícita entre os censos de 1970 e de 1980, e não sendo possível inferências seguras, foram remetidas para um grupo residual da estrutura ocupacional geral, denominado "outras ocupações não passíveis de classificação". Entretanto, no capítulo V, em que se utiliza apenas o Censo de 1980, estes grupos foram identificados e incorporados à análise. São eles: profissionais dos transportes, profissionais das comunicações, especialistas na área de saúde, analistas e inspetores e profissionais do esporte.

2. Os contornos da expansão da nova classe média

Vamos agora acompanhar a estruturação da nova classe média, que está intimamente associada aos momentos decisivos do próprio processo de desenvolvimento capitalista no Brasil. A periodicidade dos censos impõe que se delimite o estudo em décadas, o que impede que se obedeça rigorosamente os marcos daquele desenvolvimento. Contudo, desde que corretamente interpretados, os dados decenais propiciam uma razoável aproximação, tal como se evidencia empiricamente.

É assim que as décadas de 1950 e 1960 podem ser tomadas como momento fundamental na gênese da nova classe média urbana, uma vez que na primeira delas são dados os passos decisivos da nossa "industrialização pesada", sob a égide do Plano de Metas do governo Juscelino Kubitschek; e, na segunda, avança a constituição das demais estruturas monopolíticas no âmbito das instituições financeiras, da comercialização, das empresas estatais, dos meios de comunicação, etc.

A tabela no. 1, apresentada a seguir, fornece uma visão aproximada da evolução da classe média desde o pós-guerra⁽¹⁾. Ressalvando que esta mera evolução quantitativa encobre importantes alterações na natureza de muitas ocupações, ela é útil por facultar uma visão panorâmica.

Já em 1950 as ocupações típicas de classe média alcançavam algo em torno de 1/4 da PEA urbana brasileira, sendo que este patamar se mantém razoavelmente estável ao longo da década de 1950. Verifica-se uma

(1) No que se refere aos censos de 1950 e 1960 os dados são eminentemente aproximativos, uma vez que as ocupações foram agregadas com base nos critérios adotados para a compatibilização dos censos de 1970 e 1980. Ou seja, houve uma mera transposição de metodologia de agregação e não uma efetiva compatibilização dos 4 censos.

TABELA No. 1

BRASIL, OCUPACOES TIPICAS DE CLASSE MEDIA, No. DE TRABALHADORES E PARTICIPACAO NA PEA URBANA

DISCRIMINACAO	1.950		1.960		1.970		1.980	
	No. TRABALH.	%	No. TRABALH.	%	No. TRABALH.	%	No. TRABALH.	%
GESTAO	606.179	8,8	967.041	9,3	1.825.364	11,1	4.362.403	14,7
Administradores, Gerentes, Chefes	141.536	2,1	103.705	1,0	414.879	2,5	1.287.200	4,3
Auxiliares de Escritorio	364.642	5,3	678.789	6,5	1.069.737	6,5	2.257.736	7,6
Ocupacoes Burocraticas de Natureza Especifica	22.886	0,3	42.603	0,4	105.979	0,6	233.944	0,8
Economistas, Contadores e Tecnicos de Contabilidade	46.411	0,7	93.905	0,9	143.302	0,9	311.164	1,1
Mestres e Contramestres	30.704	0,4	48.039	0,5	91.467	0,6	272.279	0,9
DISTRIBUICAO	484.925	7,1	663.307	6,4	1.127.124	6,9	1.924.154	6,5
Lojistas e Caixas	444.100	6,6	539.339	5,2	904.117	5,5	1.603.116	5,4
Outras Ocupacoes de Comercio	35.825	0,5	123.468	1,2	223.007	1,4	321.038	1,1
ATIVIDADES SOCIAIS	256.596	3,7	467.353	4,5	986.395	6,0	1.668.959	5,7
Medicos, Dentistas, Enfermeiros Diplomados	40.447	0,6	62.822	0,6	83.070	0,5	164.407	0,6
Ocupacoes Auxiliares da Area de Saude	46.454	0,7	83.259	0,8	155.439	1,0	334.750	1,1
Professores Primarios e Inspectores de Ensino	169.695	2,4	293.779	2,8	631.169	3,8	885.116	3,0
Professores Secundarios e Superiores			27.493	0,3	116.717	0,7	284.686	1,0
DEFESA NACIONAL E SEGURANCA	194.242	2,8	275.447	2,7	448.559	2,7	626.863	2,1
OCUPACOES TECNICAS	142.293	2,1	255.375	2,5	381.725	2,3	768.626	2,7
Engenheiros e Arquitetos	13.862	0,2	31.833	0,3	48.720	0,3	118.556	0,4
Ocupacoes auxiliares de engenharia e arquitetura	13.216	0,2	26.263	0,3	54.692	0,3	150.701	0,5
Ocupacoes tec. e cient. nivel medio e superior	115.215	1,7	197.279	1,9	278.313	1,7	519.369	1,8
TOTAL OCUPACOES SELECIONADAS	1.684.235	24,5	2.628.523	25,4	4.769.167	29,0	9.371.225	31,7
PEA URBANA	6.883.226	100,0	10.341.729	100,0	16.466.866	100,0	29.610.509	100,0

FONTE: IBGE, Tabulacoes Especiais dos Censos Demograficos.

IN: QUADROS, Waldir J. de - Regioes Metropolitanas Seleccionadas - Mobilidade Estrutural e Grupos Ascendentes. Nova Classe Media. Op. cit., p. 27.

razoável expansão nas Atividades Sociais - em especial na área de educação -, e outra mais discreta na área de Gestão, com a massa de trabalhadores envolvidos com a gestão administrativa começando a se distanciar bastante daqueles ocupados com a Distribuição (e Intermediação Bancária) - que apresentam razoável recuo em termos relativos. Tanto nas Ocupações Técnicas como na Defesa Nacional e Segurança Pública o quadro é de estabilidade nos níveis de participação.

É na década de 1960 que ocorre uma sensível mudança de patamar, e as ocupações típicas de classe média atingem 29% da PEA urbana em 1970. Esta inflexão seguramente reflete os passos cruciais que foram dados no sentido da plena constituição do capitalismo brasileiro. Tal como na década anterior, a expansão mais expressiva em termos relativos ocorre nas Atividades Sociais - destacando-se a área de educação -, acompanhada daquela que se verifica na área de Gestão. Na Distribuição (e Intermediação Bancária) verifica-se uma pequena recuperação relativa, e continua estável a participação das Ocupações Técnicas e na Defesa Nacional e Segurança Pública.

A performance da década de 1970 expressa o intenso dinamismo do "milagre brasileiro", que repousa na reprodução e rápido desenvolvimento daquelas estruturas recém implantadas. A participação das ocupações típicas de classe média se aproxima de 1/3 da PEA urbana, basicamente refletindo a forte expansão na área de Gestão. Ao contrário do ocorrido nas duas décadas anteriores, verifica-se uma retração relativa nas Atividades Sociais.

Entretanto, esta performance fica mais nítida quando se observa que, em termos absolutos, um contingente de 4,6 milhões de trabalhadores foi incorporado às ocupações típicas de classe média. É necessário destacar-se que este acréscimo equivale aos 4,8 milhões de trabalhadores existentes em 1970 nestas mesmas ocupações. Ou seja, ao longo desta década agregou-se um contingente equivalente ao "estoque" de postos

acumulados até 1970!

De certa forma, este desempenho reproduz - ainda que com maior intensidade -, aquele verificado na década de 1960, quando a expansão foi de 2,1 milhões de novos postos, frente um contingente inicial de 2,6 milhões. O contraste destas duas décadas com a de 1950 é nítido, uma vez que naquela partiu-se de 1,7 milhão de trabalhadores nestas ocupações e foram agregados outros 945 mil (um acréscimo de 53%).

O exame um pouco mais detalhado do ocorrido ao longo da década de 1970 revela que o maior contingente de novos postos localiza-se na área de Gestão, atingindo 2,5 milhões (55% do acréscimo total). Este acréscimo é superior ao contingente inicial de 1,8 milhão em 1970. Dois grupos operacionais e destacam: os administradores, gerentes e chefes - com um acréscimo de 872 mil novos postos e um estoque inicial de 415 mil -, e os auxiliares de escritório - com um acréscimo de 1,2 milhão e um estoque inicial de 1,1 milhão.

Entre as Ocupações Técnicas também se verifica um grande dinamismo, com um acréscimo de 407 mil novos postos, frente um estoque inicial de 382 mil. Para além desta expressão quantitativa, este desempenho tem um significado qualitativo muito importante, uma vez que o principal grupo ocupacional desta área engloba um segmento bastante diferenciado de profissionais mais qualificados - reunidos na rubrica "outras ocupações técnicas e científicas" -, cujo acréscimo foi de 241 mil novos postos diante de um estoque inicial de 278 mil.

Entre as ocupações características da área de Distribuição (e Intermediação Bancária) a expansão foi de 797 mil novos postos, revelando um acréscimo bastante inferior à posição inicial de 1,1 milhão. O destaque fica por conta dos balconistas e caixas, cujo acréscimo foi de 699 mil frente um estoque inicial de 904 mil.

Nas Atividades Sociais a expansão durante a década de 1970 foi de 683 mil novos postos, também inferior à posição inicial de 986 mil. Dois grupos ocupacionais se destacam: os professores primários e inspetores de ensino - com acréscimo de 254 mil novos postos e estoque inicial de 631 mil -, e os auxiliares na área de saúde -, com acréscimo de 180 mil e estoque inicial de 155 mil.

Finalmente, na área de Defesa Nacional e Segurança Pública a expansão foi de 178 mil novos postos, bastante inferior à posição inicial de 449 mil em 1970.

Quanto à década dos anos 80, ela registrará a problemática da reprodução desta estrutura social recém constituída, num quadro de profunda crise em nosso processo de desenvolvimento.

O significado da década de 1970

A crise cíclica que irrompe na economia brasileira com o desfalecimento do "milagre", somente assume seu significado pleno se inserida no quadro das profundas transformações que estão se manifestando na economia mundial.

E isto, porque na década de 1970 manifesta-se a profunda crise do capitalismo mundial que perdura até nossos dias. Entre outras coisas, esta crise problematiza irremediavelmente o até então vigente quadro de relações internacionais, sejam elas relações comerciais, financeiras, produtivas, diplomáticas, geo-políticas, etc. Envolve, assim, a delicada questão da estrutura de poder mundial e de hegemonia.

Em seu significado mais profundo, esta crise expressa o esgotamento do padrão de desenvolvimento dominante até então (o "americano") e, tal como ocorreu na crise do final do século XIX, em seu bojo está se gestando o novo padrão tecnológico e de desenvolvimento

que será dominante a seguir. Seus componentes produtivos mais visíveis são os novos materiais, a engenharia genética, a biotecnologia, a robótica e a informática, a energia nuclear "limpa", etc.

Assim sendo, e da mesma forma que os demais países industrializados, nossa economia terá que se ajustar a este novo padrão, sob o risco de se tornar irremediavelmente obsoleta. Neste sentido, a crise do "milagre" representa não apenas a crise de um ciclo de acumulação, mas também a conclusão do padrão de desenvolvimento que veio se constituindo desde 1930.

Com isto, ao se examinar as transformações ocorridas durante a década de 1970 e a situação vigente em 1980, pode-se obter uma visão bastante realista dos resultados deste padrão de desenvolvimento no âmbito da classe média.

Devido ao próprio caráter "metropolitano" da nova classe média brasileira, nossas atenções se voltam às grandes aglomerações urbanas, especialmente para as principais metrópoles.

Desde logo, o universo metropolitano se destaca pelas magnitudes populacionais envolvidas, particularmente no que se refere às metrópoles do sudeste. De fato, em 1980, um contingente da ordem de 29% da população nacional vivia nas 9 regiões metropolitanas brasileiras, dos quais 70% residiam no sudeste metropolitano: 37% na Grande São Paulo, 26% na Grande Rio de Janeiro e 7% na Grande Belo Horizonte⁽¹⁾.

(1) Para estes dados e para os que se seguem, relativos às metrópoles brasileiras, cf. IBGE - INDICADORES SOCIAIS: REGIÕES METROPOLITANAS, AGLOMERAÇÕES URBANAS, MUNICÍPIOS COM MAIS DE 100.000 HABITANTES. Rio de Janeiro, 1988.

Em termos de emprego e ocupação o cenário é o seguinte: 32% das pessoas ocupadas em 1980 viviam em metrópoles, com o sudeste metropolitano respondendo por 72% desta parcela, assim distribuídos: 40% na Grande São Paulo, 25% na Grande Rio de Janeiro e 7% na Grande Belo Horizonte. Caso se considere apenas o universo urbano, esta concentração é ainda maior, uma vez que 44% das pessoas ocupadas em atividades urbanas viviam nas regiões metropolitanas, com o sudeste ocupando 73% dos mesmos (40% na Grande São Paulo, 26% na Grande Rio de Janeiro e 7% na Grande Belo Horizonte).

Entretanto, o interesse pelas metrópoles não decorre apenas desta dimensão quantitativa. E isto porque a expansão da nova classe média é um fenômeno tipicamente urbano, e que se manifesta com maior vigor sobretudo nas grandes cidades. É nelas onde se constituem as estruturas econômicas mais avançadas e com maior organicidade do capitalismo brasileiro, retendo inclusive impulsos dinâmicos oriundos das atividades agrícolas mais desenvolvidas.

Desta forma, as transformações ocorridas na estrutura ocupacional das metrópoles brasileiras durante a década de 1970, revelam um dos resultados mais significativos do intenso desenvolvimento que ocorre no período, e seu estudo pode propiciar importantes indicações sobre tendências (e limites) mais gerais.

A análise desenvolvida nos capítulos seguintes contemplará as regiões metropolitanas de São Paulo e Rio de Janeiro, as mais expressivas do sudeste, e as de Recife e Salvador, que se destacam no nordeste⁽¹⁾.

(1) Na Grande São Paulo todos os municípios que a compõem foram contemplados. Nas demais regiões metropolitanas foram incluídos apenas os municípios que em 1980 possuíam mais de 50.000 habitantes. Nestas, a proporção da PEA metropolitana englobada é de 99,7% na Grande Rio de Janeiro, 99,1% na Grande Recife e 98,8% na Grande Salvador.

Em vários momentos serão considerados ainda aspectos da realidade das grandes cidades do interior do Estado de São Paulo - a partir de um grupo de municípios representativos -, uma vez que verificou-se que frequentemente suas estruturas ocupacionais tendem a convergir para o "padrão" definido por sua metrópole⁽¹⁾.

Nas metrópoles selecionadas a participação dos trabalhadores de classe média, em 1980, é equivalente ou superior a 1/3 do contingente de pessoas ocupadas em atividades urbanas (a PEA urbana); com uma rápida expansão ao longo da década de 1970, uma vez que aproximadamente 40% do total de "novos postos"⁽²⁾ urbanos criados refere-se a estas ocupações. Estes indicadores são apresentados no quadro abaixo.

Região Metropolitana	% da PEA urbana		% no Total de novos postos
	1970	1980	
São Paulo	29,3	32,6	37,0
Rio de Janeiro	34,5	36,5	41,3
Recife	28,1	32,4	40,8
Salvador	29,6	34,5	42,4

Também nos municípios selecionados do interior paulista⁽³⁾ a expansão foi bastante significativa, como se observa a seguir.

(1) Cf. Quadros, Waldir J. de - Mobilidade Estrutural e Grupos Ascendentes: Nova Classe Média. Op. cit.

(2) Na realidade, trata-se de uma aproximação, já que este dado expressa o saldo líquido entre postos gerados e postos destruídos.

(3) Cf. QUADROS, Waldir J. de - Mobilidade Estrutural (...). Op. cit., p. 12.

Município	Z da PEA urbana		Z no Total de novos postos
	1970	1980	
Campinas	30,5	33,7	36,1
São José dos Campos	24,9	30,7	34,9
Ribeirão Preto	32,5	36,1	40,5
Araçatuba	29,1	31,9	37,0

A nódoa de precariedade

Se as ocupações típicas de classe média forem ordenadas com base nos seus rendimentos médios, como é feito na tabela no. 2 apresentada a seguir, verifica-se em 1980 a seguinte estrutura de rendimentos:

Faixas de rendimentos médios	(em Z)			
	Grande São Paulo	Grande R.de Janeiro	Grande Recife	Grande Salvador
1a. faixa	24	23	22	24
2a. faixa	10	8	9	8
3a. faixa	19	25	17	16
4a. faixa	47	44	52	52
Total das ocupações típicas	100	100	100	100

Nota-se assim que, se menos de 1/4 destas ocupações localiza-se na faixa melhor situada, um enorme contingente se encontra na última delas, constituindo a ampla base da classe média urbana.

O significado desta estrutura de rendimentos é percebido por completo inserindo-a no conjunto dos trabalhadores urbanos, ou seja, dimensionando a participação destes conjuntos ocupacionais na PEA urbana, como é feito a seguir:

TABELA No. 2
OCUPACOES TÍPICAS DE CLASSE MÉDIA, EVOLUÇÃO DOS RENDIMENTOS MÉDIOS

(Em Salários Mínimos)

DISCRIMINACAO	GRANDE SAO PAULO		GRANDE R. DE JANEIRO		GRANDE RECIFE		GRANDE SALVADOR	
	1970	1980	1970	1980	1970	1980	1970	1980
1a. FAIXA								
Engenheiros e Arquitetos	16,9	21,4	15,4	22,1	13,6	17,4	13,9	20,8
Médicos, Dentistas e Enfermeiros Diplomados	14,0	18,5	11,7	15,6	9,8	13,4	9,9	15,0
Outras Ocupações Técnicas Cient. - Nível Superior	11,8	15,8	10,1	15,9	9,1	12,8	9,0	14,5
Economistas e Contadores - Nível Superior	10,5	14,3	10,1	15,0	8,8	12,1	9,3	13,5
Administradores, Gerentes e Chefes	8,6	11,8	7,4	10,5	6,3	7,9	6,7	9,6
2a. FAIXA								
Outras Ocupações do Comércio	5,9	8,7	5,3	8,6	4,5	6,8	4,5	7,6
Professores Secundários e Superiores	7,4	8,5	7,1	8,7	6,0	6,7	6,0	7,2
Mestres e Contra-mestres	4,3	8,4	3,4	7,4	2,4	5,4	3,8	10,1
3a. FAIXA								
Auxiliares de Engenharia e Arquitetura	5,3	7,4	4,5	6,4	3,0	4,0	3,6	5,9
Outras Ocupações Técnicas Cient. - Nível Médio	4,2	6,1	3,7	6,0	2,1	3,8	2,7	4,8
Ocupações Defesa Nac. e Segurança Pública	3,8	5,8	4,2	5,5	2,6	4,0	2,5	4,1
Técnicos de Contabilidade - Nível Médio	6,1	5,7	5,2	5,3	4,5	4,7	4,7	5,4
Professores Primários e Inspectores de Ensino	3,3	4,8	2,4	4,1	1,5(*)	2,5(*)	1,5(*)	3,0(*)
Ocupações Burocráticas de Natureza Específica	3,7	4,5	4,6	5,6	3,4	4,5	4,7	5,2
4a. FAIXA								
Auxiliares de Escritório	2,5	3,2	2,6	3,3	1,9	2,5	2,0	2,9
Ocupações Auxiliares da Área de Saúde	2,3	3,1	2,1	2,7	1,3	2,0	1,3	2,2
Lojistas e Caixas	1,8	2,8	1,8	2,5	1,3	1,8	1,3	2,2

(*) Nesta Região Metropolitana os Professores Primários e Inspectores de Ensino situam-se na última faixa.

FONTE: IBGE, Tabulações Especiais dos Censos Demográficos.

IN: QUADROS, Waldir J. de - Regiões Metropolitanas Selecionadas - Mobilidade Estrutural e Grupos Ascendentes: Nova Classe Média. Op. cit., p. 38.

(em %)

Faixas de rendimentos médios	Grande São Paulo	Grande R.de Janeiro	Grande Recife	Grande Salvador
1a. faixa	8	9	7	8
2a. faixa	3	3	3	3
3a. faixa	6	9	6	6
4a. faixa	16	16	17	18
PEA urbana	100	100	100	100

E qual é a situação relativa deste amplo segmento social que se encontra na base da classe média e é composto de escriturários, enfermeiras, comerciários, bancários e outros, (que nas metrópoles nordestinas engloba também os professores primários)? Para responder a esta questão vamos situá-los frente aos demais trabalhadores urbanos que não pertencem à classe média⁽¹⁾.

Para não nos alongarmos em demasia basta notar que a situação relativa deste enorme contingente só é melhor do que aquela que se verifica entre os trabalhadores pior remunerados da sociedade, tais como empregadas domésticas, braçais sem nenhuma qualificação, serventes e pedreiros, porteiros e vigias, garçons e cozinheiras, operários têxteis e costureiras.

Seus rendimentos médios situam-se na mesma faixa que os de boa parte do operariado fabril, sendo inclusive ultrapassados pelos operários mais qualificados e pelos motoristas e, na Grande São Paulo, até mesmo pelos vendedores de jornais e ambulantes.

(1) Cf. QUADROS, Waldir J. de - Regiões Metropolitanas Seleccionadas (...) op. cit., pp. 13 a 22.

Surge assim, também no âmbito da classe média, a nódoa da precariedade e da pobreza, que emerge em qualquer estudo sério da sociedade brasileira. Aqui, ela expressa mesmo um dos mais relevantes limites ao alcance do processo de ascensão social por meio do trabalho, que como se verá mais adiante atinge sobretudo as mulheres. Entretanto, esta nódoa não deve ofuscar a capacidade de se perceber o quadro geral.

Em primeiro lugar, não deve ser desconsiderada a também significativa massa de "ricos" e "remediados" que se encontram nas demais faixas de rendimentos. Em segundo, deve ser levado na devida conta o elevado dinamismo social e a ascensão ocorrida, que também impactam sobre os de "baixo". Neste sentido, deve-se atentar para os nexos que se estabelecem no seio da classe média em fases de dinamismo econômico e social. Ou seja, em termos dinâmicos a estrutura ocupacional, de certa forma, pode ser percebida como o perfil de uma carreira profissional à escala social.

Assim colocada a questão, pode-se tomar como ilustrativa a situação dos auxiliares de escritório, que se constituem na via mais expressiva de acesso às ocupações de classe média. De fato, os trabalhadores de "escritório" (englobando a Gestão e as Ocupações Técnicas) representam cerca de 55% dos trabalhadores de classe média, dos quais 44% são auxiliares. Para estes auxiliares, uma carreira que se coloca de imediato é a de galgar postos na hierarquia administrativa, ou conquistar alguma ocupação técnica qualificada. Ou seja, este pode ser tomado como um dos horizontes que se descortinou para muitos jovens urbanos, que combinaram o trabalho em escritórios com um curso noturno de nível técnico ou mesmo superior. Efetivamente, entre as camadas populares o emprego em "escritório" e o estudo sempre surge como uma promessa de ascensão social.

E a própria existência de um segmento altamente expressivo de trabalhadores de classe média em melhores posições, e principalmente sua rápida expansão, fornece um suporte efetivo a estas e outras expectativas. Neste sentido, é importante destacar-se um "núcleo duro" destes trabalhadores, do qual uma boa aproximação é dada por aquele conjunto situado na 1a. faixa de rendimentos médios, tanto na situação de assalariados como de autônomos. Por outro lado, como já foi colocado anteriormente, agregam-se também boa parte dos microempresários, constituindo-se assim um segmento fundamental do chamado "consumo de luxo". Boa parte dos membros desta camada social, mas não apenas eles, defrontaram-se com muitas possibilidades de enriquecimento, tanto na fase de dinamismo, como após seu desfalecimento - quando se desenvolve exacerbadamente toda a plethora de práticas especulativas. Por outro lado, este "núcleo duro" é elemento decisivo na estruturação da mídia, da moda, da indústria cultural e de diversões, da opinião pública, etc. constituindo-se em algo como uma influente elite intermediária no "moderno estilo de vida urbano".

E é na discussão sobre os requisitos para uma possível alternativa de desenvolvimento distributivo, que o papel da heterogênea classe média assume maior relevância.

Horizontes da nova classe média

Mesmo correndo o risco de parecer redundante, é necessário ressaltar que, correspondendo ao predomínio conservador na definição dos grandes caminhos trilhados pela economia e pela sociedade, vai se constituindo, através de sucessivas derrotas políticas, a fragilidade histórica dos setores populares, no sentido de não serem capazes de implementar uma alternativa distributiva ao desenvolvimento capitalista no Brasil.

Entretanto, é necessário ter sempre presente que a dominação que o Estado autoritário pós-1964 impõe à sociedade não resulta apenas da brutal repressão que reserva aos descontentes e inconformados. Ao mesmo tempo em que se agravam as carências sociais, o dinamismo econômico promove um profundo e extenso processo de ascensão e mobilidade social. Este processo percorre toda a sociedade, mas pode ser visualizado com enorme nitidez na extraordinária expansão da nova classe média urbana.

Como procuramos esclarecer no capítulo I, o período do "milagre" foi a grande oportunidade histórica de se promover o desenvolvimento social jogada fora pelo conservadorismo brasileiro. O elevado dinamismo econômico e social, com todas as suas possibilidades tributárias e fiscais, poderia ter servido como suporte de um amplo programa de gastos públicos nas áreas sociais. Além de facultar melhorias nas condições salariais e de trabalho. Entretanto, foi utilizado apenas como forma de atenuar os problemas sociais e de se evitar seu efetivo enfrentamento.

Já diante da crise que irrompe em meados dos anos setenta, a gestão conservadora mais uma vez agravará as condições sociais, submetendo o país aos interesses dos credores externos e sancionando e exacerbando internamente o componente especulativo da crise.

Obviamente, na situação de crise prolongada que vivemos desde o esgotamento do "milagre", os problemas sociais agravaram-se brutalmente e o quadro atual é de gritante acúmulo de carências, ao lado do mais profundo desequilíbrio financeiro do setor público, entre outros problemas tão ou mais relevantes.

Parece evidente que a situação atual não responde aos anseios de amplas camadas das novas gerações de classe média. E aqui é necessário atentar para o fato de que, se nas décadas dos anos 60 e 70 ocorre a montagem e expansão destas camadas sociais, nos marcos de

dinâmica mobilidade social, o quadro atual é radicalmente distinto. Agora, na década dos 80 e início dos 90, assiste-se à reprodução social destas camadas sem a correspondente criação de postos e oportunidades para as novas gerações. E esta é uma das dimensões mais sérias desta crise de reprodução social ⁽¹⁾: parcela majoritária das gerações adultas das camadas médias urbanas melhoraram de situação em relação a seus avós ou pais, porém seus filhos encontram obstáculos cada vez mais sérios para manterem este padrão em suas novas famílias.

O desenvolvimento econômico, ainda que nos marcos do conservadorismo, é praticamente o único meio que possibilita a estas novas gerações a manutenção de seu "status" familiar. E isto, em grande medida, porque os bons cargos ou colocações de seus familiares não são hereditários. É claro que estarão melhor "recomendados" para a competição, mas sem dinamismo econômico isto não basta.

Neste sentido, entendemos que uma alternativa distributiva não é necessariamente incompatível com os interesses de significativos segmentos da classe média. É desnecessário insistir que, tal como o conjunto do povo brasileiro, estarão sujeitos à toda sorte de dificuldades que se enfrentará para a implementação desta alternativa numa economia e numa sociedade tão desestruturadas como a nossa, após tantos anos de crise e toda a sorte de desmandos. Porém, queremos chamar atenção para o aspecto que reputamos vital, que é o das perspectivas. Se elas são respaldadas pela credibilidade nos condutores, podem se transformar em formidável força material!

Fica claro por tudo aquilo que já foi dito até aqui, que entendemos que este estilo alternativo de desenvolvimento (capitalista) só

(1) Embora enfatizando o aspecto da crise educacional, esta problemática está presente em CEPAL, "La Transformación Sócio-Ocupacional del Brasil, 1960-1980, y la crisis Social de los 80". Santiago, 1986, mimeo.

pode ocorrer nos marcos do desenvolvimento capitalista mundial, ou seja, mediante nossa "integração competitiva". E seu caráter progressista requer profundas reformas que assegurem o progresso social ao lado do desenvolvimento econômico; sendo que um aspecto vital desta estratégia terá que se traduzir em facilitar e humanizar a vida urbana!

Por exemplo, pode-se examinar a situação dos transportes urbanos, em que a profunda crise dos transportes coletivos coloca em posição antagônica o automóvel e o transporte de massa. Um adequado tratamento tributário e fiscal (além do aspecto "operacional", que se pressupõe eficiente ...) poderia sanar este antagonismo, com parte dos tributos obtidos sobre a produção e consumo de automóveis sendo vinculados (enquanto necessário) a fundos para a expansão e melhoria dos transportes de massa. Desta forma, quanto mais automóveis, mais recursos para os transportes coletivos. E resolver a questão do transporte urbano não interessa apenas aos que não possuem automóvel, uma vez que boa parte das camadas médias dos grandes centros é compelida ao transporte individual cotidiano pela falência do transporte coletivo.

Por outro lado, este estilo alternativo não implica apenas na melhoria dos serviços sociais (educação, saúde, justiça e segurança, etc) que, se eficientes, também interessam às camadas médias. Ao pressupor atualidade e competitividade capitalistas, implica em profundo desenvolvimento dos serviços pessoais, em grande parte consumidos pelas camadas médias que buscam respaldo profissional e empresarial às atividades domésticas, educacionais, de lazer e entretenimento, estéticas, culturais, etc.

Não vamos aqui nos estender sobre este tipo de desenvolvimento e nem sobre a profundidade das reformas requeridas a tal redirecionamento. Nossa preocupação, neste momento da reflexão, é com a factibilidade das mesmas, à luz da sociedade existente e da sua

organização política, ambas profundamente marcadas pelo conservadorismo.

Mesmo supondo-se que a situação se encaminhe neste sentido, com o equacionamento do desequilíbrio externo, do desequilíbrio das finanças públicas, da reforma do estado, etc. qual seria o comportamento das camadas médias urbanas? Seus segmentos melhor estruturados apoiarão as mudanças ou se aferrarão a seus privilégios? Neste sentido, é útil atentar-se, por exemplo, para o profundo enraizamento social que se verifica quanto à especulação financeira (e com outros ativos). Esta solidariedade de amplos segmentos sociais não se restringe à "ciranda especulativa", mas também esta presente em inúmeras práticas voltadas para se tirar proveito pessoal da imensa crise econômica e social que o país atravessa. E tanto no setor privado, quanto no público!

E os segmentos mais jovens, que se inserem na referida problemática da reprodução social num quadro de ausência de dinamismo econômico? Responderão com idealismo e espírito público às dificuldades da reconstrução, ou se aferrarão ao "vale tudo" individualista que se exacerbou após o "milagre"? Este, há muito tempo já se esgotou, mas estas gerações jovens foram criadas sob a promessa de um futuro de progresso econômico e social! E julgam-se com todo o direito de obtê-lo.

As camadas médias urbanas irão se "civilizar" no processo de busca de soluções socialmente avançadas, ou permanecerão na indigência cultural em que se encontra boa parcela da mesmas, marcados pela prepotência e repulsa em relação aos menos favorecidos?

É claro que previamente não se tem respostas cabais a tais indagações, mesmo porque a opinião pública é passível de alteração diante de distintas conjunturas políticas. Entretanto, julgamos que estas questões se constituem em privilegiado posto de observação para se acompanhar o desenrolar dos acontecimentos.

Capítulo III - A Expansão da Nova Classe Média na Década de 1970

1. O panorama metropolitano.

Cabe agora examinar mais detalhadamente as alterações na estrutura ocupacional ocorridas ao longo da década de 1970, que criaram oportunidades para a rápida expansão da nova classe média urbana e sustentaram um profundo processo de mobilidade e ascensão sociais.

Como já se anunciou anteriormente, esta análise mais circunstanciada refere-se basicamente às quatro metrópoles selecionadas, agregando-se em alguns momentos aspectos vigentes em municípios representativos das grandes cidades do interior paulista⁽¹⁾. Contudo, antes de se iniciar este estudo, é útil introduzir-se rapidamente uma visão mais abrangente do universo metropolitano nacional.

Para esta visão panorâmica vamos nos apoiar na já referida publicação do IBGE, que apresenta dados consolidados do Censo Demográfico de 1980 relativos às metrópoles brasileiras⁽²⁾.

(1) Para tornar operacionalizável a análise do comportamento revelado nas grandes cidades do interior paulista, selecionou-se quatro municípios considerados representativos. Campinas, que já revela características metropolitanas e que integra uma agricultura moderna e uma estrutura industrial diversificada, além de sediar expressivas instituições na área de pesquisa científica e tecnológica. São José dos Campos, que experimentou uma rápida expansão das indústrias mais modernas - desempenhando papel crucial à política federal de desconcentração industrial e sua tradição como centro de pesquisa -, ainda que sua estrutura industrial seja pouco diversificada e sua agricultura não revele maior dinamismo. Ribeirão Preto, que possui uma dinâmica agricultura articulada a uma indústria de máquinas agrícolas pesadas, ao lado da produção de insumos e defensivos. Por fim, Araçatuba, com um desempenho bastante fraco no setor industrial e agrícola e especializando-se na pecuária de corte.

(2) Cf. IBGE - Indicadores Sociais (...) op. cit.

Entretanto é necessário registrar-se, logo de início, que este panorama é eminentemente indicativo, uma vez que as "ocupações não manuais" - tal como definidas pelo IBGE - não correspondem exatamente às "ocupações típicas de classe média" desta tese. As ocupações não manuais são subdivididas em dois segmentos. Um melhor situado, que congrega os profissionais de nível superior, empresários e administradores - e a inclusão dos empresários provoca a distinção mais evidente em relação às categorias analíticas utilizadas nesta tese. O outro segmento agrega o conjunto de trabalhadores de nível médio e o pessoal de escritório. Contudo, se não nos prendermos aos números em si, os perfis obtidos naquela publicação fornecem uma visão global bastante esclarecedora.

E o aspecto que se destaca de imediato diz respeito à maior concentração de trabalhadores não manuais no universo metropolitano. De fato, enquanto em 1980 viviam em metrópoles 32% das pessoas ocupadas e 42% dos trabalhadores manuais urbanos, no caso dos profissionais de nível superior, empresários e administradores esta participação eleva-se a 44%⁽¹⁾, e a 51% no que se refere aos profissionais de nível médio e pessoal de escritório.

Num certo sentido, a preponderância do segmento inferior de trabalhadores não manuais em relação aos trabalhadores manuais pode indicar um estágio mais avançado de desenvolvimento e maiores oportunidades de ascensão na base da pirâmide social. Assim sendo, é interessante efetuar-se esta comparação nas metrópoles selecionadas, confrontando as taxas de participação no total nacional de seus respectivos segmentos, tal como se apresenta a seguir.

(1) Sendo que 17% encontram-se na Grande São Paulo, 12% na Grande Rio de Janeiro, 2% na Grande Recife e 2% na Grande Salvador.

Região Metropolitana	(em Z)	
	ocupações não manuais de nível médio e pes- soal de escritório	ocupações manuais urbanas
Recife	2,4	2,4
Salvador	2,2	1,9
Rio de Janeiro	12,9	10,6
São Paulo	21,2	16,7

O que se nota é que enquanto nas metrópoles nordestinas estes dois contingentes praticamente se equivalem, nas metrópoles do sudeste os trabalhadores da "média e baixa" classe média são significativamente mais numerosos. E, como era de se esperar, esta disparidade é maior justamente na metrópole mais desenvolvida.

Em seguida será analisada com mais detalhe a expansão ocorrida ao longo da década de 1970 nas ocupações típicas de classe média, utilizando-se a maior possibilidade de desagregação dos dados facultada pelas tabulações especiais dos censos demográficos de 1970 e 1980.

2. A expansão nas metrópoles selecionadas

a. O ritmo de crescimento

Durante a década de 1970 a evolução do emprego no conjunto das ocupações de classe média acompanhou a expansão do emprego urbano (PEA urbana), fazendo-o, porém, a um ritmo de crescimento mais rápido, como se observa a seguir⁽¹⁾.

(1) Cf. Tabela no. 3, apresentada na próxima página.

TABELA No. 3

OCUPACOES TIPICAS DE CLASSE MEDIA, No. DE TRABALHADORES E TAXA ANUAL DE CRESCIMENTO

DISCRIMINACAO	GRANDE SAO PAULO			GRANDE RIO DE JANEIRO			GRANDE RECIFE			GRANDE SALVADOR		
	1970	1980	80/70 Z a.a	1970	1980	80/70 Z a.a	1970	1980	80/70 Z a.a	1970	1980	80/70 Z a.a
GESTAO	445.424	963.605	8,0	323.846	562.692	5,7	51.428	106.070	7,5	40.945	94.561	8,7
Administradores, Gerentes, Chefes	91.475	274.474	11,6	74.587	170.688	8,6	12.701	33.963	10,3	8.890	30.291	13,0
Auxiliares de Escritorio	273.293	509.117	6,4	200.420	293.450	5,9	31.370	54.949	5,8	25.095	47.118	6,5
Ocupacoes Burocraticas de Natureza Especifica	22.980	54.879	9,1	17.227	32.321	6,5	2.986	6.270	7,7	3.013	6.122	7,3
Economistas e Contadores - Nivel Superior	9.531	22.135	8,8	7.759	17.148	8,3	925	1.923	7,6	600	2.216	14,0
Tecnicos de Contabilidade - Nivel Medio	29.592	56.504	6,7	18.459	30.506	5,2	2.400	5.699	9,0	2.651	5.662	7,9
Mestres e Contramestres	18.553	46.496	9,6	5.394	18.579	13,2	1.038	3.266	12,1	696	3.152	16,3
DISTRIBUICAO	209.373	343.526	5,1	179.556	237.605	2,8	29.589	47.350	4,8	22.716	36.361	4,8
Lojistas e Caixas	140.991	248.933	5,8	141.958	192.830	3,1	24.409	38.927	4,8	18.650	30.221	4,9
Outras Ocupacoes de Comercio	68.382	94.593	3,3	37.598	44.775	1,8	5.180	8.423	5,0	4.066	6.140	4,2
ATIVIDADES SOCIAIS	109.931	189.085	5,6	121.413	186.806	4,4	23.246	37.391	4,9	20.685	31.950	4,4
Medicos, Dentistas, Enfermeiros Diplomados	14.185	27.394	6,8	17.327	28.192	5,0	2.661	5.244	7,0	2.578	4.757	6,3
Ocupacoes Auxiliares da Area de Saude	26.393	54.132	7,4	29.086	46.895	4,9	5.958	8.869	4,1	4.749	7.856	5,2
Professores Primarios e Inspetores de Ensino	52.429	74.227	3,5	60.132	80.280	2,9	11.621	15.798	3,1	10.279	14.201	3,3
Professores Secundarios e Superiores	16.924	33.332	7,0	14.868	31.439	7,8	3.006	7.470	9,5	3.079	5.156	5,2
DEFESA NACIONAL E SEGURANCA	40.749	42.261	0,4	105.735	111.462	0,5	16.489	17.274	0,5	9.169	10.765	1,6
OCUPACOES TECNICAS	87.623	173.199	7,1	69.781	122.870	5,9	9.529	18.969	7,1	8.687	17.282	7,1
Engenheiros e Arquitetos	14.550	30.924	7,8	12.347	25.300	7,0	1.449	3.497	9,2	1.784	3.863	8,6
Ocup. Auxiliares de Engenharia e Arquitetura	15.722	36.731	8,9	8.703	18.461	7,8	1.240	3.297	10,3	1.107	2.876	10,0
Outras Ocup. Tecnicas e Cient. - Nivel Superior	21.404	49.576	8,8	22.018	41.958	6,7	3.070	5.753	6,5	2.529	5.318	7,7
Outras Ocup. Tecnicas e Cient. - Nivel Medio	35.947	55.968	4,5	26.213	38.151	3,8	3.770	6.422	5,5	3.267	5.225	4,8
TOTAL OCUPACOES SELECIONADAS	893.100	1.711.676	6,7	800.331	1.222.435	4,3	130.281	227.044	5,7	102.202	190.919	4,4
PEA URBANA	3.043.288	5.253.636	5,6	2.322.516	3.344.958	3,7	462.866	699.920	4,2	344.884	554.040	4,9

FONTE: IBGE, Tabulacoes Especiais dos Censos Demograficos.

Região Metropolitana	expansão da PEA urbana	expansão das ocu- pações típicas
	(% a.a)	(% a.a)
São Paulo	5,6	6,7
Salvador	4,9	6,4
Recife	4,2	5,7
Rio de Janeiro	3,7	4,3

Em termos mais desagregados tem-se que as ocupações envolvidas com a Gestão e as Ocupações Técnicas são aquelas que revelam maior dinamismo, crescendo acima da PEA urbana nas quatro metrópoles analisadas.

Já nas Atividades Sociais a evolução praticamente se dá no mesmo patamar que o do emprego urbano. Este desempenho mais modesto reflete o atraso relativo que ocorre com os professores primários, uma vez que nos demais grupos ocupacionais desta área a expansão também foi acelerada.

Em seu conjunto, as ocupações características da área de Distribuição (e Intermediação Bancária) também não revelam maior dinamismo, com taxas ligeiramente inferiores às da PEA urbana nas metrópoles do sudeste, e praticamente equivalentes nas metrópoles nordestinas. Contudo, sempre é bom ressaltar-se que esta performance encobre significativas mudanças qualificativas, que repousam nas profundas transformações nos mecanismos de distribuição e intermediação.

Por fim, na Defesa Nacional e Segurança Pública as taxas são insignificantes, mas não podem ser melhor qualificadas, uma vez que a compatibilização intercensitária impede a segmentação deste grupo ocupacional.

b. A participação no emprego urbano

Esta rápida expansão ocorrida no conjunto das ocupações de classe média irá se refletir em sua maior participação no âmbito do emprego urbano, tal como se verifica a seguir⁽¹⁾.

Região Metropolitana	Z da PEA urbana	
	1970	1980
São Paulo	29,3	32,6
Rio de Janeiro	34,5	36,5
Recife	28,1	32,4
Salvador	29,6	34,5

Em termos globais estas taxas revelam que, embora as estruturas econômicas e o grau de desenvolvimento sejam bastante distintos nas quatro metrópoles, em todas elas ocorre uma significativa expansão nas ocupações de classe média. Por outro lado, os níveis de participação alcançados em 1980 são muito expressivos, da ordem de 1/3 ou mais do emprego urbano. Obviamente, também estas taxas encobrem importantes diferenças qualitativas que escapam ao escopo deste trabalho.

Desagregando mais os dados, nota-se nas quatro metrópoles que a área de Gestão é a numericamente mais expressiva, destacando-se os grupos ocupacionais formados pelos administradores, gerentes e chefes e pelos auxiliares de escritório. Em segundo lugar encontra-se a área de Distribuição (e Intermediação Bancária), sobressaindo-se os balconistas e caixas.

⁽¹⁾ Cf. Tabela no. 4, apresentada na próxima página.

TABELA No. 4
OCUPACOES TIPICAS DE CLASE MEDIA, PARTICIPACAO NA PEA METROPOLITANA

(Em %)

DISCRIMINACAO	GRANDE SAO PAULO		GRANDE RIO DE JANEIRO		GRANDE RECIFE		GRANDE SALVADOR	
	1970	1980	1970	1980	1970	1980	1970	1980
GESTAO	14,6	18,3	13,9	16,8	11,1	15,1	11,9	17,1
. Administradores, gerentes, chefes	3,0	5,2	3,2	5,1	2,7	4,8	2,6	5,5
. Auxiliares de escritorio	9,0	9,7	8,6	8,8	6,8	7,9	7,3	8,5
. Ocupacoes burocraticas de natureza especifica	0,8	1,0	0,7	1,0	0,6	0,9	0,9	1,1
. Economistas e contadores - Nivel superior	0,3	0,4	0,3	0,5	0,2	0,3	0,2	0,4
. Tecnicos de contabilidade - Nivel medio	1,0	1,1	0,8	0,9	0,5	0,8	0,8	1,0
. Mestre e contra mestres	0,6	0,9	0,2	0,5	0,2	0,5	0,2	0,6
DISTRIBUICAO	6,9	6,5	7,7	7,1	6,4	6,8	6,6	6,6
. Lojistas e caixas	4,6	4,7	6,1	5,8	5,3	5,6	5,4	5,5
. Outras ocupacoes do comercio	2,2	1,8	1,6	1,3	1,1	1,2	1,2	1,1
ATIVIDADES SOCIAIS	3,6	3,6	5,2	5,6	5,0	5,3	6,0	5,8
. Medicos, dentistas e enfermeiros diplomados	0,5	0,5	0,7	0,8	0,6	0,7	0,7	0,9
. Ocupacoes auxiliares da area de saude	0,9	1,0	1,3	1,4	1,3	1,3	1,4	1,4
. Professores primarios e inspetores de ensino	1,7	1,4	2,6	2,4	2,5	2,2	3,0	2,6
. Professores secundarios e superiores	0,6	0,6	0,6	0,9	0,6	1,1	0,9	0,9
DEFESA NACIONAL E SEGURANCA PUBLICA	1,3	0,8	4,6	3,3	3,5	2,5	2,6	1,9
OCUPACOES TECNICAS	2,9	3,3	3,0	3,7	2,1	2,7	2,5	3,1
. Engenheiros e arquitetos	0,5	0,6	0,6	0,7	0,3	0,5	2,5	0,7
. Ocupacoes auxiliares de engenharia e arquitetura	0,5	0,7	0,4	0,6	0,3	0,5	0,3	0,5
. Outras ocupacoes tecnicas e cientificas de nivel superior	0,7	0,9	0,9	1,3	0,7	0,8	0,7	1,0
. Outras ocupacoes tecnicas e cientificas de nivel medio	1,2	1,1	1,1	1,1	0,8	0,9	0,9	0,9
TOTAL OCUPACOES SELECIONADAS	29,3%	32,6%	34,5%	36,5%	28,1%	32,4%	29,6%	34,5%
PEA URBANA	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

FONTE: IBGE, Tabulacoes Especiais dos Censos Demograficos.

IN: QUADROS, Waldir J. de - Regioes Metropolitanas Seleccionadas - Mobilidade Estrutural e Grupos Ascendentes. Nova Classe Media. Op. cit., p. 36.

No que refere às Atividades Sociais chama atenção o fato de que, das quatro metrópoles analisadas, é a Grande São Paulo que apresenta o menor contingente relativo de prestadores destes serviços, destacando-se nas outras metrópoles o maior peso revelado pelos professores primários.

A Grande São Paulo também possui um contingente relativamente menor na área da Defesa Nacional e Segurança Pública, sendo que nesta área destaca-se a magnitude alcançada na Grande Rio de Janeiro, o que explica, inclusive, o nível mais elevado que nesta metrópole assume a presença das ocupações de classe média no âmbito do emprego urbano.

Por fim, os dados sugerem que os distintos níveis de desenvolvimento se refletem também na dimensão relativa das Ocupações Técnicas, com as metrópoles do sudeste revelando um patamar ligeiramente superior ao das metrópoles nordestinas.

c. Um fenômeno bastante generalizado

Em 1970, 40% do total nacional de trabalhadores em ocupações de classe média encontravam-se nas quatro metrópoles aqui analisadas. Em 1980 esta concentração recuou para 36%, indicando que a rápida expansão verificada na década é um fenômeno generalizado, provavelmente se reproduzindo (até com mais intensidade) não só nas demais metrópoles, como também nas maiores aglomerações urbanas do interior dos estados.

Esta possibilidade é reforçada pelo comportamento que se verifica nos municípios representativos das grandes cidades do interior paulista, que em linhas gerais reproduz com muita semelhança tanto a intensidade como o formato da expansão ocorrida na Grande São Paulo⁽¹⁾.

(1) Cf. tabela no. 5, apresentada na próxima página.

TABELA No. 5

OCUPACOES TÍPICAS DE CLASSE MÉDIA, PARTICIPAÇÃO NA PEA URBANA MUNICIPAL

(Em %)

DISCRIMINAÇÃO	CAMPINAS		SAO JOSE DOS CAMPOS		RIBEIRAO PRETO		ARACATUBA	
	1970	1980	1970	1980	1970	1980	1970	1980
GESTÃO	13,2	17,1	10,5	16,8	11,7	16,0	11,1	15,5
. Administradores, gerentes, chefes	3,2	5,3	2,1	4,5	2,3	4,2	2,3	4,2
. Auxiliares de escritório	7,8	9,0	6,3	8,6	7,7	9,8	7,4	10,0
. Ocupações burocráticas de natureza específica	0,8	1,0	0,8	1,3	0,4	0,9	0,3	0,6
. Economistas e contadores - Nível superior	0,3	0,4	0,3	0,3	0,1	0,3	0,2	0,2
. Técnicos de contabilidade - Nível médio	0,8	0,7	0,3	0,6	0,9	0,6	0,8	0,4
. Mestre e contra mestres	0,4	0,8	0,7	1,5	0,3	0,3	0,1	0,1
DISTRIBUIÇÃO	7,3	7,4	4,9	5,7	10,6	9,4	9,6	7,4
. Lojistas e caixas	5,7	5,8	4,2	4,9	7,1	7,5	6,7	6,2
. Outras ocupações do comércio	1,6	1,6	0,8	0,8	3,5	2,0	3,0	1,2
ATIVIDADES SOCIAIS	5,4	5,0	4,5	4,0	6,4	6,6	6,2	5,4
. Médicos, dentistas e enfermeiros diplomados	0,7	0,8	0,5	0,5	1,1	1,4	0,5	0,5
. Ocupações auxiliares da área de saúde	1,2	1,2	0,9	1,0	1,6	1,9	0,8	1,0
. Professores primários e inspetores de ensino	2,5	1,8	2,3	1,7	2,6	2,0	3,6	2,4
. Professores secundários e superiores	1,0	1,3	0,8	0,9	1,1	1,3	1,3	1,4
DEFESA NACIONAL E SEGURANÇA PÚBLICA	1,3	0,9	2,0	0,7	1,9	1,1	1,0	1,5
OCUPAÇÕES TÉCNICAS	3,3	3,4	2,9	3,5	1,9	3,0	1,3	2,2
. Engenheiros e arquitetos	0,6	0,7	0,8	1,2	0,2	0,4	0,1	0,1
. Ocupações auxiliares de engenharia e arquitetura	0,5	0,6	0,6	0,8	0,2	0,4	0,1	0,5
. Outras ocupações técnicas e científicas de nível superior	1,0	1,1	0,5	0,8	0,7	1,2	0,4	0,8
. Outras ocupações técnicas e científicas de nível médio	1,1	0,9	1,0	0,7	0,9	1,1	0,8	0,7
TOTAL OCUPAÇÕES SELECIONADAS	30,5	33,7	24,9	30,7	32,5	36,1	29,1	31,9
PEA URBANA	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

FONTE: IBGE, Tabulações Especiais dos Censos Demográficos.

IN: WALDIR, J. de - Regiões Metropolitanas Seleccionadas - Mobilidade Estrutural e Grupos Ascendentes: Nova Classe Média. Op. cit., p. 37.

3. O perfil desta expansão: significativa ascensão num quadro de ampla precariedade social

Considerando-se a estrutura de rendimentos das ocupações de classe média, verifica-se que as maiores taxas de crescimento geralmente referem-se àquelas melhor situadas⁽¹⁾.

Este comportamento indica que, ao longo do "milagre econômico", as ocupações melhor remuneradas foram as mais dinâmicas no âmbito da classe média não proprietária. Seus ocupantes geralmente são portadores de um curso superior, ou encontram-se hierarquicamente bem localizados. Como se vê, certas saudades do "milagre" não são tão infundadas ..., mesmo que as lembranças de parte dos beneficiários estejam maculadas pelo terror policial então vigente.

Contudo, para que este dinamismo seja melhor qualificado, é necessário que também se leve em conta a magnitude absoluta da expansão ocorrida, examinando-se a geração de novos postos na estrutura ocupacional. O acréscimo no número de trabalhadores é uma medida aproximada dos novos postos, expressando o saldo líquido entre os postos criados e postos destruídos.

Uma primeira observação refere-se à própria expressão que o crescimento nas ocupações de classe média assume na expansão do conjunto do emprego urbano⁽²⁾. De fato, na Grande São Paulo os novos postos de classe média respondem por 37% do crescimento da PEA urbana ocorrido durante a década de 1970. Na Grande Rio de Janeiro esta marca é de 41%, e de 42% nas duas metrópoles nordestinas.

(1) Cf. tabela no. 6, apresentada na próxima página.

(2) Cf. tabela no. 7, apresentada em seguida.

TABELA No. 6
OCUPACOES TÍPICAS DE CLASSE MÉDIA, No. DE TRABALHADORES E TAXA ANUAL DE CRESCIMENTO

DISCRIMINACAO	GRANDE SAO PAULO			LO GRANDE R.DE JANEIRO			EIRO GRANDE RECIFE			GRANDE SALVADOR		
	80/70			80/70			80/70			80/70		
	1970	1980	Z a.a	1970	1980	Z a.a	1970	1980	Z a.a	1970	1980	Z a.a
1a. FAIXA	151.145	404.503	10,3	134.538	283.286	7,7	20.806	50.380	9,2	16.381	46.445	11,0
Engenheiros e Arquitetos	14.550	30.924	7,8	12.847	25.300	7,0	1.449	3.497	9,2	1.784	3.863	8,0
Médicos, Dentistas e Enfermeiros Diplomados	14.185	27.394	6,8	17.327	28.192	5,0	2.661	5.244	7,0	2.578	4.757	6,3
Outras Ocupações Técnicas Cient. - Nível Superior	21.404	49.576	8,8	22.018	41.958	6,7	3.070	5.753	6,5	2.529	5.318	7,7
Economistas e Contadores - Nível Superior	9.531	22.135	8,8	7.759	17.148	8,3	925	1.923	7,6	600	2.216	14,0
Administradores, Gerentes e Chefes	91.475	274.474	11,6	74.587	170.688	8,6	12.701	33.963	10,3	8.890	30.291	13,0
2a. FAIXA	103.859	174.421	5,3	57.860	94.793	5,1	9.224	19.159	7,6	7.841	14.428	6,3
Outras Ocupações do Comércio	68.382	94.593	3,3	37.598	44.775	1,8	5.180	8.423	5,0	4.066	6.140	4,2
Professores Secundários e Superiores	16.924	33.332	7,0	14.868	31.439	7,8	3.006	7.470	9,5	3.079	5.136	5,2
Mestres e Contramestres	18.553	46.496	9,6	5.394	18.579	13,2	1.038	3.266	12,1	696	3.152	16,3
3a. FAIXA	197.419	320.570	5,0	236.469	311.181	2,8	26.893(*)	38.962(*)	3,8	19.207(*)	30.650(*)	4,8
Auxiliares de Engenharia e Arquitetura	15.722	36.731	8,9	8.703	18.461	7,8	1.240	3.297	10,3	1.107	2.876	10,0
Outras Ocupações Técnicas Cient. - Nível Médio	35.947	55.968	4,5	26.213	38.151	3,8	3.770	6.422	5,5	3.267	5.225	4,8
Ocupações Defesa Nac. e Segurança Pública	40.749	42.261	0,4	105.735	111.462	0,5	16.489	17.274	0,5	9.169	10.765	1,6
Técnicos de Contabilidade - Nível Médio	29.592	56.544	6,7	18.459	30.506	5,2	2.408	5.699	9,0	2.651	5.662	7,9
Professores Primários e Inspectores de Ensino	52.429	74.227	3,5	60.132	80.280	2,9	11.621(*)	15.798(*)	3,1	10.279(*)	14.201(*)	3,3
Ocupações Burocráticas de Natureza Específica	22.980	54.879	9,1	17.227	32.321	6,5	2.986	6.270	7,7	3.013	6.122	7,3
4a. FAIXA	440.677	812.182	6,3	371.464	533.175	3,7	73.358(*)	118.543(*)	4,9	58.773(*)	99.356(*)	5,4
Auxiliares de Escritório	273.293	509.117	6,4	200.420	293.450	3,9	31.374	54.949	5,8	25.095	47.118	6,5
Ocupações Auxiliares da Área de Saúde	26.393	54.132	7,4	29.086	46.895	4,9	5.958	8.869	4,1	4.749	7.856	5,7
Lojistas e Caixas	140.991	248.933	5,8	141.958	192.820	3,1	24.409	38.927	4,8	16.650	30.221	4,9
TOTAL OCUPACOES SELECIONADAS	893.100	1.711.676	6,7	800.331	1.222.435	4,3	130.281	227.044	5,7	102.202	190.819	6,4

(*) Nesta Região Metropolitana os Professores Primários e Inspectores de Ensino estão incluídos na 4a. faixa.

FONTE: IBGE, Tabulações Especiais dos Censos Demográficos.

IN: QUADROS, Waldir J. de - Regiões Metropolitanas Seleccionadas - Mobilidade Estrutural e Grupos Ascendentes: Nova Classe Média. Op. cit., p. 39.

TABELA No. 7

OCUPACOES TÍPICAS DE CLASSE MÉDIA, "NOVOS POSTOS" CRIADOS NA DÉCADA DE 1970

DISCRIMINACAO	GRANDE SAO PAULO		GRANDE RIO DE JANEIRO		GRANDE RECIFE		GRANDE SALVADOR	
	No.	%	No.	%	No.	%	No.	%
GESTAO	518.181	23,4	238.846	23,3	54.642	23,0	53.616	25,6
Administradores, Gerentes, Chefes	182.999	8,3	96.101	9,4	21.262	9,0	21.401	10,2
Auxiliares de Escritorio	235.824	10,7	93.030	9,1	23.579	9,9	22.823	10,5
Ocupacoes Burocraticas de Natureza Especifica	31.899	1,4	15.094	1,5	3.284	1,4	3.109	1,5
Economistas e Contadores - Nivel Superior	12.604	0,6	9.389	0,9	998	0,4	1.516	0,8
Tecnicos de Contabilidade - Nivel Medio	26.912	1,2	12.047	1,2	3.291	1,4	3.011	1,4
Mestres e Contramestres	27.943	1,3	13.185	1,3	2.228	0,9	2.456	1,2
DISTRIBUICAO	134.153	6,1	58.049	5,7	17.761	7,5	13.645	6,5
Lojistas e Caixas	107.942	4,9	50.872	5,0	14.518	6,1	11.571	5,5
Outras Ocupacoes de Comercio	26.211	1,2	7.177	0,7	3.243	1,4	2.074	1,0
ATIVIDADES SOCIAIS	79.154	3,6	65.393	6,4	14.135	6,0	11.265	5,4
Medicos, Dentistas, Enfermeiros Diplomados	13.209	0,6	10.865	1,1	2.583	1,1	2.179	1,0
Ocupacoes Auxiliares da Area de Saude	27.739	1,3	17.809	1,7	2.911	1,2	3.107	1,5
Professores Primarios e Inspetores de Ensino	21.798	1,0	20.148	2,0	4.177	1,8	3.922	1,9
Professores Secundarios e Superiores	16.408	0,7	16.571	1,6	4.464	1,9	2.057	1,0
DEFESA NACIONAL E SEGURANCA	1.512	0,1	5.727	0,6	785	0,3	1.596	0,8
OCUPACOES TECNICAS	85.576	3,9	54.089	5,3	9.446	4,0	8.595	4,1
Engenheiros e Arquitetos	16.374	0,7	12.453	1,2	2.048	0,9	2.079	1,0
Ocup. Auxiliares de Engenharia e Arquitetura	21.009	1,0	9.758	1,0	2.057	0,9	1.769	0,8
Outras Ocup. Tecnicas e Cient. - Nivel Superior	28.172	1,3	19.940	1,9	2.683	1,1	2.789	1,3
Outras Ocup. Tec. e Cientif. - Nivel Medio	20.021	0,9	11.938	1,2	2.652	1,1	1.958	0,9
TOTAL OCUPACOES SELECIONADAS	818.576	37,0	422.104	41,3	96.763	40,8	88.717	42,4
PEA URBANA	2.210.348	100,0	1.022.442	100,0	237.054	100,0	207.156	100,0

FONTE: IBGE, Tabulacoes Especiais dos Censos Demograficos.

IN: QUADROS, Waldir J. de - Regioes Metropolitanas Seleccionadas - Mobilidade Estrutural e Grupos Ascendentes: Nova Classe Media. Op. cit., p. 40.

Em segundo lugar, verifica-se uma concentração destes novos postos na área de Gestão, atingindo algo em torno de 60% da expansão ocorrida nas ocupações de classe média nas quatro metrópoles analisadas - sendo que apenas os auxiliares de escritório respondem por aproximadamente 40%!

Esta performance também se manifesta nos municípios representativos das grandes cidades do interior paulista, onde a expansão das ocupações de classe média assume níveis significativos no âmbito do crescimento do emprego urbano, bem como ocorre, da mesma forma, uma elevada concentração dos novos postos na área de gestão⁽¹⁾.

Por fim, considera-se agora o aspecto dos rendimentos médios⁽²⁾. E o que se nota é uma forma altamente polarizada de expansão, com uma significativa parcela dos novos postos (acima de 30%) situando-se na primeira faixa de rendimentos, acompanhado de elevada concentração na última faixa, tal como se apresenta em seguida.

Região Metropolitana	% de "novos postos" na 1ª. faixa	% de "novos postos" na última faixa
São Paulo	30,9	45,4
Rio de Janeiro	35,2	38,3
Recife	30,5	46,7
Salvador	33,9	45,8

Nos municípios selecionados do interior paulista esta polarização é mais acentuada, com níveis ligeiramente inferiores na primeira faixa e maior concentração na última, como se verifica a seguir.

(1) Cf. tabela no. 8, apresentada na próxima página.

(2) Cf. tabela no. 9, apresentada em seguida.

TABELA No. 8
OCUPACOES TIPICAS DE CLASSE MEDIA, "NOVOS POSTOS" CRIADOS NA DECADE DE 1970

DISCIPLINACAO	CAMPINAS		SAO JOSE DOS CAMPOS		RIPEIRAO PRETO		ARACATUBA	
	Numero	%	Numero	%	Numero	%	Numero	%
GESTAO	28.992	20,6	12.695	21,2	11.781	21,3	3.394	23,8
. Administradores, gerentes, chefes	10.066	7,1	3.668	6,1	3.589	6,5	1.098	7,7
. Auxiliares de escritorio	14.213	10,1	6.124	10,2	6.828	12,4	2.132	15,0
. Ocupacoes burocraticas de natureza especifica	1.687	1,2	1.003	1,7	741	1,3	170	1,2
. Economistas e contadores - Nivel superior	584	0,4	198	0,3	211	0,4	33	0,2
. Tecnicos de contabilidade - Nivel medio	784	0,6	443	0,7	183	0,3	67	(0,5)
. Mestre e contra mestres	1.658	1,2	1.259	2,1	229	0,4	28	0,2
DISTRIBUICAO	9.625	6,8	3.768	6,3	4.422	8,0	443	3,1
. Lojistas e caixas	8.372	5,9	3.279	5,5	4.360	7,9	759	5,3
. Outras ocupacoes do comercio	1.253	0,9	489	0,8	62	0,1	(316)	(2,2)
ATIVIDADES SOCIAIS	6.684	4,7	2.247	3,7	3.751	6,8	562	3,9
. Medicos, dentistas e enfermeiros diplomados	1.141	0,8	328	0,6	919	1,7	90	0,6
. Ocupacoes auxiliares da area de saude	1.608	1,1	592	1,0	1.209	2,2	285	1,4
. Professores primarios e inspetores de ensino	1.591	1,1	740	1,2	696	1,3	41	0,3
. Professores secundarios e superiores	2.344	1,7	577	1,0	927	1,7	226	1,6
DEFESA NACIONAL E SEGURANCA PUBLICA	585	0,4	(145)	(0,2)	47	0,1	336	2,4
OCUPACOES TECNICAS	4.929	3,5	2.309	3,9	2.368	4,3	537	3,8
. Engenheiros e Arquitetos	1.193	0,9	855	1,4	424	0,8	38	0,3
. Ocupacoes auxiliares de engenharia e arquitetura	974	0,7	524	0,9	361	0,5	179	1,3
. Outras ocupacoes tecnicas e cientificas de nivel superior	1.737	1,2	592	1,0	966	1,8	234	1,6
. Outras ocupacoes tecnicas e cientificas de nivel medio	1.025	0,7	338	0,6	677	1,2	86	0,6
TOTAL OCUPACOES SELECIONADAS	50.815	36,1	20.864	34,9	22.369	40,5	5.272	37,0
PEA URBANA	140.685	100,0	59.831	100,0	55.261	100,0	14.240	100,0

FONTE: IBGE, Tabulacoes Especiais dos Censos Demograficos.

IN: QUADROS, Waldir J. de - Regioes Metropolitanas Seleccionadas - Mobilidade Estrutural e Grupos Ascendentes: Nova Classe Media. Op. cit., p. 41.

TABELA No. 9
OCUPACOES TÍPICAS DE CLASSE MÉDIA, "NOVOS POSTOS" CRIADOS NA DÉCADA DE 1970

DISCRIMINACAO	GRANDE SAO PAULO		GRANDE R. DE JANEIRO		GRANDE RECIFE		GRANDE SALVADOR	
	No.	%	No.	%	No.	%	No.	%
1a. FAIXA	253.358	34,9	140.748	35,2	29.574	30,5	30.064	33,9
Engenheiros e Arquitetos	16.374	2,0	12.453	3,0	2.448	2,1	2.079	2,3
Médicos, Dentistas e Enfermeiros Diplomados	13.209	1,6	10.865	2,6	2.583	2,7	2.179	2,5
Outras Ocupações Técnicas Cient. - Nível Superior	28.172	3,4	19.940	4,7	2.583	2,8	2.789	3,1
Economistas e Contadores - Nível Superior	12.604	1,5	9.389	2,2	998	1,0	1.616	1,8
Administradores, Gerentes e Chefes	182.999	22,4	96.101	22,8	21.262	22,0	21.401	24,1
2a. FAIXA	70.562	8,6	36.933	8,7	9.935	10,3	6.507	7,4
Outras Ocupações do Comércio	26.211	3,2	7.177	1,7	3.243	3,4	2.074	2,3
Professores Secundários e Superiores	16.408	2,0	16.571	3,9	4.464	4,6	2.057	2,3
Mestres e Contra-mestres	27.943	3,4	13.185	3,1	2.228	2,3	2.456	2,8
3a. FAIXA	123.151	15,0	74.712	17,7	12.069(*)	12,5(*)	11.443(*)	12,9(*)
Auxiliares de Engenharia e Arquitetura	21.009	2,6	9.758	2,3	2.057	2,1	1.769	2,0
Outras Ocupações Técnicas Cient. - Nível Médio	20.021	2,4	11.938	2,8	2.652	2,7	1.958	2,2
Ocupações Defesa Nac. e Segurança Pública	1.512	0,2	5.727	1,3	785	0,8	1.596	1,8
Técnicos de Contabilidade - Nível Médio	26.912	3,3	12.047	2,9	3.291	3,4	3.011	3,4
Professores Primários e Inspectores de Ensino	21.798	2,7	20.148	4,8	4.177(*)	4,3(*)	3.922(*)	4,4(*)
Ocupações Burocráticas de Natureza Específica	31.899	3,9	15.894	3,6	3.284	3,4	3.109	3,5
4a. FAIXA	371.505	45,4	161.711	38,3	45.185(*)	46,7(*)	40.623(*)	45,8(*)
Auxiliares de Escritório	235.824	28,8	93.030	22,0	23.579	24,4	22.023	24,8
Ocupações Auxiliares da Área de Saúde	27.739	3,4	17.889	4,2	2.911	3,0	3.107	3,5
Lojistas e Caixas	107.942	13,2	50.872	12,1	14.510	15,0	11.571	13,0
TOTAL OCUPACOES SELECIONADAS	818.576	100,0	422.104	100,0	96.763	100,0	88.717	100,0

(*) Nesta Região Metropolitana os Professores Primários e Inspectores de Ensino estão incluídos na 4a. Faixa.

FONTE: IBGE, Tabulações Especiais dos Censos Demográficos.

IN: QUADROS, Waldir J. de - Regiões Metropolitanas Seleccionadas - Mobilidade Estrutural e Grupos Ascendentes: Nova Classe Média. Op. cit., p. 42.

Município	% de "novos postos" na 1a. faixa	% de "novos postos" na última faixa
Campinas	29,0	47,6
São José dos Campos	27,0	47,9
Ribeirão Preto	27,3	55,4
Araçatuba	28,3	58,7

Outro aspecto a ser considerado, nesta caracterização do perfil da expansão da classe média não proprietária, refere-se ao absoluto predomínio do assalariamento nas relações de trabalho, que já se manifesta em 1970 e se acentua ao longo da década⁽¹⁾.

Apenas em alguns grupos ocupacionais localizados o trabalho autônomo revela alguma expressão mais relevante⁽²⁾. Na área de Gestão, isto ocorre apenas com os economistas e contadores. Na área de Distribuição (e Intermediação Bancária), com os corretores, agentes comerciais e afins. Nas Atividades Sociais, com os médicos, dentistas e enfermeiros diplomados; merecendo registro os espaços mais significativos ao trabalho autônomo vigentes na Grande São Paulo, a metrópole mais desenvolvida e, portanto, com uma faixa mais ampla de pacientes com alto poder aquisitivo. Já nas Ocupações Técnicas, apenas os auxiliares de engenharia e arquitetura não apresentam uma participação significativa de profissionais independentes.

Por outro lado, verifica-se que o trabalho autônomo mantém razoável expressão basicamente nas ocupações com rendimentos médios mais elevados⁽³⁾.

(1) Cf. tabela no. 10, apresentada na próxima página.

(2) Cf. tabela no. 11, apresentada em seguida.

(3) Cf. tabela no. 12, apresentada em seguida.

TABELA No. 10

OCUPACOES TÍPICAS DE CLASSE MÉDIA, PROPORÇÃO DE TRABALHADORES ASSALARIADOS

DISCRIMINACAO	GRANDE SÃO PAULO		GRANDE RIO DE JANEIRO		GRANDE RECIFE		GRANDE SALVADOR	
	1970	1980	1970	1980	1970	1980	1970	1980
GESTÃO								
. Administradores, gerentes, chefes	99,8	99,4	99,9	99,1	99,7	99,3	99,8	99,4
. Auxiliares de escritório	99,3	99,0	99,5	98,1	99,6	98,5	99,8	98,5
. Ocupações burocráticas de natureza específica	99,9	99,7	100,0	99,6	99,7	99,7	99,8	99,6
. Economistas e contadores - Nível superior	86,1	88,9	89,3	87,9	91,4	90,5	91,3	89,2
. Técnicos de contabilidade - Nível médio	89,5	94,5	89,5	92,3	91,5	90,2	92,6	91,6
. Mestre e contra-mestres	99,3	100,0	99,4	100,0	99,2	100,0	99,3	100,0
DISTRIBUIÇÃO								
. Lojistas e caixas	96,7	97,6	98,9	98,3	96,8	96,8	98,2	97,8
. Outras ocupações do comércio	76,1	75,2	77,1	69,5	75,6	69,0	77,2	68,2
ATIVIDADES SOCIAIS								
. Médicos, dentistas e enfermeiros diplomados	55,7	58,4	76,2	73,1	79,7	79,3	82,1	72,9
. Ocupações auxiliares da área de saúde	95,7	94,4	96,1	91,6	95,7	91,9	96,1	93,4
. Professores primários e inspetores de ensino	91,5	91,6	94,6	91,2	92,2	90,1	90,6	90,1
. Professores secundários e superiores	96,4	98,2	96,3	97,6	95,0	98,5	96,9	96,7
DEFESA NACIONAL E SEGURANÇA	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
OCUPAÇÕES TÉCNICAS								
. Engenheiros e Arquitetos	83,5	87,1	88,0	88,9	83,5	85,5	89,1	89,2
. Ocupações auxiliares de engenharia e arquitetura	93,4	91,9	92,5	87,9	93,5	89,5	91,0	88,6
. Outras ocupações técnicas e científicas de nível superior	63,8	71,7	70,6	68,1	77,0	79,8	79,7	79,7
. Outras ocupações técnicas e científicas de nível médio	81,0	79,3	80,3	72,8	71,3	73,7	76,5	75,5

FONTE: IBGE, Tabulações Especiais dos Censos Demográficos.

IN: QUADROS, Waldir J. de - Regiões Metropolitanas Selecionadas - Mobilidade Estrutural e Grupos Ascendentes: Nova Classe Média. Op. cit., p. 70.

TABELA No. 11
OCUPACOES TÍPICAS DE CLASSE MÉDIA, PROPORÇÃO DE TRABALHADORES AUTÔNOMOS

DISCRIMINACAO	GRANDE SÃO PAULO		GRANDE RIO DE JANEIRO		GRANDE RECIFE		GRANDE SALVADOR	
	1970	1980	1970	1980	1970	1980	1970	1980
GESTÃO								
. Administradores, gerentes, chefes	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
. Auxiliares de escritório	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
. Ocupações burocráticas de natureza específica	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
. Economistas e contadores - Nível superior	12,5	8,2	9,8	9,2	8,6	7,6	8,7	8,7
. Técnicos de contabilidade - Nível médio	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
. Mestre e contra mestres	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
DISTRIBUIÇÃO								
. Lojistas e caixas	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
. Outras ocupações do comércio	23,6	24,4	22,7	29,8	24,2	30,6	22,6	31,1
ATIVIDADES SOCIAIS								
. Médicos, dentistas e enfermeiros diplomados	43,4	35,8	23,1	22,2	19,8	15,9	17,7	19,8
. Ocupações auxiliares da área de saúde	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
. Professores primários e inspetores de ensino	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
. Professores secundários e superiores	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
DEFESA NACIONAL E SEGURANÇA								
	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
OCUPAÇÕES TÉCNICAS								
. Engenheiros e Arquitetos	14,6	9,5	10,9	7,8	15,7	10,4	10,0	7,5
. Ocupações auxiliares de engenharia e arquitetura	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
. Outras ocupações técnicas e científicas de nível superior	26,6	23,0	22,8	26,8	13,3	16,2	12,3	17,5
. Outras ocupações técnicas e científicas de nível médio	14,0	17,2	14,6	24,2	18,4	23,7	15,5	22,1

-0-: Dado sem peso relativo significativo.

FONTE: IBGE, Tabulações Especiais dos Censos Demográficos.

IN: QUADROS, Valdir J. de - Regiões Metropolitanas Seleccionadas - Mobilidade Estrutural e Grupos Ascendentes: Nova Classe Média. Op. cit., p. 71.

TABELA 12
OCUPAÇÕES TÍPICAS DE CLASSE MÉDIA, PROPORÇÃO DE TRABALHADORES AUTÔNOMOS

DISCRIMINAÇÃO	GRANDE SÃO PAULO		GRANDE R. DE JANEIRO		GRANDE RECIFE		GRANDE SALVADOR	
	1970	1980	1970	1980	1970	1980	1970	1980
1a. FAIXA								
Engenheiros e Arquitetos	14,6	9,5	10,9	7,8	15,7	10,4	10,0	7,5
Médicos, Dentistas e Enfermeiros Diplomados	43,4	35,8	23,1	22,2	19,8	15,9	17,8	19,8
Outras Ocupações Técnicas Cient. - Nível Superior	26,6	23,0	22,8	26,8	13,3	16,2	12,3	17,5
Economistas e Contadores - Nível Superior	12,5	8,2	9,8	9,2	8,6	7,6	8,7	8,7
Administradores, Gerentes e Chefes	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
2a. FAIXA								
Outras Ocupações do Comércio	23,6	24,2	22,7	29,8	24,2	30,6	22,6	31,1
Professores Secundários e Superiores	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Mestres e Contra-mestres	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
3a. FAIXA								
Auxiliares de Engenharia e Arquitetura	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Outras Ocupações Técnicas Cient. - Nível Médio	14,0	17,2	14,6	24,2	18,4	23,7	15,5	22,1
Ocupações Defesa Mac. e Segurança Pública	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Técnicos de Contabilidade - Nível Médio	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Professores Primários e Inspectores de Ensino	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Ocupações Burocráticas de Natureza Específica	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
4a. FAIXA								
Auxiliares de Escritório	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Ocupações Auxiliares da Área de Saúde	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Lojistas e Caixas	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-

-0-: Dado sem peso relativo significativo.

FONTE: IBGE, Tabulações Especiais dos Censos Demográficos.

IN: QUADROS, Waldir J. de - Regiões Metropolitanas Seleccionadas - Mobilidade Estrutural e Grupos Ascendentes: Nova Classe Média. Op. cit., p. 72.

Este perfil da presença do trabalho autônomo entre as ocupações de classe média também se apresenta nos municípios selecionados do interior paulista⁽¹⁾. A distinção mais relevante diz respeito à maior proporção de autônomos que frequentemente se manifesta nestes municípios, ainda que nas cidades em que o número absoluto de profissionais é mais expressivo (por exemplo, em Campinas), os níveis se aproximam bastante daqueles vigentes na Grande São Paulo.

Conclui-se assim, que o principal acesso ao mercado de trabalho de classe média se dá pela via do emprego assalariado, ainda que nas ocupações melhor situadas também exista um espaço razoável para o trabalho autônomo. Mais uma vez, ressurge aqui a necessidade de uma comparação com os microempresários, pois muitas vezes a separação entre ambos é extremamente fluída, dependendo em grande medida de aspectos fiscais e creditícios.

Em termos mais gerais, o que se nota então é um elevado dinamismo nas ocupações melhor situadas, acompanhado por uma nódoa de precariedade social que se expressa pela enorme massa de trabalhadores de classe média mal remunerados, atingindo sobretudo as mulheres, como se verá a seguir.

Ainda que para um segmento numeroso de trabalhadores de classe média a questão salarial e trabalhista mais global revele-se, assim, tão crucial como para os demais trabalhadores mal remunerados da sociedade, uma possível tendência à identidade de seus interesses e objetivos não é nada natural, e muito menos inevitável.

E isto, entre outras razões, porque o elevado dinamismo observado no âmbito das ocupações melhor situadas, de certa forma,

(1) Cf. tabelas no. 13, 14 e 15, apresentadas em seguida.

TABELA No. 13
OCUPACOES TÍPICAS DE CLASSE MÉDIA, PROPORÇÃO DE TRABALHADORES ASSALARIADOS

DISCRIMINACAO	CAMPINAS		S.J. DOS CAMPOS		RIBEIRAO PRETO		ARACATUBA	
	1970	1980	1970	1980	1970	1980	1970	1980
GESTAO	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
. Administradores, gerentes e chefes	99,5	99,5	99,6	99,4	99,7	99,5	98,6	99,5
. Auxiliares de escritorio	99,4	99,3	99,6	99,3	99,7	99,4	99,8	99,7
. Ocupacoes burocraticas de natureza especifica	99,2	99,6	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
. Economistas e contadores - Nivel superior	87,4	84,9	83,6	92,2	67,0	84,1	64,4	88,5
. Tecnicos de contabilidade - Nivel medio	86,8	92,1	84,6	94,1	91,1	88,9	81,7	94,5
. Mestre e contra mestres	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
DISTRIBUICAO	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
. Lojistas e caixas	96,5	97,8	97,0	97,7	97,5	97,9	93,0	95,6
. Outras ocupacoes do comercio	69,8	63,9	70,3	61,7	70,9	61,9	80,6	57,0
ATIVIDADES SOCIAIS	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
. Medicos, dentistas e enfermeiros diplomados	57,2	54,7	27,8	52,3	56,6	56,7	25,8	22,9
. Ocupacoes auxiliares da area de saude	98,3	95,8	95,8	95,3	97,5	97,0	94,3	97,1
. Professores primarios e inspetores de ensino	93,3	93,9	94,7	95,2	94,8	92,5	95,8	96,1
. Professores secundarios e superiores	97,8	98,4	98,8	100,0	98,3	99,0	96,6	99,3
DEFESA NACIONAL E SEGURANCA	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
OCUPACOES TECNICAS	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
. Engenheiros e Arquitetos	93,4	86,2	96,7	95,4	75,0	71,2	25,0	74,1
. Ocupacoes auxiliares de engenharia e arquitetura	95,7	91,4	98,5	97,4	88,1	82,3	100,0	79,5
. Outras ocupacoes tecnicas e cientificas de nivel superior	72,4	76,3	63,0	77,3	61,8	67,4	54,6	52,3
. Outras ocupacoes tecnicas e cientificas de nivel medio	77,6	82,9	83,7	83,2	81,0	75,9	69,7	70,7
TOTAL OCUPACOES SELECIONADAS	94,9	94,4	94,2	95,7	92,3	92,5	92,0	93,4

FONTE: IBGE, Tabulacoes Especiais dos Censos Demograficos.

IN: QUADROS, Valdir J. de - Regioes Metropolitanas Seleccionadas - Mobilidade Estrutural e Grupos Ascendentes. Nova Classe Media. Op. cit., p. 73.

TABELA No. 14
OCUPACOES TÍPICAS DE CLASSE MÉDIA, PROPORÇÃO DE TRABALHADORES AUTÔNOMOS

(Em %)

DISCRIMINAÇÃO	CAMPINAS		S.J. DOS CAMPOS		RIBEIRÃO PRETO		ARACATIBA	
	1970	1980	1970	1980	1970	1980	1970	1980
GESTÃO	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
. Administradores, gerentes e chefes	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
. Auxiliares de escritório	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
. Ocupações burocráticas de natureza específica	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
. Economistas e contadores - Nível superior	11,5	11,7	16,4	6,7	33,0	14,6	35,6	0,0
. Técnicos de contabilidade - Nível médio	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
. Mestre e contra-mestres	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
DISTRIBUIÇÃO	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
. Lojistas e caixas	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
. Outras ocupações do comércio	30,2	36,1	29,7	38,3	28,9	38,1	19,4	43,0
ATIVIDADES SOCIAIS	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
. Médicos, dentistas e enfermeiros diplomados	42,4	39,9	65,2	39,3	43,4	39,2	74,2	73,4
. Ocupações auxiliares da área de saúde	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
. Professores primários e inspetores de ensino	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
. Professores secundários e superiores	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
DEFESA NACIONAL E SEGURANÇA	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
OCUPAÇÕES TÉCNICAS	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
. Engenheiros e Arquitetos	6,1	10,9	3,3	3,6	25,0	25,8	75,0	5,6
. Ocupações auxiliares de engenharia e arquitetura	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
. Outras ocupações técnicas e científicas de nível superior	15,4	20,0	22,6	20,3	31,9	29,8	33,3	43,0
. Outras ocupações técnicas e científicas de nível médio	5,5	12,1	11,7	13,3	15,1	22,3	21,9	22,3

-0-: Dado sem peso relativo significativo.

FONTE: IBGE, Tabulações Especiais dos Censo Demográficos

IN: QUADROS, Waldir J. de - Regiões Metropolitanas Seleccionadas - Mobilidade Estrutural e Grupos Ascendentes: Nova Classe Média. Op. cit., p. 74.

TABELA No. 15
OCUPACOES TIPICAS DE CLASSE MEDIA, No. E PROPORCAO DE TRABALHADORES AUTONOMOS

DISCRIMINACAO	CAMPINAS				S.J.DOS CAMPOS				RIBEIRAO PRETO				ARACATUBA			
	1970		1980		1970		1980		1970		1980		1970		1980	
	No.	%	No.	%	No.	%	No.	%	No.	%	No.	%	No.	%	No.	%
• Engenheiros e Arquitetos	47	6,1	214	10,9	11	3,3	43	3,6	25	25,0	135	25,6	12	75,0	3	5,6
• Medicos, dentistas e enfermeiros diplomados	385	42,4	818	39,9	148	65,2	218	39,3	317	43,4	647	39,2	92	74,2	157	73,4
• Outras ocupacoes tecnicas e cientificas de nivel superior	198	15,4	645	20,0	52	22,6	167	20,3	141	31,9	420	29,8	36	33,3	147	43,0
• Economistas e contadores - Nivel superior	40	11,5	109	11,7	24	16,4	23	6,7	30	33,0	44	14,6	16	35,6	-	0,0
• Administradores, gerentes e chefes	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
• Professores secundarios e superiores	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
• Outras ocupacoes do comercio	877	30,2	1.501	36,1	96	29,7	311	38,3	679	28,9	918	38,1	153	19,4	204	43,0
• Mestre e contra mestres	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
• Ocupacoes auxiliares de engenharia e arquitetura	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
• Outras ocupacoes tecnicas e cientificas de nivel medio	80	5,5	299	12,1	48	11,7	100	13,3	92	15,1	287	22,3	44	21,9	64	22,3
• Ocupacoes de Defesa Nacional e Seguranca Publica	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
• Tecnicos de contabilidade - Nivel medio	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
• Professores primarios e inspetores de ensino	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
• Ocupacoes burocraticas de natureza especifica	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
• Auxiliares de escritorio	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
• Ocupacoes auxiliares da area de saude	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
• Lojistas e caixas	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-

-0-: Dado sem peso relativo significativo.

FONTE: IBGE, Tabulacoes Especiais dos Censos Demograficos.

IN: GUAROS, Waldir J. de - Regioes Metropolitanas Selecionadas - Mobilidade Estrutural e Grupos Ascendentes: Nova Classe Media. Op. cit., p. 75.

irradia-se mais ou menos amplamente pela estrutura ocupacional de classe média, atingindo inclusive outros segmentos populares.

Para esclarecer melhor este raciocínio, pode-se especular sobre o suporte que aquele dinamismo oferece a largas parcelas da juventude urbana, em termos de suas expectativas de ascensão social. Em função do que esta ocorrendo durante a década de 1970 no âmbito da classe média, para um número significativo destes jovens não são infundadas as oportunidades de ascenderem nas hierarquias administrativas, ou de ocuparem postos melhor situados estudando em cursos técnicos ou superiores. Por outro lado, mesmo entre os adultos que não se beneficiam diretamente do dinamismo, muitos sentem-se reconfortados pela melhoria na situação de seus filhos.

É claro que estas expectativas mais otimistas e individualizantes manifestam-se sobretudo em fases de dinamismo econômico. Contudo, mesmo num quadro de crise a identidade de propósitos entre os "de baixo" não está assegurada de antemão, bastando atentar-se para o clima de "salve-se quem puder" e do corporativismo exacerbado dos anos 80.

Em outras palavras, não será ao nível das questões profissionais e trabalhistas mais específicas, tratadas sob a ótica funcionalista ou não, que irá se buscar solução ao desafio de se estabelecer alianças entre os operários e a classe média na busca de uma melhor estruturação da sociedade.

Esta complexa questão parece ter seu melhor equacionamento ao nível político, através de um projeto de sociedade e de desenvolvimento que contemple as perspectivas mais gerais de ambas as classes. Ou seja, no âmbito da discussão dos pré-requisitos e do conteúdo de uma alternativa de desenvolvimento distributivo e na busca de uma sociedade mais justa e humana.

Por fim, cabe novamente enfatizar a oportunidade perdida pelo conservadorismo brasileiro, ao impedir que o dinamismo capitalista (econômico e social) da década de 1970 fosse orientado no sentido de - respeitando as imposições mais estruturais - enfrentar nossa pesada herança de marginalidade social, buscando uma melhor estruturação da sociedade e tornando-a mais civilizada, através do combate à chaga da miséria e da ampliação dos direitos sociais e políticos. O conservadorismo na orientação da política econômica e social e o autoritarismo político, unidos por um sentimento anti-popular exacerbado, jogaram fora esta esplêndida e rara oportunidade histórica.

4. Principais atividades geradoras de novos postos

a. O panorama geral

A seguir irá se examinar as atividades que ao longo da década de 1970 se destacaram na geração de oportunidades para a classe média⁽¹⁾. E este exame é um bom caminho para se evitar que, na análise do significado da classe média, atenha-se exclusivamente ao aspecto do consumo.

Logo de imediato verifica-se que sete atividades são responsáveis pela geração de 80% dos novos postos na Grande São Paulo, e de algo em torno de 70% nas outras três metrópoles, como se apresenta a seguir.

**% de novos postos gerados no conjunto das
ocupações típicas de classe média**

Atividades	Grande São Paulo	Grande Rio de Janeiro	Grande Recife	Grande Salvador
<u>SUB-TOTAL</u>	80,1	71,2	70,8	68,2
Indústria de Transf.	31,8	18,4	14,1	18,8
Comércio de Mercad.	16,4	14,2	20,9	17,2
Setor Financeiro	12,1	8,8	8,9	7,7
Atividades Sociais	8,7	14,0	12,7	10,9
Serviços Técnicos	5,1	9,2	4,7	4,9
Administ. Pública	3,2	2,3	6,9	6,3
Outros Serv. Pessoais	2,8	4,3	2,6	2,4

Assim, uma visão panorâmica revela que parcela fundamental das oportunidades surgidas no âmbito das ocupações de classe média localiza-se nos escritórios das fábricas e das empresas estatais; no comércio; nos bancos, corretoras, financeiras e empresas congêneres; na área educacional e de saúde; nos escritórios de advocacia, contabilidade, engenharia, arquitetura, etc.; nas repartições da administração pública; e, nos serviços de fotografia, consultoria empresarial, publicidade, locação de veículos, eletricidade, etc. Basicamente, é a forma de organização e o dinamismo revelado por estas atividades, no que se refere à geração de renda e emprego, que responde pela extraordinária expansão da classe média.

Levando-se em conta as particularidades regionais verifica-se que, em três das metrópoles analisadas, a indústria de transformação (que inclui as empresas estatais produtivas) se constitui na principal fonte geradora de novos postos, destacando-se nitidamente a Grande São Paulo - que nucleia a mais avançada e orgânica órbita de desenvolvimento capitalista do país.

(1) Cf. Tabelas no. 16, 18, 20, 22, 24, 26 e 28, apresentadas no anexo estatístico ao capítulo III.

Na Grande Recife é o comércio de mercadorias que assume a posição mais destacada, compensando em parte o baixo desempenho da indústria⁽¹⁾. Também na Grande Salvador o comércio revela uma grande importância, com uma contribuição bastante próxima àquela verificada na indústria.

Igualmente na Grande São Paulo e Grande Rio de Janeiro, o comércio assume a segunda posição mais relevante. Entretanto, nesta última metrópole chama atenção o fato de que a contribuição do comércio é equivalente à das atividades sociais, que nela apresenta a maior participação frente às demais metrópoles analisadas.

Nas metrópoles nordestinas o papel das atividades sociais também é significativo, constituindo-se na terceira fonte mais importante de novos postos. Por outro lado, chama atenção o baixo desempenho revelado por estas atividades na Grande São Paulo. Nesta metrópole as atividades sociais contribuem menos que o setor financeiro, que aqui assume a terceira posição mais destacada. Esta performance aponta simultaneamente para o relativo descaso social que vigorou na metrópole mais desenvolvida, como também para a extraordinária expansão da atividade e do emprego que se verificou no âmbito dos bancos, corretoras, financeiras e outras instituições congêneres.

Nas outras três metrópoles analisadas o setor financeiro também é relevante, porém em menor grau. Na Grande Rio de Janeiro, inclusive, o setor financeiro é ultrapassado pelos serviços técnicos⁽¹⁾, e nas metrópoles do nordeste sua contribuição não se distancia muito

(1) É necessário ter sempre presente a enorme diversidade regional, que também se manifesta no âmbito das atividades.

(2) Engloba os serviços de advocacia, contabilidade, engenharia, arquitetura, decoração, estatística, veterinária, etc.

daquela verificada na administração pública - que aqui supera o desempenho dos serviços técnicos.

Na Grande São Paulo os serviços técnicos revelam uma certa importância, e nas duas metrópoles do sudeste a contribuição da administração pública é bem menos expressiva que aquela manifestada nas metrópoles nordestinas.

Por fim, a última contribuição com certo relevo provém dos outros serviços pessoais⁽¹⁾, com a Grande Rio de Janeiro destacando-se ligeiramente.

b. A ótica da divisão do trabalho

Pode-se obter uma visão mais qualificada sobre a contribuição das principais atividades geradoras de novos postos de classe média, ao longo da década de 1970, analisando-se seu desempenho no âmbito de cada um dos grandes agregados ocupacionais. Inicia-se pelo conjunto de ocupações agrupadas na área de Gestão, tal como e apresenta a seguir.

GESTÃO **% de novos postos gerados por atividades**

Atividades	Grande São Paulo	Grande Rio de Janeiro	Grande Recife	Grande Salvador
Indústria de Transf.	39,4	23,9	18,2	23,3
Comércio de Mercad.	10,5	10,0	15,5	11,1
Setor Financeiro	15,2	11,1	11,6	8,8
Administ. Pública	3,3	2,5	9,5	8,6
SUB-TOTAL	68,4	47,5	54,8	51,8

⁽¹⁾ Contempla os serviços de eletricidade, borracharia, fotografia, jardinagem, consultoria empresarial, publicidade, datilografia, mecanografia, cadastramento, estacionamento, locação de veículos, locação de mão-de-obra, etc.

A característica básica da expansão das ocupações envolvidas com a Gestão é que ela ocorre de forma generalizada, manifestando-se com intensidade em todas as atividades. Contudo, quatro se destacam pela maior contribuição na geração de novos postos, sendo que a mais expressiva delas é sem dúvida a indústria de transformação.

Esta performance da indústria se verifica em todas as metrópoles analisadas, entretanto, como era de se esperar, é na Grande São Paulo onde sua intensidade é mais acentuada, tornando muito nítido o nexos que se estabelece entre crescimento industrial e forte expansão do emprego nos escritórios das fábricas. Por outro lado, esta situação contém importantes implicações futuras, seja num cenário de estagnação econômica, seja na projeção das tendências do desenvolvimento capitalista contemporâneo, com a revolução que promove também nas tarefas administrativas, através da rápida introdução da informática e de novas formas de organização.

Nas metrópoles do sudeste a segunda fonte mais importante na geração destes postos de trabalho localiza-se no setor financeiro. Já nas metrópoles do nordeste esta posição é ocupada pelo comércio de mercadorias. Por outro lado, chama atenção nestas últimas metrópoles a elevada contribuição revelada pela administração pública, que é bastante superior àquela que se verifica nas metrópoles do sudeste.

Apenas para um exercício ilustrativo - mas que não se afasta demasiadamente da realidade brasileira -, pode-se tomar a indústria e o setor financeiro como atividades relativamente mais dinâmicas que o comércio e a administração pública. Com isto verifica-se que na Grande São Paulo este segmento mais dinâmico responde por 55% dos novos postos de gestão. Nas outras metrópoles este nível cai para 35% no Rio de Janeiro, 30% na Grande Recife e 32% na Grande Salvador. Inversamente, o segmento menos dinâmico atinge 25% na Grande Recife e 20% na Grande Salvador,

caindo para 14% na Grande São Paulo e 13% na Grande Rio de Janeiro.

A seguir são apresentados os novos postos gerados nas Ocupações Técnicas.

OCUPAÇÕES TÉCNICAS
% de novos postos gerados por atividades

Atividades	Grande São Paulo	Grande Rio de Janeiro	Grande Recife	Grande Salvador
Indústria de Transf.	23,3	11,5	11,1	21,1
Serviços Técnicos	27,5	36,7	21,5	24,8
Administ. Pública	10,3	7,0	15,7	11,8
Outros Serv. Pessoais	9,0	8,9	9,3	6,5
SUB-TOTAL	70,1	64,1	57,6	64,2

Pela própria natureza destas ocupações, a principal fonte geradora de novos postos são os serviços técnicos, atividade que engloba as empresas de engenharia, arquitetura, decoração, os escritórios de advocacia, etc. De fato, sua contribuição é a mais elevada em todas as metrópoles analisadas, destacando-se o nível verificado na Grande Rio de Janeiro.

Entretanto, também merece registro a boa performance que se manifesta na indústria de transformação. Na Grande Rio de Janeiro, Grande São Paulo e Grande Salvador ela se constitui na segunda fonte mais importante, sendo que nas duas últimas sua contribuição é muito próxima daquela verificada nos serviços técnicos.

Novamente chama atenção a contribuição da administração pública nas metrópoles nordestinas, porém com menor disparidade em relação às metrópoles do sudeste. Por fim, nas quatro metrópoles também é significativo o desempenho dos outros serviços pessoais.

Na sequência é apresentada a geração de novos postos no conjunto de ocupações características da área de Distribuição e Intermediação Bancária.

DISTRIBUIÇÃO E INTERMEDIÇÃO
% de novos postos gerados por atividades

Atividades	Grande São Paulo	Grande Rio de Janeiro	Grande Recife	Grande Salvador
Comérc. de Mercadorias	58,3	61,8	65,3	68,3
Ind. de Transformação	26,9	25,8	14,7	17,8
Setor Financeiro	12,2	16,8	11,7	13,7
Serv. de Higiene Pes- soal e Alimentação	(5,3)	(13,5)	(2,5)	(8,3)
SUB-TOTAL	92,1	89,3	89,2	90,7

Naturalmente, o comércio de mercadorias é a principal fonte de novos postos destas ocupações, entre as quais sobressai-se a enorme massa de balconistas. Contudo, merece registro o desempenho da indústria de transformação - através de sua área de comercialização -, que inclusive supera a contribuição do setor financeiro, com sua legião de caixas de banco e afins.

Uma observação adicional refere-se aos serviços de higiene pessoal e alimentação, onde o desempenho verificado provavelmente reflete mais a persistência de problemas de classificação ocupacional, do que uma generalizada destruição líquida de postos de trabalho.

Por fim, são apresentados os dados relativos às Atividades Sociais.

ATIVIDADES SOCIAIS
% de novos postos gerados por atividades

Atividades	Grande São Paulo	Grande Rio de Janeiro	Grande Recife	Grande Salvador
SAÚDE	50,6	42,1	35,4	45,0
Serviço de Saúde Partic.	29,9	25,0	15,7	30,3
Serviço de Saúde Pública e Previdência	20,7	17,1	19,7	14,7
Educação	49,3	57,9	64,6	55,0
Serviços de Ensino Particular	32,1	38,6	33,1	33,9
Serviços de Ensino Público	17,2	19,3	31,5	21,1
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0
Entidades Privadas	62,0	63,6	48,8	64,2
Entidades Públicas	38,0	36,4	51,2	35,8

A exceção da Grande São Paulo, onde Educação e Saúde praticamente se equivalem na geração de novos postos - com um ligeiro predomínio da área de saúde -, nas outras três metrópoles o peso da área educacional é preponderante.

Por outro lado, e em termos globais, as instituições sociais privadas são as que mais contribuem, ressalvando-se apenas o desempenho verificado na Grande Recife, onde o peso do setor público é quase equivalente. Na área educacional o predomínio do setor privado se manifesta nas quatro metrópoles, porém nas metrópoles nordestinas a contribuição do ensino público é superior àquela das metrópoles do sudeste. Quanto à área de saúde, o maior peso do setor privado apenas não se verifica na Grande Recife.

c. A ética dos rendimentos médios

Até aqui examinou-se a contribuição das diversas atividades na geração de postos de classe média sob a ética da divisão do trabalho. Agora, irá se analisar o mesmo fenômeno enfocando-o a partir dos rendimentos obtidos nestas ocupações. Para tanto, apresenta-se a seguir a distribuição dos novos postos por faixas de rendimentos médios, para cada uma das principais atividades geradoras, iniciando-se pela indústria de transformação⁽¹⁾.

INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO 2 de novos postos por faixa de rendimentos médios

Discriminação	Grande São Paulo	Grande Rio de Janeiro	Grande Recife	Grande Salvador
1a. faixa	37	37	36	39
2a. e 3a. faixas	27	24	31	27
4a. faixa	36	39	33	34

Como se observa, a indústria revela um perfil razoavelmente equilibrado de distribuição dos novos postos. A proporção dos que se encontram na faixa mais elevada é bastante próxima da que se verifica na última faixa - sendo que nas metrópoles nordestinas a situação é inclusive ligeiramente mais favorável -, e o peso da faixa intermediária não se afasta demasiadamente das demais.

Na primeira faixa sobressaem-se os novos postos de administradores, gerentes e chefes e, na última, os auxiliares de escritório.

(*) Cf. tabela no. 17, apresentada no anexo estatístico ao capítulo III.

Uma performance muito próxima a esta se manifesta nos Serviços Técnicos⁽¹⁾, como se apresenta a seguir.

SERVIÇOS TÉCNICOS
2 de novos postos por faixa de rendimentos médios

Discriminação	Grande São Paulo	Grande Rio de Janeiro	Grande Recife	Grande Salvador
1a. faixa	35	33	24	31
2a. e 3a. faixas	39	33	39	41
4a. faixa	26	33	37	28

A distinção mais imediata em relação à indústria refere-se à maior concentração relativa de novos postos na faixa intermediária. Tal fato é o resultado de uma menor presença tanto na faixa pior remunerada - à exceção do que se nota na Grande Recife -, como na camada superior.

Na faixa intermediária a expansão ocorre nos auxiliares de engenharia e arquitetura, técnicos de contabilidade e nas ocupações técnicas e científicas de nível médio. Na faixa superior destacam-se as ocupações técnicas e científicas de nível superior, seguidos dos engenheiros e arquitetos. Na última faixa, novamente os auxiliares de escritório.

Este perfil relativamente equilibrado que se verifica na indústria e nos serviços técnicos torna-se mais nítido quando observa-se a situação vigente no comércio de mercadorias⁽²⁾.

(1) Cf. tabela no. 23, apresentada no anexo estatístico ao capítulo III.

(2) Cf. tabela no. 19, apresentada no anexo estatístico ao capítulo III.

COMÉRCIO DE MERCADORIAS
2 de novos postos por faixa de rendimentos médios

Discriminação	Grande São Paulo	Grande Rio de Janeiro	Grande Recife	Grande Salvador
1a. faixa	23	29	22	20
2a. e 3a. faixas	4	2	5	5
4a. faixa	73	70	73	74

Nota-se, assim, que a imensa maioria dos novos postos criados pelo comércio ao longo da década de 1970 situa-se na pior faixa de remuneração, com predomínio absoluto de balconistas e caixas, embora os auxiliares de escritório assumam uma certa expressão. A faixa intermediária é inexpressiva, e na camada superior encontra-se algo em torno de 20% dos novos postos - com exceção da Grande Rio de Janeiro, onde o nível se aproxima dos 30% -, os quais referem-se aos administradores, gerentes e chefes.

No Setor Financeiro encontra-se um perfil bastante parecido a este do comércio, como se apresenta a seguir⁽¹⁾.

SETOR FINANCEIRO
2 de novos postos por faixa de rendimentos médios

Discriminação	Grande São Paulo	Grande Rio de Janeiro	Grande Recife	Grande Salvador
1a. faixa	26	32	26	26
2a. e 3a. faixas	10	8	9	9
4a. faixa	64	60	66	65

(1) Cf. tabela no. 21, apresentada no anexo estatístico ao capítulo III.

De fato, a semelhança é muito grande, apenas atenuando-se ligeiramente a concentração na pior faixa de remuneração, em favor de uma certa melhoria nas faixas intermediárias e superior.

Na última faixa, destacam-se os novos postos de auxiliares de escritório, seguidos dos caixas e balconistas; e, na camada superior, mais uma vez sobressaem-se os administradores, gerentes e chefes.

Na Administração Pública encontra-se um perfil totalmente distinto dos anteriores, como se observa a seguir⁽¹⁾.

ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA
2 de novos postos por faixa de rendimentos médios

Discriminação	Grande São Paulo	Grande Rio de Janeiro	Grande Recife	Grande Salvador
1a. faixa	41	92	64	70
2a. e 3a. faixas	21	27	14	14
4a. faixa	38	(18)	22	16

De imediato, chama atenção a elevada concentração de novos postos na camada superior, sobressaindo-se nitidamente a situação vigente na Grande Rio de Janeiro. Inversamente, o menor peso relativo refere-se à Grande São Paulo.

A participação da faixa intermediária é menor nas metrópoles nordestinas, em relação às metrópoles do sudeste. No que diz respeito à camada pior remunerada, ela é mais expressiva na Grande São Paulo, manifestando-se uma certa simetria em relação à menor concentração na

⁽¹⁾ Cf. tabela no. 25, apresentada no anexo estatístico no capítulo III.

primeira faixa. Esta simetria igualmente se verifica na Grande Rio de Janeiro, com a destruição de postos na última faixa.

Na camada superior destacam-se os novos postos de administradores, gerentes e chefes, acompanhado pelas ocupações técnicas e científicas de nível superior. Na última faixa, os auxiliares de escritório, inclusive no que se refere à retração ocorrida na Grande Rio de Janeiro - onde a situação parece sugerir um movimento generalizado de promoções.

Em seguida são apresentados os dados relativos às Atividades Sociais⁽¹⁾.

ATIVIDADES SOCIAIS
2 de novos postos por faixa de rendimentos médios

Discriminação	Grande São Paulo	Grande Rio de Janeiro	Grande Recife	Grande Salvador
1a. faixa	17	16	17	19
2a. e 3a. faixas	50	58	37	21
4a. faixa	34	26	46	59

⁽¹⁾ Cf. tabela no. 29, apresentada no anexo estatístico no capítulo III.

Nas atividades sociais o traço distintivo reside na pequena presença relativa de novos postos na camada de rendimentos mais elevados. Nas metrópoles do sudeste, a maior concentração dá-se na faixa intermediária; e, nas metrópoles nordestinas na última faixa - basicamente por força do rebaixamento que nelas se manifesta entre os professores primários.

Na camada superior destacam-se os novos postos de médicos, dentistas e enfermeiros diplomados. Na faixa intermediária, os professores secundários e superiores e, nas metrópoles do sudeste, também os professores primários. Na pior faixa de remuneração sobressaem-se as ocupações auxiliares de saúde, agregando-se nas metrópoles nordestinas os professores primários.

Finalmente, apresenta-se os dados dos Outros Serviços Pessoais⁽¹⁾.

OUTROS SERVIÇOS PESSOAIS
2 de novos postos por faixa de rendimentos médios

Discriminação	Grande São Paulo	Grande Rio de Janeiro	Grande Recife	Grande Salvador
1a. faixa	16	35	8	11
2a. e 3a. faixas	40	29	55	39
4a. faixa	44	37	37	51

Também aqui o traço marcante emerge da reduzida concentração de novos postos na primeira faixa de rendimentos, à exceção do que se verifica na Grande Rio de Janeiro. Nesta faixa, destacam-se os novos

⁽¹⁾ Cf. tabela no. 27, apresentada no anexo estatístico ao capítulo III.

postos em ocupações técnicas e científicas de nível superior, sendo que o nível mais elevado da metrópole carioca resulta da expansão que também se verifica entre os administradores, gerentes e chefes.

Na faixa intermediária sobressaem-se as ocupações burocráticas de natureza específica e as ocupações técnicas e científicas de nível médio. Na quarta faixa, os auxiliares de escritório.

ANEXO ESTATÍSTICO AO CAPÍTULO III

TABELA 16

INDUSTRIA DE TRANSFORMACAO, "NOVOS POSTOS" E PARTICIPACAO NO TOTAL DE "NOVOS POSTOS" GERADOS NA DECADE DE 1.970

DISCRIMINACAO	GRANDE SAO PAULO		GRANDE RIO DE JANEIRO		GRANDE RECIFE		GRANDE SALVADOR	
	No.	% S/NP TOTAL	No.	% S/NP TOTAL	No.	% S/NP TOTAL	No.	% S/NP TOTAL
GESTAO	203.996	39,4	57.001	23,9	9.920	18,2	12.509	23,3
Administradores, Gerentes, Chefes	79.906	43,7	22.843	22,9	4.201	19,8	5.116	23,9
Auxiliares de Escritorio	73.830	31,3	20.281	21,8	3.280	13,9	4.239	19,2
Ocupacoes Burocraticas de Natureza Especifica	13.597	42,6	4.167	27,6	631	19,2	823	26,5
Economistas e Contadores - Nivel Superior	4.846	38,4	2.210	23,5	207	20,7	334	20,7
Tecnicos de Contabilidade - Nivel Medio	11.991	44,6	3.248	27,0	708	21,5	721	23,9
Mestres e Contra mestres	19.826	71,0	5.052	38,3	901	40,4	1.276	52,0
DISTRIBUICAO	36.035	26,9	14.506	25,0	2.618	14,7	2.317	17,0
Lojistas e Caixas	19.472	18,0	9.924	19,5	1.232	8,5	1.354	11,7
Outras Ocupacoes de Comercio	16.563	63,2	4.582	63,8	1.386	42,7	963	46,4
ATIVIDADES SOCIAIS	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Medicos, Dentistas, Enfermeiros Diplomados	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Ocupacoes Auxiliares da Area de Saude	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Professores Primarios e Inspetores de Ensino	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Professores Secundarios e Superiores	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
DEFESA NACIONAL E SEGURANCA	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
OCUPACOES TECNICAS	19.929	23,3	6.214	11,5	1.051	11,1	1.816	21,1
Engenheiros e Arquitetos	6.650	40,6	3.290	26,4	180	8,8	720	34,6
Ocup. Auxiliares de Engenharia e Arquitetura	9.315	44,3	2.836	29,1	384	18,7	381	21,5
Outras Ocup. Tecnicas e Cient. - Nivel Superior	5.054	17,9	1.150	5,8	299	11,1	400	14,3
Outras Ocup. Tec. e Cientif. - Nivel Medio	(1.090)	(5,4)	(1.062)	(8,9)	188	7,1	315	16,1
TOTAL OCUPACOES SELECIONADAS	259.960	31,8	77.721	18,4	13.597	14,1	16.642	18,8

-0- : Dado sem peso relativo significativo.

FONTE: IBGE, Tabulacoes Especiais dos Censos Demograficos.

IN: QUADROS, Waldir J. de - Regioes Metropolitanas Seleccionadas - Mobilidade Estrutural e Grupos Ascendentes: Nova Classe Media. Op. cit., p. 85.

TABELA No. 17

INDUSTRIA DE TRANSFORMACAO, 'NOVOS POSTOS' GERADOS NA DECADE DE 1970

DISCRIMINACAO	GRANDE SAO PAULO		GRANDE R.DE JANEIRO		GRANDE RECIFE		GRANDE SALVADOR	
	No.	Z	No.	Z	No.	Z	No.	Z
1a. FAIXA	96.456	37,1	28.693	36,9	4.887	35,9	6.570	39,4
Engenheiros e Arquitetos	6.650	2,6	3.290	4,2	160	1,3	720	4,3
Medicos, Dentistas e Enfermeiros Diplomados	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Outras Ocupacoes Tecnicas Cient. - Nivel Superior	5.054	1,9	1.150	1,5	299	2,2	400	2,4
Economistas e Contadores - Nivel Superior	4.846	1,9	2.210	2,8	207	1,5	334	2,0
Administradores, Gerentes e Chefes	79.946	30,7	22.043	28,4	4.201	30,9	5.116	30,7
2a. FAIXA	36.389	14,0	9.634	12,4	2.287	16,8	2.239	13,5
Outras Ocupacoes do Comercio	16.563	6,4	4.582	5,9	1.386	10,2	963	5,8
Professores Secundarios e Superiores	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Mestres e Contramestres	19.826	7,6	5.052	6,5	901	6,6	1.276	7,7
3a. FAIXA	33.813	13,0	9.189	11,8	1.911	14,1	2.240	13,5
Auxiliares de Engenharia e Arquitetura	9.315	3,6	2.836	3,6	384	2,8	381	2,3
Outras Ocupacoes Tecnicas Cient. - Nivel Medio	(1.090)	(0,4)	(1.062)	(1,4)	188	1,4	315	1,9
Ocupacoes Defesa Mac. e Seguranca Publica	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Tecnicos de Contabilidade - Nivel Medio	11.991	4,6	3.248	4,2	708	5,2	721	4,3
Professores Primarios e Inspetores de Ensino	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Ocupacoes Burocraticas de Natureza Especifica	13.597	5,2	4.167	5,4	631	4,6	823	4,9
4a. FAIXA	93.302	35,9	30.205	38,9	4.512	33,2	5.593	33,6
Auxiliares de Escritorio	73.830	28,4	20.281	26,1	3.200	24,1	4.239	25,5
Ocupacoes Auxiliares da Area de Saude	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Lojistas e Caixas	19.472	7,5	9.924	12,8	1.232	9,1	1.354	8,1
TOTAL OCUPACOES SELECIONADAS	259.960	100,0	77.721	100,0	13.597	100,0	16.642	100,0

-0- : Dado sem peso relativo significativo

FONTE: IBGE, Tabulacoes Especiais dos Censos Demograficos.

IN: QUADROS, Waldir J. de - Regioes Metropolitanas Seleccionadas - Mobilidade Estrutural e Grupos Ascendentes: Nova Classe Media. Op. cit., p. 86.

TABELA No. 18

COMERCIO (DE ARTIGOS; DE VEICULOS, ACESSORIOS, MAQUINAS, COMBUSTIVEIS E LUBRIFICANTES; DE MATERIAS-PRIMAS E ATIVIDADES AUXILIARES DO COMERCIO),
NOVOS POSTOS* E PARTICIPACAO NO TOTAL DE "NOVOS POSTOS" GERADOS NA DECADE DE 1970

DISCRIMINACAO	GRANDE SAO PAULO		GRANDE RIO DE JANEIRO		GRANDE RECIFE		GRANDE SALVADOR	
	No.	% S/NP TOTAL	No.	% S/NP TOTAL	No.	% S/NP TOTAL	No.	% S/NP TOTAL
GESTAO	54.558	10,5	23.788	10,0	8.492	15,5	5.975	11,1
Administradores, Gerentes, Chefes	30.536	16,7	17.255	18,0	4.374	20,6	3.053	14,5
Auxiliares de Escritorio	19.284	8,2	3.019	3,2	3.117	13,2	2.210	10,0
Ocupacoes Burocraticas de Natureza Especifica	4.738	14,9	2.772	10,4	555	16,9	615	19,8
Economistas e Contadores - Nivel Superior	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Tecnicos de Contabilidade - Nivel Medio	-0-	-0-	742	6,2	446	13,6	97	3,2
Mestres e Contramestres	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
DISTRIBUICAO	78.249	58,3	35.901	61,8	11.601	65,3	9.313	68,3
Lojistas e Caixas	78.249	72,5	38.540	75,8	11.601	79,9	9.147	79,1
Outras Ocupacoes de Comercio	-0-	-0-	(2.639)	(36,8)	-0-	-0-	166	8,0
ATIVIDADES SOCIAIS	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Medicos, Dentistas, Enfermeiros Diplomados	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Ocupacoes Auxiliares da Area de Saude	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Professores Primarios e Inspetores de Ensino	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Professores Secundarios e Superiores	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
DEFESA NACIONAL E SEGURANCA	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
OCUPACOES TECNICAS	1.148	1,3	66	0,1	99	0,1	-0-	-0-
Engenheiros e Arquitetos	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Ocup. Auxiliares de Engenharia e Arquitetura	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Outras Ocup. Tecnicas e Cient. - Nivel Superior	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Outras Ocup. Tec. e Cientif. - Nivel Medio	1.148	5,7	66	0,6	99	3,7	-0-	-0-
TOTAL OCUPACOES SELECIONADAS	133.955	16,4	59.755	14,2	20.192	20,9	15.288	17,2

-0- : Dado sem peso relativo significativo.

FONTE: IBGE, Tabulacoes Especiais dos Censos Demograficos.

IN: QUADROS, Waldir J. de - Regioes Metropolitanas Seleccionadas - Mobilidade Estrutural e Grupos Ascendentes: Nova Classe Media. Op. cit., p. 87.

TABELA No. 19

COMERCIO (DE ARTIGOS; DE VEICULOS, ACESSORIOS, MAQUINAS, COMBUSTIVEIS E LUBRIFICANTES; DE MATERIAS-PRIMAS E ATIVIDADES AUXILIARES DO COMERCIO), "NOVOS POSTOS" GERADOS NA DECADE DE 1970

DISCRIMINACAO	GRANDE SAO PAULO		GRANDE R. DE JANEIRO		GRANDE RECIFE		GRANDE SALVADOR	
	No.	Z	No.	Z	No.	Z	No.	Z
1a. FAIXA	30.536	22,8	17.255	20,9	4.374	21,7	3.053	20,0
Engenheiros e Arquitetos	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Medicos, Dentistas e Enfermeiros Diplomados	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Outras Ocupacoes Tecnicas Cient. - Nivel Superior	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Economistas e Contadores - Nivel Superior	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Administradores, Gerentes e Chefes	30.536	22,8	17.255	20,9	4.374	21,7	3.053	20,0
2a. FAIXA	-0-	-0-	(2.639)	(4,4)	-0-	-0-	166	1,1
Outras Ocupacoes do Comercio	-0-	-0-	(2.639)	(4,4)	-0-	-0-	166	1,1
Professores Secundarios e Superiores	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Mestres e Contramestres	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
3a. FAIXA	5.886	4,4	3.580	6,0	1.100	5,4	712	4,6
Auxiliares de Engenharia e Arquitetura	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Outras Ocupacoes Tecnicas Cient. - Nivel Medio	1.148	0,9	66	0,1	99	0,5	-0-	-0-
Ocupacoes Defesa Nac. e Seguranca Publica	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Tecnicos de Contabilidade - Nivel Medio	-0-	-0-	742	1,2	446	2,2	97	0,6
Professores Primarios e Inspectores de Ensino	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Ocupacoes Burocraticas de Natureza Especifica	4.738	3,5	2.772	4,6	555	2,7	615	4,0
4a. FAIXA	97.533	72,8	41.559	69,5	14.718	72,9	11.357	74,3
Auxiliares de Escritorio	19.284	14,4	3.019	5,0	3.117	15,4	2.210	14,5
Ocupacoes Auxiliares da Area de Saude	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Lojistas e Caixas	78.249	58,4	38.540	64,5	11.601	57,5	9.147	59,8
TOTAL OCUPACOES SELECIONADAS	133.955	100,0	59.755	100,0	20.192	100,0	15.288	100,0

-0- : Dado sem peso relativo significativo

FONTE: IBGE, Tabulacoes Especiais dos Censos Demograficos.

IN: QUADROS, Waldir J. de - Regioes Metropolitanas Seleccionadas - Mobilidade Estrutural e Grupos Ascendentes - Nova Classe Media. Op. cit., p. 88.

TABELA No. 20

SERVICOS DE CREDITO, CAPITALIZACAO E COMERCIO DE VALORES, 'NOVOS POSTOS' E PARTICIPACAO NO TOTAL DE 'NOVOS POSTOS' GERADOS NA DECADE DE 1970

DISCRIMINACAO	GRANDE SAO PAULO		GRANDE RIO DE JANEIRO		GRANDE RECIFE		GRANDE SALVADOR	
	No.	I S/NP TOTAL	No.	I S/NP TOTAL	No.	I S/NP TOTAL	No.	I S/NP TOTAL
GESTAO	78.650	15,2	26.472	11,1	6.340	11,6	4.739	8,8
Administradores, Gerentes, Chefes	22.501	12,3	9.906	10,3	1.976	9,3	1.457	6,8
Auxiliares de Escritorio	47.381	20,1	13.593	14,6	3.724	15,8	2.704	12,3
Ocupacoes Burocraticas de Natureza Especifica	4.916	15,4	1.911	12,7	312	9,5	317	10,2
Economistas e Contadores - Nivel Superior	1.465	11,6	1.066	11,4	117	11,7	176	10,9
Tecnicos de Contabilidade - Nivel Medio	2.387	8,9	(4)	-0-	211	6,4	85	2,8
Mestres e Contra mestres	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
DISTRIBUICAO	16.363	12,2	9.292	16,0	2.086	11,7	1.875	13,7
Lojistas e Caixas	15.269	14,1	8.650	17,0	1.945	13,4	1.747	15,1
Outras Ocupacoes de Comercio	1.094	4,2	642	8,9	141	4,3	128	6,2
ATIVIDADES SOCIAIS	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Medicos, Dentistas, Enfermeiros Diplomados	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Ocupacoes Auxiliares da Area de Saude	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Professores Primarios e Inspetores de Ensino	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Professores Secundarios e Superiores	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
DEFESA NACIONAL E SEGURANCA	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
OCUPACOES TECNICAS	3.632	4,2	1.559	2,9	194	2,1	215	2,5
Engenheiros e Arquitetos	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Ocup. Auxiliares de Engenharia e Arquitetura	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Outras Ocup. Tecnicas e Cient. - Nivel Superior	2.099	7,5	1.050	5,3	122	4,5	140	5,0
Outras Ocup. Tec. e Cientif. - Nivel Medio	1.533	7,7	509	4,3	72	2,7	75	3,8
TOTAL OCUPACOES SELECIONADAS	98.645	12,1	37.323	8,8	8.620	8,9	6.829	7,7

-0- : Dado sem peso relativo significativo.

FONTE: IBGE, Tabulacoes Especiais dos Censos Demograficos.

IN: QUADROS, Waldir J. de - Regioes Metropolitanas Seleccionadas - Mobilidade Estrutural e Grupos Ascendentes: Nova Classe Media. Op. cit., p. 89.

TABELA No. 21

SERVICOS DE CREDITO, CAPITALIZACAO E COMERCIO DE VALORES, "NOVOS POSTOS" GERADOS NA DECADE DE 1970

DISCRIMINACAO	GRANDE SAO PAULO		GRANDE R.DE JANEIRO		GRANDE RECIFE		GRANDE SALVADOR	
	No.	X	No.	X	No.	X	No.	X
1a. FAIXA	26.065	26,4	12.022	32,2	2.215	25,7	1.773	26,0
Engenheiros e Arquitetos	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Medicos, Dentistas e Enfermeiros Diplomados	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Outras Ocupacoes Tecnicas Cient. - Nivel Superior	2.099	2,1	1.050	2,8	122	1,4	140	2,1
Economistas e Contadores - Nivel Superior	1.465	1,5	1.066	2,9	117	1,4	176	2,6
Administradores, Gerentes e Chefes	22.501	22,8	9.906	26,5	1.976	22,9	1.457	21,3
2a. FAIXA	1.094	1,1	642	1,7	141	1,6	128	1,9
Outras Ocupacoes do Comercio	1.094	1,1	642	1,7	141	1,6	128	1,9
Professores Secundarios e Superiores	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Mestres e Contramestres	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
3a. FAIXA	8.836	9,0	2.416	6,5	595	6,9	477	7,0
Auxiliares de Engenharia e Arquitetura	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Outras Ocupacoes Tecnicas Cient. - Nivel Medio	1.533	1,6	509	1,4	72	0,8	75	1,1
Ocupacoes Defesa Nac. e Seguranca Publica	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Tecnicos de Contabilidade - Nivel Medio	2.387	2,4	(4)	-0-	211	2,4	85	1,2
Professores Primarios e Inspetores de Ensino	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Ocupacoes Burocraticas de Natureza Especifica	4.916	5,0	1.911	5,1	312	3,6	317	4,6
4a. FAIXA	62.650	63,5	22.243	59,6	5.669	65,8	4.451	65,2
Auxiliares de Escritorio	47.381	48,0	13.593	36,4	3.724	43,2	2.704	39,6
Ocupacoes Auxiliares da Area de Saude	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Lojistas e Caixas	15.269	15,5	8.650	23,2	1.945	22,6	1.747	25,6
TOTAL OCUPACOES SELECIONADAS	98.645	100,0	37.323	100,0	8.620	100,0	6.829	100,0

-0- : Dado sem peso relativo significativo

FONTE: IBGE, Tabulacoes Especiais dos Censos Demograficos.

IN: QUADROS, Waldir J. de - Regioes Metropolitanas Seleccionadas - Mobilidade Estrutural e Grupos Ascendentes., p. 90.

TABELA No. 22

SERVICOS TECNICOS, "NOVOS POSTOS" E PARTICIPACAO NO TOTAL DE "NOVOS POSTOS" GERADOS NA DECADE DE 1970

DISCRIMINACAO	GRANDE SAO PAULO		GRANDE RIO DE JANEIRO		GRANDE RECIFE		GRANDE SALVADOR	
	No.	Z S/NP TOTAL	No.	Z S/NP TOTAL	No.	Z S/NP TOTAL	No.	Z S/NP TOTAL
GESTAO	18.282	3,5	19.159	8,0	2.522	4,6	2.186	4,1
Administradores, Gerentes, Chefes	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Auxiliares de Escritorio	10.939	4,6	13.037	14,0	1.693	7,2	1.212	5,5
Ocupacoes Burocraticas de Natureza Especifica	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Economistas e Contadores - Nivel Superior	1.839	14,6	1.587	16,9	61	6,1	240	14,9
Tecnicos de Contabilidade - Nivel Medio	5.504	20,5	4.535	37,6	768	23,3	724	24,4
Mestres e Contramestres	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
DISTRIBUICAO	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Lojistas e Caixas	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Outras Ocupacoes de Comercio	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
ATIVIDADES SOCIAIS	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Medicos, Dentistas, Enfermeiros Diplomados	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Ocupacoes Auxiliares da Area de Saude	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Professores Primarios e Inspetores de Ensino	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Professores Secundarios e Superiores	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
DEFESA NACIONAL E SEGURANCA	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
OCUPACOES TECNICAS	23.511	27,5	19.876	36,7	2.027	21,5	2.133	24,8
Engenheiros e Arquitetos	4.703	28,7	3.723	29,9	389	18,6	345	16,6
Ocup. Auxiliares de Engenharia e Arquitetura	6.732	32,0	4.668	47,8	535	26,0	557	31,5
Outras Ocup. Tecnicas e Cient. - Nivel Superior	8.157	29,0	7.654	38,4	636	23,7	743	26,6
Outras Ocup. Tec. e Cientif. - Nivel Medio	3.919	19,6	3.831	32,1	476	17,9	488	24,9
TOTAL OCUPACOES SELECIONADAS	41.793	5,1	39.035	9,2	4.549	4,7	4.319	4,9

-0- : Dado sem peso relativo significativo.

FONTE: IBGE, Tabulacoes Especiais dos Censos Demograficos.

IN: QUADROS, Waldir, J. de - Regioes Metropolitanas Seleccionadas - Mobilidade Estrutural e Grupos Ascendentes: Nova Classe Media. Op. cit., p. 91.

TABELA No. 23

SERVICOS TECNICOS, "NOVOS POSTOS" GERADOS NA DECADE DE 1970

DISCRIMINACAO	GRANDE SAO PAULO		GRANDE R. DE JANEIRO		GRANDE RECIFE		GRANDE SALVADOR	
	No.	I	No.	I	No.	I	No.	I
1a. FAIXA	14.699	35,2	12.964	33,2	1.077	23,7	1.328	30,7
Engenheiros e Arquitetos	4.703	11,3	3.723	9,5	380	8,4	345	8,0
Medicos, Dentistas e Enfermeiros Diplomados	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Outras Ocupacoes Tecnicas Cient. - Nivel Superior	8.157	19,5	7.654	19,6	636	14,0	743	17,2
Economistas e Contadores - Nivel Superior	1.839	4,4	1.587	4,1	61	1,3	240	5,5
Administradores, Gerentes e Chefes	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
2a. FAIXA	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Outras Ocupacoes do Comercio	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Professores Secundarios e Superiores	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Mestres e Contramestres	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
3a. FAIXA	16.155	38,7	13.034	33,4	1.779	39,1	1.779	41,2
Auxiliares de Engenharia e Arquitetura	6.732	16,1	4.668	12,0	535	11,8	557	12,9
Outras Ocupacoes Tecnicas Cient. - Nivel Medio	3.919	9,4	3.831	9,8	476	10,5	488	11,3
Ocupacoes Defesa Nac. e Seguranca Publica	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Tecnicos de Contabilidade - Nivel Medio	5.504	13,2	4.535	11,6	768	16,9	734	17,0
Professores Primarios e Inspectores de Ensino	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Ocupacoes Burocraticas de Natureza Especifica	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
4a. FAIXA	10.939	26,2	13.037	33,4	1.693	37,2	1.212	28,1
Auxiliares de Escritorio	10.939	26,2	13.037	33,4	1.693	37,2	1.212	28,1
Ocupacoes Auxiliares da Area de Saude	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Lojistas e Caixas	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
TOTAL OCUPACOES SELECIONADAS	41.793	100,0	39.035	100,0	4.549	100,0	4.319	100,0

-0- : Dado sem peso relativo significativo

FONTE: IBGE, Tabulacoes Especiais dos Censos Demograficos.

IN: QUADROS, Valdir J. de - Regioes Metropolitanas Seleccionadas - Mobilidade Estrutural e Grupos Ascendentes: Nova Classe Media. Op. cit., p. 92.

TABELA No. 24

ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA, "NOVOS POSTOS" E PARTICIPAÇÃO NO TOTAL DE "NOVOS POSTOS" GERADOS NA DÉCADA DE 1970

DISCRIMINAÇÃO	GRANDE SÃO PAULO		GRANDE RIO DE JANEIRO		GRANDE RECIFE		GRANDE SALVADOR	
	No.	Σ S/NP TOTAL	No.	Σ S/NP TOTAL	No.	Σ S/NP TOTAL	No.	Σ S/NP TOTAL
GESTÃO	17.214	3,3	5.996	2,5	5.187	9,5	4.618	8,6
Administradores, Gerentes, Chefes	5.862	3,2	5.890	6,1	3.060	14,4	3.007	14,1
Auxiliares de Escritório	9.851	4,2	(11.801)	(11,9)	1.462	6,2	905	4,1
Ocupações Burocráticas de Natureza Específica	869	2,7	729	4,8	198	6,0	85	2,7
Economistas e Contadores - Nível Superior	632	5,0	500	6,2	196	19,6	340	21,0
Técnicos de Contabilidade - Nível Médio	-0-	-0-	-0-	-0-	139	4,2	164	5,4
Mestres e Contra-mestres	-0-	-0-	598	4,5	132	5,9	117	4,8
DISTRIBUIÇÃO	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Lojistas e Caixas	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Outras Ocupações de Comércio	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
ATIVIDADES SOCIAIS	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Médicos, Dentistas, Enfermeiros Diplomados	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Ocupações Auxiliares da Área de Saúde	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Professores Primários e Inspectores de Ensino	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Professores Secundários e Superiores	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
DEFESA NACIONAL E SEGURANÇA	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Ocupações Técnicas	8.791	10,3	3.766	7,0	1.486	15,7	1.014	11,8
Engenheiros e Arquitetos	847	5,2	730	5,9	276	13,5	255	12,3
Ocup. Auxiliares de Engenharia e Arquitetura	416	2,0	194	2,0	180	8,8	179	10,1
Outras Ocup. Técnicas e Cient. - Nível Superior	3.344	11,9	1.756	8,8	738	27,5	335	12,0
Outras Ocup. Tec. e Cientif. - Nível Médio	4.184	20,9	1.086	9,1	292	11,0	245	12,5
TOTAL OCUPAÇÕES SELECIONADAS	26.005	3,2	9.762	2,3	6.673	6,9	5.632	6,3

-0- : Dado sem peso relativo significativo.

FONTE: IBGE, Tabulações Especiais dos Censos Demográficos.

IN: QUADROS, Waldir J. de - Regiões Metropolitanas Seleccionadas - Mobilidade Estrutural e Grupos Ascendentes: Nova Classe Média. Op. cit., p. 93.

TABELA No. 25
ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA, 'NOVOS POSTOS' GERADOS NA DÉCADA DE 1970

DISCRIMINAÇÃO	GRANDE SÃO PAULO		GRANDE R. DE JANEIRO		GRANDE RECIFE		GRANDE SALVADOR	
	No.	%	No.	%	No.	%	No.	%
1a. FAIXA	10.685	41,1	8.956	91,7	4.270	64,0	3.937	69,9
Engenheiros e Arquitetos	847	3,3	730	7,5	276	4,1	255	4,5
Médicos, Dentistas e Enfermeiros Diplomados	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Outras Ocupações Técnicas Cient. - Nível Superior	3.344	12,9	1.756	18,0	738	11,1	335	5,9
Economistas e Contadores - Nível Superior	632	2,4	580	5,9	196	2,9	346	6,0
Administradores, Gerentes e Chefes	5.862	22,5	5.890	60,3	3.660	45,9	3.007	53,4
2a. FAIXA	-0-	-0-	598	6,1	132	2,0	117	2,1
Outras Ocupações do Comércio	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Professores Secundários e Superiores	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Mestres e Contramestres	-0-	-0-	598	6,1	132	2,0	117	2,1
3a. FAIXA	5.469	21,0	2.009	20,6	809	12,1	673	11,9
Auxiliares de Engenharia e Arquitetura	416	1,6	194	2,0	180	2,7	179	3,2
Outras Ocupações Técnicas Cient. - Nível Médio	4.184	16,1	1.886	11,1	292	4,4	245	4,3
Ocupações Defesa Nac. e Segurança Pública	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Técnicos de Contabilidade - Nível Médio	-0-	-0-	-0-	-0-	139	2,1	164	2,9
Professores Primários e Inspectores de Ensino	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Ocupações Burocráticas de Natureza Específica	869	3,3	729	7,5	198	3,0	85	1,5
4a. FAIXA	9.851	37,9	(1.801)	(18,4)	1.462	21,9	905	16,1
Auxiliares de Escritório	9.851	37,9	(1.801)	(18,4)	1.462	21,9	905	16,1
Ocupações Auxiliares da Área de Saúde	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Lojistas e Caixas	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
TOTAL OCUPAÇÕES SELECIONADAS	26.005	100,0	9.762	100,0	6.673	100,0	5.632	100,0

-0- : Dado sem peso relativo significativo

FONTE: IBGE, Tabulações Especiais dos Censos Demográficos.

IN: QUADROS, Waldir J. de - Regiões Metropolitanas Seleccionadas - Mobilidade Estrutural e Grupos Ascendentes: Nova Classe Média. Op. cit., p. 94.

TABELA No. 26

OUTROS SERVICOS PESSOAIS, "NOVOS POSTOS" E PARTICIPACAO NO TOTAL DE "NOVOS POSTOS" GERADOS NA DECADE DE 1970

DISCRIMINACAO	GRANDE SAO PAULO		GRANDE RIO DE JANEIRO		GRANDE RECIFE		GRANDE SALVADOR	
	No.	% S/NP TOTAL	No.	% S/NP TOTAL	No.	% S/NP TOTAL	No.	% S/NP TOTAL
GESTAO	14.884	2,9	13.265	5,6	1.633	3,0	1.582	3,0
Administradores, Gerentes, Chefes	-0-	-0-	3.300	3,4	-0-	-0-	-0-	-0-
Auxiliares de Escritorio	9.908	4,2	6.605	7,1	936	4,0	1.004	4,9
Ocupacoes Burocraticas de Natureza Especifica	4.035	12,6	2.476	16,4	617	18,8	429	13,8
Economistas e Contadores - Nivel Superior	941	7,5	884	9,4	80	8,0	69	4,3
Tecnicos de Contabilidade - Nivel Medio	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Mestres e Contra mestres	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
DISTRIBUICAO	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Lojistas e Caixas	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Outras Ocupacoes de Comercio	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
ATIVIDADES SOCIAIS	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Medicos, Dentistas, Enfermeiros Diplomados	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Ocupacoes Auxiliares da Area de Saude	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Professores Primarios e Inspetores de Ensino	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Professores Secundarios e Superiores	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
DEFESA NACIONAL E SEGURANCA	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
OCUPACOES TECNICAS	7.684	9,0	4.801	8,9	880	9,3	561	6,5
Engenheiros e Arquitetos	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Ocup. Auxiliares de Engenharia e Arquitetura	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Outras Ocup. Tecnicas e Cient. - Nivel Superior	2.672	9,5	2.097	10,5	125	4,7	165	5,9
Outras Ocup. Tec. e Cientif. - Nivel Medio	5.012	25,0	2.704	22,7	755	28,5	396	20,2
TOTAL OCUPACOES SELECIONADAS	22.568	2,8	18.066	4,3	2.513	2,6	2.143	2,4

-0- : Dado sem peso relativo significativo.

FONTE: IBGE, Tabulacoes Especiais dos Censos Demograficos.

IN: QUADROS, Waldir J. de - Regioes Metropolitanas Seleccionadas - Mobilidade Estrutural e Grupos Ascendentes: Nova Classe Media. Op. cit., p. 95.

TABELA No. 27

OUTROS SERVICOS PESSOAIS, "NOVOS POSTOS" GERADOS NA DECADE DE 1970

DISCRIMINACAO	GRANDE SAO PAULO		GRANDE R. DE JANEIRO		GRANDE RECIFE		GRANDE SALVADOR	
	No.	%	No.	%	No.	%	No.	%
1a. FAIXA	3.613	16,0	6.281	34,8	205	8,2	234	10,9
Engenheiros e Arquitetos	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Medicos, Dentistas e Enfermeiros Diplomados	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Outras Ocupacoes Tecnicas Cient. - Nivel Superior	2672	11,8	2.097	11,6	125	5,0	165	7,7
Economistas e Contadores - Nivel Superior	941	4,2	884	4,9	80	3,2	69	3,2
Administradores, Gerentes e Chefes	-0-	-0-	3.300	18,3	-0-	-0-	-0-	-0-
2a. FAIXA	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Outras Ocupacoes do Comercio	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Professores Secundarios e Superiores	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Mestres e Contramestres	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
3a. FAIXA	9.047	40,1	5.180	28,7	1.372	54,6	825	38,5
Auxiliares de Engenharia e Arquitetura	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Outras Ocupacoes Tecnicas Cient. - Nivel Medio	5.012	22,2	2.704	15,0	755	30,0	396	18,5
Ocupacoes Defesa Nac. e Seguranca Publica	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Tecnicos de Contabilidade - Nivel Medio	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Professores Primarios e Inspectores de Ensino	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Ocupacoes Burocraticas de Natureza Especifica	4.035	17,9	2.476	13,7	617	24,6	429	20,0
4a. FAIXA	9.908	43,9	6.605	36,5	936	37,2	1.084	50,6
Auxiliares de Escritorio	9.908	43,9	6.605	36,5	936	37,2	1.084	50,6
Ocupacoes Auxiliares da Area de Saude	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Lojistas e Caixas	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
TOTAL OCUPACOES SELECIONADAS	22.568	100,0	18.066	100,0	2.513	100,0	2.143	100,0

-0- : Dado sem peso relativo significativo

FONTE: IBGE, Tabulacoes Especiais dos Censos Demograficos.

IN: QUADROS, Waldir J. de - Regioes Metropolitanas Seleccionadas - Mobilidade Estrutural e Grupos Ascendentes: Nova Classe Media. Op. cit., p. 96.

TABELA No. 28

ATIVIDADES SOCIAIS, 'NOVOS POSTOS' E PARTICIPACAO NO TOTAL DE 'NOVOS POSTOS' GERADOS NA DECADE DE 1.970

DISCRIMINACAO	GRANDE SAO PAULO		GRANDE RIO DE JANEIRO		GRANDE RECIFE		GRANDE SALVADOR	
	No.	% S/NP TOTAL	No.	% S/NP TOTAL	No.	% S/NP TOTAL	No.	% S/NP TOTAL
GESTAO	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Administradores, Gerentes, Chefes	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Auxiliares de Escritorio	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Ocupacoes Burocraticas de Natureza Especifica	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Economistas e Contadores - Nivel Superior	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Tecnicos de Contabilidade - Nivel Medio	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Mestres e Contramestres	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
DISTRIBUICAO	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Lojistas e Caixas	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Outras Ocupacoes de Comercio	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
ATIVIDADES SOCIAIS	70.797	89,4	59.111	90,4	12.239	86,6	9.630	85,5
Medicos, Dentistas, Enfermeiros Diplomados	11.867	89,8	9.487	87,3	2.111	81,7	1.853	85,0
Ocupacoes Auxiliares da Area de Saude	23.706	85,5	15.384	86,4	2.262	77,7	2.478	79,8
Professores Primarios e Inspetores de Ensino	18.816	86,3	17.669	87,7	3.402	81,4	3.242	82,7
Professores Secundarios e Superiores	16.408	100,0	16.571	100,0	4.464	100,0	2.057	100,0
DEFESA NACIONAL E SEGURANCA	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
OCUPACOES TECNICAS	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Engenheiros e Arquitetos	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Ocup. Auxiliares de Engenharia e Arquitetura	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Outras Ocup. Tecnicas e Cient. - Nivel Superior	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Outras Ocup. Tec. e Cientif. - Nivel Medio	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
TOTAL OCUPACOES SELECIONADAS	70.797	8,7	59.111	14,0	12.239	12,7	9.630	10,9

-0-: Dado em peso relativo significativo.

FONTE: IBGE, Tabulacoes Especiais dos Censos Demograficos.

IN: QUADROS, Waldir J. de - Regioes Metropolitanas Seleccionadas - Mobilidade Estrutural e Grupos Ascendentes: Nova Classe Media. Op. cit., p. 97.

TABELA No. 29

ATIVIDADES SOCIAIS, "NOVOS POSTOS" GERADOS NA DÉCADA DE 1.970

DISCRIMINACAO	GRANDE SAO PAULO		GRANDE R. DE JANEIRO		GRANDE RECIFE		GRANDE SALVADOR	
	No.	%	No.	%	No.	%	No.	%
1a. FAIXA	11.867	16,7	9.487	16,1	2.111	17,3	1.853	19,2
Engenheiros e Arquitetos	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Médicos, Dentistas e Enfermeiros Diplomados	11.867	16,7	9.487	16,1	2.111	17,3	1.853	19,2
Outras Ocupações Técnicas Cient. - Nível Superior	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Economistas e Contadores - Nível Superior	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Administradores, Gerentes e Chefes	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
2a. FAIXA	16.408	23,2	16.571	28,0	4.464	36,5	2.057	21,4
Professores Secundários e Superiores	16.408	23,2	16.571	28,0	4.464	36,5	2.057	21,4
Outras Ocupações do Comércio	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Mestres e Contramestres	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
3a. FAIXA	18.816	26,6	17.669	29,9	-(*)	-(*)	-(*)	-(*)
Auxiliares de Engenharia e Arquitetura	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Outras Ocupações Técnicas Cient. - Nível Médio	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Técnicos de Contabilidade - Nível Médio	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Professores Primários e Inspetores de Ensino	18.816	26,6	17.669	29,9	3.402(*)	27,8(*)	3.242(*)	33,7(*)
Ocupações Burocráticas de Natureza Específica	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
4a. FAIXA	23.706	33,5	15.384	26,0	5.664(*)	46,3(*)	5.720(*)	59,4(*)
Auxiliares de Escritório	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
Ocupações Auxiliares da Área de Saúde	23.706	33,5	15.384	26,0	2.262	18,5	2.478	25,7
Lojistas e Caixas	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
TOTAL OCUPACOES SELECIONADAS	70.797	100,0	59.111	100,0	12.239	100,0	9.630	100,0

-0-: Dado sem peso relativo significativo.

FONTE: IBGE, Tabulações Especiais dos Censos Demográficos.

IN: QUADROS, Waldir J. de - Regiões Metropolitanas Selecionadas - Mobilidade Estrutural e Grupos Ascendentes: Nova Classe Média. Op. cit., p. 98.

(*) Nesta Região Metropolitana os Professores Primários e Inspetores de Ensino estão incluídos na última faixa.

CAPÍTULO VI: Sexo e Cor na Discriminação Social

Verificou-se no capítulo anterior, que um dos traços básicos da evolução das ocupações de classe média durante a década de 1970 se constitui no expressivo dinamismo das ocupações melhor situadas, ao lado de elevada concentração de novos postos em ocupações mal remuneradas. Agora irá se demonstrar que o aspecto da precariedade social atinge sobretudo as mulheres e os negros.

1. A mulher no mercado de trabalho de classe média

a. O panorama metropolitano⁽¹⁾

Em 1980 as mulheres representavam 50% da população brasileira, sendo que no conjunto das metrópoles sua participação eleva-se a 51%. No que se refere à presença feminina no universo de pessoas ocupadas, o patamar é significativamente inferior e no Brasil metropolitano atinge a marca de 34%. Como se observa a seguir, as disparidades regionais não são muito significativas.

Região Metropolitana	% de mulheres no total de pessoas ocupadas
Norte	32,4
Nordeste	35,1
Sudeste	33,8
Sul	34,9

Um aspecto muito relevante diz respeito ao fato de que a proporção de mulheres ocupadas que encontram-se em ocupações não

(*) Cf. IBGE - Indicadores Sociais (...) Op. cit.

manuais - conforme definição do IBGE -, supera o nível de participação feminina no mercado geral de trabalho metropolitano, com a única exceção do nordeste, onde os níveis se aproximam, como se verifica a seguir:

Região Metropolitana	ocupações não manuais Z de mulheres ocupadas
Norte	36,0
Nordeste	34,2
Sudeste	37,9
Sul	38,1

Entretanto, se em termos globais os dados indicam que não foi barrado o acesso às ocupações não manuais, a desagregação dos mesmos revela que, em relação aos homens, as mulheres ocupadas estão exageradamente concentradas no segmento inferior, tal como se apresenta a seguir.

Região Metropolitana	(em Z)	
	nível médio e pessoal de escritório	
	homem	mulher
<u>Brasil metropolitano</u>	17,2	30,2
Norte	14,7	28,4
Nordeste	14,4	26,9
Sudeste	17,8	30,9
Sul	17,6	30,0

Por outro lado, a superioridade masculina no segmento superior não é simétrica, manifestando-se uma disparidade relativamente pequena, como a seguir se verifica.

Região Metropolitana	(em %)	
	nível superior, empresários, administradores	
	homem	mulher
Brasil Metropolitano	10,5	7,2
Norte	8,4	7,6
Nordeste	8,6	7,3
Sudeste	10,8	7,0
Sul	11,5	8,1

Embora a categoria não manuais, e sua própria segmentação, não estejam isentas de ambiguidade e deva-se, também, levar em conta a discriminação que a mulher possa sofrer no âmbito das próprias ocupações, sendo pior remuneradas que os homens, este panorama introdutório já conduz a uma importante constatação.

Ainda que em termos eminentemente impressionísticos, tal quadro sugere que, para a imensa maioria das trabalhadoras de classe média que se encontram no segmento inferior das ocupações não manuais, a melhoria nas suas condições de trabalho só podem ser alcançadas através de conquistas realizadas no âmbito deste mesmo segmento, valorizando-se as ocupações "tipicamente" femininas.

E isto porque, mesmo que atinjam total igualdade com os homens no segmento superior, a parcela das que ascenderiam a estas ocupações melhor situadas seria pouco expressiva: em termos globais, da ordem de 3% das mulheres ocupadas, em 1980, no universo metropolitano.

Contudo, esta importante questão só pode ser melhor situada examinando-se com maior profundidade o que se passa com os diversos grupos ocupacionais de classe média, lançando mão das tabulações especiais dos censos demográficos.

b. O comportamento nas metrópoles selecionadas

Para se iniciar a análise mais desagregada, vamos recolocar o quadro global nesta nova base de dados. Desta forma, verifica-se que, no que se refere ao trabalho feminino, um traço marcante da década de 1970 é a rápida expansão da presença da mulher nas ocupações típicas de classe média, tal como se apresenta a seguir⁽¹⁾.

Região Metropolitana	Z de mulheres nas ocupações tip. de cl. média		Z de mulheres na PEA urbana	
	1.970	1.980	1.970	1.980
São Paulo	30,9	39,5	28,5	32,8
Rio de Janeiro	30,5	38,5	28,7	33,4
Recife	32,0	41,0	30,5	34,7
Salvador	34,9	43,8	32,3	35,8

Nota-se, assim, que já em 1970 a presença feminina nestas ocupações superava sua participação no conjunto do emprego urbano - nas quatro metrópoles analisadas -, e que esta superioridade relativa se amplia significativamente em 1980. Tal comportamento reflete duas coisas: que o ingresso de mulheres no mercado geral de trabalho foi mais intenso que o crescimento do emprego urbano; e que a expansão do emprego feminino nas ocupações de classe média realizou-se a um ritmo mais elevado ainda. Ou seja, nestes termos, as condições de acesso foram bastante favoráveis. Por outro lado, nota-se que nas metrópoles do nordeste os níveis da presença feminina são algo superiores aos verificados nas metrópoles do sudeste.

Este perfil da expansão do emprego feminino de classe média também se manifesta nos municípios representativos das grandes cidades

(1) Cf. tabela no. 30, apresentada na próxima página.

TABELA No. 30
OCUPACOES TIPICAS DE CLASSE MEDIA, PROPORCAO DE TRABALHO FEMININO

DISCRIMINACAO	GRANDE SAO PAULO		GRANDE RIO DE JANEIRO		GRANDE RECIFE		GRANDE SALVADOR	
	1970	1980	1970	1980	1970	1980	1970	1980
GESTAO								
Administradores, Gerentes, Chefes	12,7	20,3	20,9	25,8	18,4	27,1	19,8	29,0
Auxiliares de Escritorio	42,8	58,6	41,1	53,9	42,7	55,5	40,9	57,2
Ocupacoes Burocraticas de Natureza Especifica	14,9	22,1	16,1	22,3	7,1	15,2	11,2	15,1
Economistas e Contadores - Nivel Superior	5,0	14,9	12,7	20,1	10,3	28,5	15,5	29,2
Tecnicos de Contabilidade - Nivel Medio	12,1	29,4	20,7	30,3	24,5	37,3	24,7	35,9
Mestres e Contra mestres	10,9	6,2	6,4	6,0	5,6	4,4	4,2	5,3
DISTRIBUICAO								
Lojistas e Caixas	29,3	39,9	24,8	40,1	24,8	40,9	24,9	43,4
Outras Ocupacoes de Comercio	8,7	13,8	11,0	13,6	3,4	10,7	6,0	12,0
ATIVIDADES SOCIAIS								
Medicos, Dentistas, Enfermeiros Diplomados	17,1	29,4	20,7	32,1	28,5	41,9	33,2	44,1
Ocupacoes Auxiliares da Area de Saude	74,3	80,1	73,4	76,2	76,3	82,7	78,8	84,1
Professores Primarios e Inspectores de Ensino	86,9	85,0	91,0	88,2	91,4	89,2	94,2	91,7
Professores Secundarios e Superiores	55,9	70,8	50,4	66,5	42,4	62,2	59,0	75,0
DEFESA NACIONAL E SEGURANCA								
	0,6	3,3	0,3	0,4	0,2	0,6	0,3	2,3
OCUPACOES TECNICAS								
Engenheiros e Arquitetos	2,0	6,2	2,9	9,8	4,2	13,9	2,5	9,8
Ocup. Auxiliares de Engenharia e Arquitetura	3,7	7,7	4,7	10,2	1,9	11,5	5,1	11,4
Outras Ocup. Tecnicas e Cient. - Nivel Superior	16,6	32,2	19,1	31,0	16,6	35,0	22,3	39,4
Outras Ocup. Tec. e Cientif. - Nivel Medio	23,6	26,1	26,0	25,0	23,7	24,8	25,2	31,4
TOTAL OCUPACOES SELECIONADAS								
	30,9	39,5	30,5	38,5	32,0	41,0	34,9	43,8
PEA URBANA								
	28,5	32,8	28,7	33,4	30,5	34,7	32,3	35,8

FONTE: IBGE, Tabulacoes Especiais dos Censos Demograficos.

IN: QUADROS, Waldir J. de - Regioes Metropolitanas Seleccionadas - Mobilidade Estrutural e Grupos Ascendentes: Nova Classe Media. Op. cit., p. 51.

do interior paulista, como a seguir se constata⁽¹⁾.

Municípios	Z de mulheres nas ocupações típ. de cl. média		Z de mulheres na PEA urbana	
	1.970	1.980	1.970	1.980
Campinas	34,0	41,1	29,5	33,2
São José dos Campos	27,4	38,0	26,4	29,2
Ribeirão Preto	30,6	40,9	31,7	34,9
Araçatuba	27,8	34,9	29,9	32,8

A ótica da divisão do trabalho

Examinando-se os vários grupos ocupacionais constata-se, tanto nas quatro metrópoles como nos municípios paulistas, que a expansão do trabalho feminino ocorre de forma generalizada, ou seja, manifestando-se por toda a estrutura ocupacional de classe média. Entretanto, algumas ocupações se destacam como tipicamente femininas. É o caso dos auxiliares da área de saúde e dos profissionais da área educacional. Outra ocupação que se sobressai são os auxiliares de escritório, com elevada presença de mulheres em 1970 e com seu predomínio sendo alcançado em 1980.

Esta rápida e generalizada expansão pode ser melhor avaliada analisando-se a elevada participação feminina nos novos postos gerados durante a década de 1.970, como a seguir se apresenta, em termos globais⁽²⁾.

(1) Cf. tabela no. 31, apresentada em seguida.

(2) Cf. tabela no. 32, apresentada na próxima página.

TABELA No. 31
OCUPACOES TIPICAS DE CLASSE MEDIA, PROPORCAO DE TRABALHO FEMININO

DISCRIMINACAO	CAMPINAS		S.J.DOS CAMPOS		RIBEIRAO PRETO		ARACATUBA	
	1970	1980	1970	1980	1970	1980	1970	1980
GESTAO	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
. Administradores, gerentes e chefes	11,1	17,7	4,5	16,0	9,8	21,3	5,8	9,5
. Auxiliares de escritorio	45,0	60,0	40,0	58,3	41,1	57,4	22,5	42,4
. Ocupacoes burocraticas de natureza especifica	5,3	18,9	1,1	8,1	5,4	20,2	0,0	11,4
. Economistas e contadores - Nivel superior	5,5	18,2	0,9	11,6	17,6	17,2	0,0	3,8
. Tecnicos de contabilidade - Nivel medio	13,5	26,2	17,7	37,7	12,7	24,8	3,8	8,2
. Mestre e contra mestres	3,6	3,8	10,1	6,1	24,1	1,0	0,0	0,0
DISTRIBUICAO	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
. Lojistas e caixas	32,1	47,6	18,5	40,1	24,7	38,5	22,6	34,9
. Outras ocupacoes do comercio	5,3	10,8	7,1	3,3	2,8	2,6	4,4	3,0
ATIVIDADES SOCIAIS	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
. Medicos, dentistas e enfermeiros diplomados	12,9	26,1	14,1	31,9	17,9	29,6	0,0	24,8
. Ocupacoes auxiliares da area de saude	80,1	82,9	71,7	77,7	72,8	73,2	72,2	65,7
. Professores primarios e inspetores de ensino	88,7	85,9	87,4	88,3	90,5	84,5	87,8	89,1
. Professores secundarios e superiores	55,0	58,8	38,4	70,3	43,7	63,4	62,4	66,4
DEFESA NACIONAL E SEGURANCA	0,0	1,2	0,0	0,4	0,0	1,9	0,0	2,6
OCUPACOES TECNICAS	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-	-0-
. Engenheiros e Arquitetos	0,0	4,1	0,0	2,1	0,0	5,5	0,0	0,0
. Ocupacoes auxiliares de engenharia e arquitetura	3,9	6,5	1,5	3,1	6,0	5,5	0,0	2,1
. Outras ocupacoes tecnicas e cientificas de nivel superior	15,9	27,6	7,4	28,8	15,6	29,6	7,4	15,5
. Outras ocupacoes tecnicas e cientificas de nivel medio	35,0	26,3	16,7	25,3	15,8	22,4	11,9	12,5
TOTAL OCUPACOES SELECIONADAS	34,0	41,1	27,4	38,0	30,6	40,9	27,8	34,9
PEA URBANA	29,5	33,2	26,4	29,2	31,7	34,9	29,9	32,8

-0-: Dado sem peso relativo significativo.

FONTE: IBGE, Tabulacoes Especiais dos Censos Demograficos.

IN: QUADROS, Waldir J. de - Regioes Metropolitanas Seleccionadas - Mobilidade Estrutural e Grupos Ascendentes: Nova Classe Media. Op. cit., p. 52.

TABELA No. 32
OCUPACOES TIPICAS DE CLASSE MEDIA, "NOVOS POSTOS" PARA TRABALHO FEMININO E
PARTICIPACAO NO TOTAL DE "NOVOS POSTOS" CRIADOS NA DECADE DE 1970

DISCRIMINACAO	GRANDE SAO PAULO		GRANDE RIO DE JANEIRO		GRANDE RECIFE		GRANDE SALVADOR	
	No.	% S/NP TOTAL	No.	% S/NP TOTAL	No.	% S/NP TOTAL	No.	% S/NP TOTAL
GESTAO	250.892	48,4	117.679	49,3	26.785	49,0	26.368	49,2
Administradores, Gerentes, Chefes	44.101	24,1	28.449	29,6	6.867	32,3	7.024	32,8
Auxiliares de Escritorio	181.374	76,9	75.797	81,5	17.102	72,5	16.687	75,8
Ocupacoes Burocraticas de Natureza Especifica	8.704	27,3	4.434	29,4	741	22,6	587	10,9
Economistas e Contadores - Nivel Superior	2.821	22,4	2.462	26,2	453	45,4	554	34,3
Tecnicos de Contabilidade - Nivel Medio	13.031	48,4	5.422	45,0	1.536	46,7	1.378	45,8
Mestres e Contramestres	861	3,1	1.115	8,5	86	3,9	138	5,6
DISTRIBUICAO	65.119	48,5	44.072	75,9	10.553	59,6	8.965	65,7
Lojistas e Caixas	58.014	53,7	42.119	82,8	9.868	60,0	8.472	73,2
Outras Ocupacoes de Comercio	7.105	27,1	1.953	27,2	725	22,4	493	23,8
ATIVIDADES SOCIAIS	61.048	77,1	49.349	75,5	11.069	78,3	9.481	84,2
Medicos, Dentistas, Enfermeiros Diplomados	5.628	42,6	5.463	50,3	1.439	55,7	1.242	57,0
Ocupacoes Auxiliares da Area de Saude	23.750	85,6	14.385	80,8	2.789	95,8	2.865	92,2
Professores Primarios e Inspetores de Ensino	17.532	80,4	16.087	79,8	3.470	83,1	3.339	85,1
Professores Secundarios e Superiores	14.138	86,2	13.414	80,9	3.371	75,5	2.035	98,9
DEFESA NACIONAL E SEGURANCA	1.150	76,1	129	2,3	71	9,0	220	13,8
OCUPACOES TECNICAS	22.407	26,2	15.105	27,9	2.984	31,6	2.955	34,4
Engenheiros e Arquitetos	1.626	9,9	2.106	16,9	425	20,8	334	16,1
Ocup. Auxiliares de Engenharia e Arquitetura	2.246	10,7	1.474	15,1	355	17,3	272	15,4
Outras Ocup. Tecnicas e Cient. - Nivel Superior	12.410	44,1	8.802	44,1	1.504	56,1	1.531	54,9
Outras Ocup. Tec. e Cientif. - Nivel Medio	6.125	30,6	2.723	22,8	700	26,4	818	41,8
TOTAL OCUPACOES SELECIONADAS	400.616	48,9	226.334	53,6	51.502	53,2	47.989	54,1

FONTE: IBGE, Tabulacoes Especiais dos Censos Demograficos.

IN: QUADROS, Waldir J. de - Regioes Metropolitanas Seleccionadas - Mobilidade Estrutural e Grupos Ascendentes: Nova Classe Media. Op. cit., p. 53.

Desta forma, a década de 1970 revelou-se bastante dinâmica no tocante ao acesso da mulher ao mercado de trabalho de classe média. De fato, à exceção da Grande São Paulo, onde os níveis praticamente se equivalem, nas outras três metrópoles as mulheres superaram os homens no preenchimento dos novos postos criados nestas ocupações.

Por outro lado, nos municípios selecionados do interior paulista o desempenho global também é favorável às mulheres, pouco faltando para uma total igualdade na ocupação das novas oportunidades, como a seguir se constata⁽¹⁾.

Município	% de mulheres nos novos postos
Campinas	47,1
São José dos Campos	43,3
Ribeirão Preto	51,1
Araçatuba	45,2

Porém, cabe agora examinar em que ocupações se concentrou este elevado dinamismo.

Mais uma vez analisando-se o que ocorre com os agregados ocupacionais, verifica-se que na área de Gestão as mulheres ocupam a extraordinária maioria dos novos postos de auxiliares de escritório, e também se destacam entre os técnicos de contabilidade. Ainda que estas maiores oportunidades que se abriram às mulheres refiram-se sobretudo a ocupações subordinadas ou de nível médio, também é significativo o acesso que tiveram a novos postos em posição de comando - administradores, gerentes e chefes -, ou em ocupações melhor qualificadas - economistas

(1) Cf. tabela no. 33, apresentada em seguida.

TABELA No. 33

OCUPACOES TÍPICAS DE CLASSE MÉDIA, EMPREGO FEMININO: "NOVOS POSTOS" CRIADOS NA DÉCADA DE 1970

DISCRIMINACAO	CAMPINAS		S.J.DOS CAMPOS		RIBEIRAO PRETO		ARACATUBA	
	No.	%	No.	%	No.	%	No.	%
1a. FAIXA	3.329	22,6	1.107	19,6	1.713	28,0	288	15,3
. Engenheiros e Arquitetos	80	6,7	25	2,9	29	6,8	-0-	-0-
. Médicos, dentistas e enfermeiros diplomados	418	36,6	145	44,2	357	38,9	53	58,9
. Outras ocupacoes técnicas e científicas de nível superior	630	36,3	220	37,2	348	36,0	45	19,2
. Economistas e contadores - Nível superior	151	25,9	27	13,6	36	17,1	3	9,1
. Administradores, gerentes e chefes	2.050	20,4	690	18,8	943	26,3	127	11,6
2a. FAIXA	1.784	34,0	581	25,0	691	56,7	-0-	-0-
. Professores secundários e superiores	1.425	60,8	512	89,7	730	78,8	164	72,6
. Outras ocupacoes do comércio	295	23,5	4	0,8	(3)	-0-	(21)	-0-
. Mestre e contra mestres	64	3,9	65	5,2	(36)	-0-	-0-	-0-
3a. FAIXA	2.321	34,9	1.104	38,0	1.026	38,8	105	14,1
. Ocupacoes auxiliares de engenharia e arquitetura	81	8,3	20	3,8	16	5,3	4	2,2
. Outras ocupacoes técnicas e científicas de nível médio	143	14,0	121	35,8	192	28,4	12	14,0
. Ocupacoes de Defesa Nacional e Seguranca Publica	27	4,6	3	-0-	25	53,2	16	4,8
. Técnicos de contabilidade - Nível médio	332	42,4	193	43,6	116	63,4	4	-0-
. Professores primários e inspetores de ensino	1.279	80,4	662	89,5	483	69,4	41	100,0
. Ocupacoes burocráticas de natureza específica	459	27,2	105	10,5	194	26,2	28	16,5
3a. FAIXA	16.515	68,3	6.239	62,4	7.991	64,5	1.907	61,6
. Auxiliares de escritorio	10.032	70,6	4.059	66,3	4.762	69,7	1.296	68,8
. Ocupacoes auxiliares da area de saúde	1.378	85,7	483	81,6	889	73,5	121	59,0
. Lojistas e caixas	5.105	61,0	1.697	51,8	2.340	53,7	490	64,6
TOTAL OCUPACOES SELECIONADAS	23.949	47,1	9.831	43,3	11.421	51,1	2.383	45,2

FONTE: IBGE, Tabulacoes Especiais de Censos Demograficos.

IN: QUADROS, Waldir J. de - Regioes Metropolitanas Seleccionadas - Mobilidade Estrutural e Grupos Ascendentes: Nova Classe Media. Op. cit., p. 55.

e contadores. Apenas no que se refere aos mestres e contramestres, ou seja na gestão intermediária diretamente vinculada à produção, é reafirmado seu caráter eminentemente masculino.

Entre as ocupações características da área de Distribuição e Intermediação Bancária, as mulheres se destacam no preenchimento dos novos postos de balconistas e caixas, embora mereça registro o avanço que também se verifica nas ocupações melhor situadas, agregadas no grupo formado pelos corretores, agentes comerciais e afins.

Nas Atividades Sociais, que congrega ocupações tipicamente femininas, as mulheres exerceram um predomínio absoluto no preenchimento dos novos postos surgidos na década de 1970. E este fenômeno não se restringe às ocupações pior situadas, merecendo destaque o avanço que ocorre entre os médicos, dentistas e enfermeiros diplomados.

Nas Ocupações Técnicas, as mulheres encontraram maiores oportunidades entre as ocupações técnicas e científicas, seja naquelas de nível médio, como em maior grau ainda nas de nível superior. O desempenho mais modesto verificou-se entre os engenheiros e arquitetos, e seus auxiliares.

As oportunidades com que as mulheres se defrontam entre os médicos, dentistas e enfermeiros diplomados; entre os professores secundários e superiores; e entre as ocupações técnicas e científicas; indicam mais uma vez a importância do ensino técnico e superior no acesso restrito às ocupações melhor situadas no mercado de trabalho de classe média.

A ótica dos rendimentos médios

Analisando-se a expansão do trabalho feminino no âmbito das ocupações de classe média sob a ótica dos rendimentos obtidos, sobressai-se de imediato o fato de que a maior parte das novas oportunidades oferecidas às mulheres situa-se na pior faixa de remuneração, tal como se apresenta a seguir⁽¹⁾.

Região Metropolitana	% de novos postos femininos na 4a. faixa
São Paulo	65,7
Rio de Janeiro	58,5
Recife	64,5
Salvador	65,4

Em outras palavras, um contingente da ordem de 2/3 dos novos postos de classe média ocupados por mulheres ao longo da década de 1970, refere-se às mal remuneradas ocupações de auxiliares de escritório, balconista, caixas, e auxiliares da área de saúde, sendo que no nordeste os professores primários também se encontram nesta situação.

Por outro lado, nos municípios representativos das grandes cidades do interior paulista a situação é ainda bem mais desfavorável às mulheres do que este cenário metropolitano, como a seguir se verifica⁽²⁾.

(1) Cf. tabela no. 34, apresentada na próxima página.

(2) Cf. tabela no. 33, apresentada anteriormente.

TABELA No. 34

OCUPACOES TÍPICAS DE CLASSE MÉDIA, "NOVOS POSTOS" PARA TRABALHO FEMININO E PARTICIPAÇÃO NO TOTAL DE "NOVOS POSTOS" CRIADOS NA DÉCADA DE 1970

DISCRIMINAÇÃO	GRANDE SÃO PAULO		GRANDE R. DE JANEIRO		GRANDE RECIFE		GRANDE SALVADOR	
	No.	% S/NP TOTAL	No.	% S/NP TOTAL	No.	% S/NP TOTAL	No.	% S/NP TOTAL
1a. FAIXA	66.586	26,3	47.282	31,8	10.688	36,1	10.685	35,5
Engenheiros e Arquitetos	1.626	9,9	2.106	16,9	425	20,8	334	16,1
Médicos, Dentistas e Enfermeiros Diplomados	5.628	42,6	5.463	56,3	1.439	55,7	1.242	57,0
Outras Ocupações Técnicas Cient. - Nível Superior	12.410	44,1	8.802	44,1	1.504	56,1	1.531	54,9
Economistas e Contadores - Nível Superior	2.821	22,4	2.462	26,2	453	45,4	554	34,3
Administradores, Gerentes e Chefes	44.101	24,1	28.449	29,6	6.867	32,3	7.024	32,8
2a. FAIXA	22.104	31,3	16.482	44,6	4.182	42,1	2.666	40,5
Outras Ocupações do Comércio	7.105	27,1	1.953	27,2	725	22,4	493	23,8
Professores Secundários e Superiores	14.138	86,2	13.414	80,9	3.371	75,5	2.035	98,9
Mestres e Contramestres	861	3,1	1.115	8,5	86	3,9	138	5,6
3a. FAIXA	48.788	39,6	30.269	40,5	3.403(*)	28,2(*)	3.275(*)	28,6(*)
Auxiliares de Engenharia e Arquitetura	2.246	10,7	1.474	15,1	355	17,3	272	15,4
Outras Ocupações Técnicas Cient. - Nível Médio	6.125	30,6	2.723	22,8	700	26,4	818	41,8
Ocupações Defesa Nac. e Segurança Pública	1.150	76,1	129	2,3	71	9,0	220	13,8
Técnicos de Contabilidade - Nível Médio	13.031	48,4	5.422	45,0	1.536	46,7	1.378	45,8
Professores Primários e Inspectores de Ensino	17.532	80,4	16.087	79,8	3.470(*)	83,1(*)	3.339(*)	85,1(*)
Ocupações Burocráticas de Natureza Específica	8.704	27,3	4.434	29,4	741	22,6	587	18,9
4a. FAIXA	263.138	70,8	132.301	81,8	33.229(*)	73,5(*)	31.363(*)	77,2(*)
Auxiliares de Escritório	181.374	76,9	75.797	81,5	17.102	72,5	16.687	75,8
Ocupações Auxiliares da Área de Saúde	23.750	85,6	14.385	80,8	2.789	95,8	2.865	92,2
Lojistas e Caixas	58.014	53,7	42.119	82,8	9.868	68,0	8.472	73,2
TOTAL OCUPAÇÕES SELECIONADAS	400.616	48,9	226.334	53,6	51.502	53,2	47.989	54,1

(*) Nesta Região Metropolitana os Professores Primários e Inspectores de Ensino estão incluídos na 4a. faixa.

FONTE: IBGE, Tabulações Especiais dos Censos Demográficos.

IN: QUADROS, Waldir J. de - Regiões Metropolitanas Seleccionadas - Mobilidade Estrutural e Grupos Ascendentes: Nova Classe Média. Op. cit., p. 54.

Município	% de novos postos femininos na 4a. faixa
Campinas	69,0
São José dos Campos	69,1
Ribeirão Preto	70,0
Araçatuba	80,0

Este desempenho indica que a forte expansão do emprego que se verificou entre as ocupações pior remuneradas, realizou-se com a utilização do trabalho feminino em larga escala. Neste sentido, destaca-se o enorme contingente de mulheres absorvidas como auxiliares de escritório que, embora sendo uma ocupação mal remunerada, se constitui assim na principal via de acesso com que elas contam para ingressarem em massa no mercado de trabalho de classe média.

O cenário fica mais nítido ainda, quando se constata o extraordinário predomínio que as mulheres exercem no conjunto dos novos postos criados nas ocupações que localizam-se na pior faixa de rendimentos, como a seguir se apresenta⁽¹⁾.

Região Metropolitana	% de mulheres nos novos postos da 4a. faixa
São Paulo	70,8
Rio de Janeiro	81,8
Recife	73,5
Salvador	77,2

Como se nota em seguida, nos municípios selecionados do interior paulista os níveis são ligeiramente inferiores⁽²⁾. Entretanto, mais de que

(1) Cf. tabela no. 34, apresentada anteriormente.

(2) Cf. tabela no. 33, apresentada anteriormente.

uma situação um pouco menos desfavorável, este perfil reflete a relativamente menor presença de mulheres nas ocupações da classe média, observada nestes municípios.

Município	% de mulheres nos novos postos da 4a. faixa
Campinas	68,3
São José dos Campos	62,4
Ribeirão Preto	64,5
Araçatuba	61,6

Entretanto, esta exagerada concentração nas ocupações pior remuneradas não deve obscurecer o significativo avanço feminino que se observa no preenchimento dos novos postos criados em ocupações situadas nas duas faixas de remuneração mais elevadas. Em seguida apresenta-se a proporção dos novos postos ocupados pelas mulheres que se localizam nestas duas faixas⁽¹⁾.

Região Metropolitana	% de novos postos femininos na 1a. e 2a. faixas
São Paulo	22,1
Rio de Janeiro	28,2
Recife	28,9
Salvador	27,8

Desta forma, um contingente não desprezível de mulheres defrontou-se com melhores oportunidades no mercado de trabalho de classe média, notadamente no que se refere aos grupos ocupacionais

(1) Cf. tabela no. 34, apresentada anteriormente.

formados pelos administradores, gerentes e chefes; pelas ocupações técnicas e científicas de nível superior; e, pelos professores secundários e superiores; entre outros.

Como se verifica em seguida, nos municípios selecionados do interior paulista a situação é, mais uma vez, um pouco menos favorável às mulheres, e estas proporções são relativamente inferiores⁽¹⁾.

Município	% de novos postos femininos na 1a. e 2a. faixas
Campinas	21,7
São José dos Campos	19,0
Ribeirão Preto	21,2
Araçatuba	15,8

Também no que se refere à presença feminina na camada superior da classe média, o cenário ganha nitidez ao se dimensionar a parcela que as mulheres ocupam dos novos postos criados nas faixas de rendimentos mais elevados, como se apresenta a seguir⁽²⁾.

Região Metropolitana	% de mulheres nos novos postos da 1a. e 2a. faixas
São Paulo	27,4
Rio de Janeiro	34,3
Recife	37,6
Salvador	36,4

(1) Cf. tabela no. 33, apresentada anteriormente.

(2) Cf. tabela no. 34, apresentada anteriormente.

Assim sendo, reproduz-se no caso do emprego feminino de classe média aquele comportamento mais geral, com elevada concentração na base da pirâmide de rendimentos acompanhada de razoável dinamismo nas camadas superiores⁽¹⁾. De fato, ao longo da década de 1970 ocorre um significativo avanço feminino nestas ocupações melhor situadas, uma vez que - à exceção da Grande São Paulo - a presença de mulheres nestes novos postos é superior à participação que, em 1970, apresentavam no conjunto das ocupações de classe média.

Por outro lado, chama atenção o fato de que é na Grande São Paulo - a metrópole mais desenvolvida do país -, onde se verifica a menor presença de mulheres no preenchimento das mais atrativas oportunidades que surgem. Da mesma forma, destacam-se os níveis mais elevados que se manifestam nas metrópoles nordestinas.

Por fim, mais uma vez evidencia-se que a situação vigente nos grandes municípios do interior paulista é algo mais desfavorável às mulheres, em comparação com o que se observa no cenário metropolitano. É o que se constata a seguir, através dos níveis inferiores de presença feminina nestas ocupações⁽²⁾.

(1) Ampliadas, no caso das mulheres, com a inclusão da 2a. faixa.

(2) Cf. tabela no. 33, apresentada anteriormente.

Município	% de mulheres nos novos postos da 1a. e 2a. faixas
Campinas	25,6
São José dos Campos	21,2
Ribeirão Preto	32,8
Araçatuba	25,9

Em si mesmo, o ingresso maciço de mulheres no mercado de trabalho de classe média - e também no mercado de trabalho geral -, contém importantes implicações ao nível da própria estruturação e funcionamento da sociedade urbana (e metropolitana) contemporânea. Além disso, superpõe-se a esta determinação mais geral uma outra, advinda da péssima remuneração e da precariedade social vivenciadas por sua imensa maioria.

Assim, parece oportuno que se reflita, mesmo que rapidamente, sobre estas duas ordens de questões mais gerais que interferem com as perspectivas de amplos segmentos da classe média.

De um ponto de vista mais geral, tem-se que este processo social traz consigo, entre outras consequências, o avanço na mercantilização dos bens e serviços de consumo. Com isso, um número crescente de pessoas e famílias passa a necessitar de ampla gama de serviços pessoais, de bens de consumo duráveis, de serviços educacionais gerais e diferenciados, de atenção à infância e à velhice, etc.

Se essas necessidades podem ser satisfatoriamente atendidas, produz-se um circuito social "virtuoso", característico de uma sociedade capitalista desenvolvida e adequadamente estruturada. E esta foi, em grande medida, a perspectiva que os ideólogos do desenvolvimento conservador acenaram à sociedade brasileira, particularmente àqueles que ascendiam rapidamente.

Entretanto, se as estruturas básicas do capitalismo contemporâneo puderam se constituir razoavelmente no Brasil, o mesmo não se passou com outros elementos igualmente importantes. Daí que o formato do nosso desenvolvimento social não passe de caricatura daquele cenário mais promissor. E foi a esta realidade que tiveram acesso os segmentos sociais afluentes e com certo poder aquisitivo - notadamente as camadas superiores da classe média -, ainda que, num país com enormes contingentes de miseráveis e precários, tal situação possa se revelar razoavelmente compensadora.

Porém, para a grande maioria dos trabalhadores de classe média, particularmente aquelas do sexo feminino, o que ocorreu foi que suas novas necessidades não puderam ser adequadamente satisfeitas, em função de sua má remuneração e da precariedade vigente nos serviços sociais públicos.

Desta forma, esta significativa camada social é tão prejudicada pelo conservadorismo e pelo desenvolvimento concentrador, quanto outros segmentos de trabalhadores mal remunerados.

Em primeiro lugar, estão sujeitos à (má) situação salarial mais geral, que no caso das mulheres revela-se mais desfavorável ainda. De fato, os postos de trabalho de classe média são criados pelo processo global de desenvolvimento econômico e social. E são preenchidos nas condições vigentes no mercado de trabalho, que propiciam a sub-remuneração das mulheres.

Em segundo lugar, também são afetados pela lógica conservadora que considera as melhorias sociais um mero desdobramento do desenvolvimento econômico, o que na prática conduziu ao vergonhoso descaso social que prevalece no Brasil.

Contudo, neste momento da análise, a intenção não é de aprofundar esta discussão, mas tão somente adiantar algumas considerações mais gerais que dizem respeito ao nosso objeto de estudo.

Por outro lado, para se avançar na compreensão deste fenômeno parece necessário tomar-se a família como unidade de agregação, ultrapassando-se o estudo da estrutura ocupacional a partir das pessoas ocupadas, individualmente consideradas⁽¹⁾. E isto, é claro, sem descuidar das desigualdades que se manifestam entre homens e mulheres.

É óbvio que, na economia e sociedade urbanas contemporâneas, reduziu-se bastante o papel da família como unidade de produção; entretanto, ela ainda é fundamental como unidade de consumo e, embora em crise, mantém importante papel na estruturação da sociabilidade de seus membros. Mesmo sofrendo profundas transformações estruturais, em grande medida ainda é na família que se define o padrão de vida de seus membros; bem como parece ser muito relevante sua influência nos mecanismos de ascensão, sobretudo nos aspectos intergeracionais. Por exemplo, pais assegurando a seus filhos condições educacionais, culturais e de relacionamentos pessoal, adequadas à conquista de bons empregos.

Além disso, o ingresso maciço de mulheres no mercado de trabalho impõe uma nova organização e uma nova dinâmica na vida doméstica da classe média. As indicações apontam para a tendência de se constituírem pequenos núcleos familiares, em condições habitacionais distintas daquelas vigentes nas grandes famílias tradicionais. Como já foi dito, surgem novas necessidades no tocante à educação e cuidado com os filhos, ao padrão de consumo, em relação à cultura e lazer, etc.

(1) A propósito, realizamos uma pesquisa exploratória nesta direção, cujos primeiros resultados dão suporte ao capítulo V desta tese.

Não é nosso objetivo, nesta tese, avançar na discussão sobre a família de classe média. Nosso propósito é apenas de chamar atenção para o fato de que, ao se formular alternativas para um desenvolvimento distributivo e melhor estruturação da sociedade, não se pode descuidar desta realidade bastante complexa e relativamente nova no Brasil, que se manifesta com mais intensidade nas grandes aglomerações urbanas e particularmente nas metrópoles. E isto porque, entre os pré-requisitos para estas alternativas, seguramente se encontra a necessidade de se compatibilizar os interesses e necessidades imediatamente populares, com os de amplas faixas da classe média.

2. O negro no mercado de trabalho de classe média

Em situação ainda mais precária que aquela que se manifesta entre as mulheres, encontram-se os trabalhadores negros de classe média. Embora na realidade estas duas ordens de precariedade social se superponham - tornando dramática a situação da mulher negra -, a discriminação racial possui características próprias e deve ser examinada em seus próprios termos.

a. O panorama metropolitano⁽¹⁾

Em 1980, os negros (pretos e pardos) representavam 45% da população brasileira, sendo que no conjunto das regiões metropolitanas esta proporção cai para 38% e as disparidades regionais são gritantes, como se verifica a seguir.

(1) Cf. IBGE, Indicadores Sociais..., op. cit.

Região Metropolitana	% de pretos e pardos na população
Norte	73,7
Nordete	69,8
Sudeste	33,2
Sul	14,3

Para Hasenbalg, este aspecto demográfico é tão importante quanto a discriminação racial, na conformação do quadro de exclusão social dos negros. Em suas palavras, "Em adição às discriminações sofridas pelo negro deve-se considerar o fato de que persiste até hoje uma acentuada desigualdade na distribuição geográfica de brancos e negros, com estes últimos concentrados desproporcionalmente nas regiões menos desenvolvidas do país, tendo assim limitadas suas oportunidades educacionais e econômicas".⁽¹⁾

No que se refere à ocupação, os negros ocupados representavam 38% do total de pessoas ocupadas no conjunto das metrópoles - coincidindo, assim, com seu nível de participação na população metropolitana - e se reproduzem as disparidades regionais populacionais, como a seguir se apresenta.

Região Metropolitana	% de negros no total de pessoas ocupadas
Norte	73,4
Nordeste	68,8
Sudeste	33,9
Sul	14,8

(1) HASENBALG, C. e SILVA, N. do Valle - Estrutura Social. Mobilidade e Raca, op. cit., p. 57.

Observa-se então, no âmbito metropolitano, que a presença de negros entre as pessoas ocupadas é exatamente proporcional à sua participação na população. Entretanto, se a este nível de agregação não se manifesta uma marginalização dos negros no mercado de trabalho urbano, ao se examinar o que se passa ao nível das categorias sócio-econômicas do IBGE a situação se altera radicalmente.

De fato, em termos nacionais, verifica-se que enquanto 29% dos brancos ocupados encontravam-se em ocupações não manuais, entre os negros esta proporção se reduz a 11%. E mais, 10% dos brancos situavam-se em ocupações de nível superior, empresários e administradores, contra apenas 3% no que se refere aos negros. No universo metropolitano estas disparidades permanecem, conforme se verifica a seguir.

Brasil metropolitano

Discriminação	(em %)	
	brancos	negros
Ocupações não manuais - total	39,4	16,5
Nível superior, empresários e administr.	13,2	2,8
Nível médio e pessoal de escritório	26,2	13,7

Quando se desagrega estes dados por regiões, nota-se que nas metrópoles do norte e nordeste os negros alcançam seu maior nível de participação, tanto no que se refere ao conjunto das ocupações não manuais, como em relação ao segmento superior, como se apresenta a seguir.

Ocupações não manuais - total

			(em %)
Região Metropolitana	brancos	negros	
Norte	43,7	21,3	
Nordeste	44,8	18,9	
Sudeste	39,8	15,4	
Sul	35,1	15,1	

Ocupações de nível superior, empresários e administradores

			(em %)
Região Metropolitana	brancos	negros	
Norte	17,0	4,9	
Nordeste	17,2	4,1	
Sudeste	13,1	2,2	
Sul	11,7	2,2	

Desta forma, os níveis mais favoráveis aos negros vão no mesmo sentido de sua maior presença na população ocupada. Entretanto o exame deste fenômeno será realizado no próximo item, com um maior nível de desagregação ocupacional.

b. O comportamento nas metrópoles selecionadas

Tomando-se como pano de fundo este panorama metropolitano, irá se examinar agora com mais detalhe a participação do negro nas ocupações típicas de classe média, a partir das informações mais desagregadas que as tabulações especiais dos censos demográficos propiciam. Porém, ao contrário do que ocorreu na análise da presença feminina, no caso dos negros irá se restringir a retratar a situação registrada em 1980, uma vez que o Censo Demográfico de 1970 não discriminou o quesito cor, impedindo que se estabeleça sua evolução nesta década de intenso desenvolvimento.

Coerentemente com o cenário metropolitano global, nota-se que a presença de negros no conjunto das ocupações típicas da classe média é sistematicamente inferior aos seus níveis de inserção no conjunto do emprego urbano, como se apresenta a seguir⁽¹⁾.

Região Metropolitana	% de negros nas ocupações típicas de classe média	% de negros na PEA urbana
São Paulo	13,9	27,5
Rio de Janeiro	25,7	40,6
Recife	44,5	61,9
Salvador	59,9	75,1

Entretanto, o que se nota a este nível de análise é que, embora em um patamar inferior, a participação dos negros nas ocupações de classe média aumenta à medida em que é maior a sua presença na população e no âmbito do emprego urbano. Ou seja, estes dados mais globais sugerem que, mesmo sofrendo forte discriminação, a presença reiterada e em massa de negros na sociedade e no mercado de trabalho urbano parece que acaba propiciando canais de acesso àquelas ocupações, que são peças importantes nos mecanismos de ascensão social. Obviamente, o esforço que os negros são obrigados a despender nesta trajetória provavelmente é muito superior àquele que se faz necessário a seus concorrentes brancos, bem como são enormes as chances de serem pior remunerados.

A ética da divisão do trabalho

Os trabalhadores negros de classe média estão fortemente concentrados em seis grupos ocupacionais. Com exceção dos administradores, gerentes e chefes, os demais referem-se a ocupações

(1) Cf. tabela no. 35, apresentada na próxima página.

TABELA No. 35
OCUPACOES TÍPICAS DE CLASSE MÉDIA, NÚMERO E PROPORÇÃO DE TRABALHADORES NEGROS EM 1980

DISCRIMINACAO	GRANDE SAO PAULO		GRANDE RIO DE JANEIRO		GRANDE RECIFE		GRANDE SALVADOR	
	No.	%	No.	%	No.	%	No.	%
GESTAO	131.378	13,6	132.032	23,5	44.866	42,3	55.601	58,8
Administradores, Gerentes, Chefes	27.722	10,1	28.846	16,9	11.921	35,1	14.903	49,2
Auxiliares de Escritorio	77.895	15,3	78.351	26,7	25.112	45,7	30.438	64,6
Ocupacoes Burocraticas de Natureza Especifica	11.689	21,3	10.407	32,2	3.191	50,9	4.114	67,2
Economistas e Contadores - Nivel Superior	1.018	4,6	1.938	11,3	590	30,7	851	38,4
Tecnicos de Contabilidade - Nivel Medio	6.498	11,5	7.474	24,5	2.439	42,8	3.263	59,4
Mestres e Contramestres	6.556	14,1	5.016	27,0	1.613	49,4	1.932	61,3
DISTRIBUICAO	59.793	17,4	74.062	31,2	24.779	52,3	25.492	70,1
Lojistas e Caixas	51.200	20,6	66.719	34,6	21.721	55,8	22.545	74,6
Outras Ocupacoes de Comercio	8.513	9,0	7.343	16,4	3.058	36,3	2.947	48,0
ATIVIDADES SOCIAIS	22.900	12,1	42.443	22,7	14.857	39,7	17.493	54,8
Medicos, Dentistas, Enfermeiros Diplomados	630	2,3	2.171	7,7	876	16,7	1.370	28,8
Ocupacoes Auxiliares da Area de Saude	15.807	29,2	21.103	45,0	5.393	60,7	6.833	70,3
Professores Primarios e Inspetores de Ensino	5.196	7,0	15.333	19,1	6.477	41,0	7.953	50,0
Professores Secundarios e Superiores	1.267	3,8	3.836	12,2	2.121	28,4	2.137	41,6
DEFESA NACIONAL E SEGURANCA	8.156	19,3	47.371	42,5	10.226	59,2	8.332	77,4
OCUPACOES TECNICAS	14.888	8,6	18.467	14,9	6.319	33,3	7.392	42,8
Engenheiros e Arquitetos	402	1,3	886	3,5	476	13,6	943	24,4
Ocup. Auxiliares de Engenharia e Arquitetura	4.151	11,3	4.000	22,1	1.583	48,0	1.703	59,2
Outras Ocup. Tecnicas e Cient. - Nivel Superior	1.884	3,8	3.315	7,9	1.139	19,8	1.595	30,0
Outras Ocup. Tec. e Cientif. - Nivel Medio	8.451	15,1	10.186	26,7	3.121	48,6	3.151	60,3
TOTAL OCUPACOES SELECIONADAS	237.115	13,9	314.375	25,7	101.047	44,5	114.310	59,9
PEA URBANA	1.447.125	27,5	1.356.401	40,6	432.982	61,9	416.012	75,1

FONTE: IBGE, Tabulacoes Especiais dos Censos Demograficos.

IN: QUADROS, Waldir J. de - Regioes Metropolitanas Seleccionadas - Mobilidade Estrutural e Grupos Ascendentes: Nova Classe Media. Op. cit., p. 64.

subordinadas e mal situadas, a saber: as ocupações burocráticas específicas (fiscais, inspetores, almoxarifes, digitadores e operadores, etc), em posição intermediária, e a parcela majoritária composta pelos auxiliares de escritório, balconistas e caixas, enfermeiras e atendentes e professores primários. Em conjunto, estas ocupações representavam 80% dos trabalhadores negros de classe média na Grande São Paulo, 70% na Grande Rio de Janeiro, 73% na Grande Recife e 75% na Grande Salvador.

Desta forma, e acompanhando o comportamento mais geral, é nos escritórios que se concentra a parcela mais expressiva de negros que se encontram em ocupações de classe média. Ainda que a grande maioria deles esteja em posição subordinada, não se deve minimizar sua presença nas funções de mando (administradores, gerentes e chefes), que parecem se constituir no principal canal de ascensão nas hierarquias ocupacionais, ao possibilitar uma carreira interna relativamente desvinculada de um curso superior.

Avançando na análise destas ocupações principais, verifica-se que as desigualdades ocupacionais são mais acentuadas justamente nas metrópoles mais desenvolvidas, onde é menor a presença relativa de negros. A partir dos dados da tabela no. 35 construiu-se uma medida desta desigualdade ocupacional, dividindo-se a participação dos negros em cada um dos grupos ocupacionais por sua presença no conjunto do emprego urbano. Desta forma, quando o índice for igual à unidade significa que a presença de negros na ocupação em pauta é exatamente proporcional à sua inserção no mercado geral de trabalho urbano. Estes indicadores da desigualdade em relação aos negros são apresentados a seguir.

Ocupações	Grande S. Paulo	Grande R. de Janeiro	Grande Recife	Grande Salvador
Total das ocup. típ. de clas. med.	0,51	0,63	0,72	0,80
Adm., gerentes e chefes	0,37	0,42	0,57	0,66
Auxiliares de escritório	0,56	0,66	0,74	0,86
Ocup. burocr. de nat. esp.	0,77	0,79	0,82	0,89
Lojistas e caixas	0,75	0,85	0,90	0,99
Auxil. da área de saúde	1,06	1,11	0,98	1,02
Prof. prim. e inspetores	0,25	0,47	0,66	0,75

Os dados dos municípios representativos das grandes cidades do interior paulista demonstram que, em grandes linhas, neles se reproduz o perfil da desigualdade que se manifestou na Grande São Paulo, tal como se verifica a seguir⁽¹⁾..

Ocupações	Campi- nas	São J. dos Campos	Ribeirão Preto	Araça- tuba
Total das ocup. típicas de classe média	0,44	0,53	0,43	0,53
Adm., gerentes e chefes	0,29	0,34	0,35	0,48
Auxil. de escritório	0,48	0,55	0,35	0,52
Ocup. burocr. de natu- reza específica	0,68	0,95	0,52	0,36
Lojistas e caixas	0,68	0,82	0,63	0,70
Aux. da área de saúde	1,04	0,95	1,19	0,96
Professores primários e inspetores	0,21	0,19	0,22	0,30

Uma discussão mais aprofundada, a respeito desta maior desigualdade em relação aos negros que se verifica nas regiões mais desenvolvidas, escapa aos limites desta tese. Contudo pode se estabelecer algumas colocações bastante gerais e exploratórias, que caminham no sentido de se remeter as raízes desta situação à própria forma como se

(1) Cf. tabela no. 36, apresentada na próxima página.

TABELA No. 36
OCUPACOES TÍPICAS DE CLASSE MÉDIA, PROPORÇÃO DE TRABALHADORES NEGROS EM 1980

DISCRIMINAÇÃO	CAMPINAS	S.J.DOS CAMPOS	RIBEIRÃO PRETO	ARACATUBA
	%	%	%	%
GESTÃO	-0-	-0-	-0-	-0-
. Administradores, gerentes e chefes	6,5	6,4	6,6	13,5
. Auxiliares de escritório	10,8	10,2	6,6	14,5
. Ocupações burocráticas de natureza específica	15,2	17,7	9,7	10,2
. Economistas e contadores - Nível superior	2,5	2,3	2,6	10,3
. Técnicos de contabilidade - Nível médio	7,8	7,9	7,8	19,2
. Mestre e contra mestres	8,3	12,6	5,3	7,8
DISTRIBUIÇÃO	-0-	-0-	-0-	-0-
. Lojistas e caixas	15,2	15,2	11,8	19,6
. Outras ocupações do comércio	7,2	7,9	5,1	11,2
ATIVIDADES SOCIAIS	-0-	-0-	-0-	-0-
. Médicos, dentistas e enfermeiros diplomados	2,0	2,9	1,0	1,9
. Ocupações auxiliares da área de saúde	23,4	17,7	22,3	26,9
. Professores primários e inspetores de ensino	4,8	3,6	4,1	8,4
. Professores secundários e superiores	2,4	3,1	1,5	4,3
DEFESA NACIONAL E SEGURANÇA	18,7	12,8	13,6	25,2
OCUPAÇÕES TÉCNICAS	-0-	-0-	-0-	-0-
. Engenheiros e Arquitetos	0,6	1,7	0,8	7,4
. Ocupações auxiliares de engenharia e arquitetura	8,8	11,0	9,2	20,0
. Outras ocupações técnicas e científicas de nível superior	2,5	1,7	1,1	7,9
. Outras ocupações técnicas e científicas de nível médio	11,3	9,7	13,0	17,1
TOTAL OCUPAÇÕES SELECIONADAS	9,9	9,8	8,1	14,9
PEA URBANA	22,5	18,6	18,7	28,1

FONTE: IBGE, Tabulações Especiais dos Censos Demográficos.

IN: QUADROS, Waldir, J. de - Regiões Metropolitanas Seleccionadas - Mobilidade Estrutural e Grupos Ascendentes: Nova Classe Média. Op. cit., p. 1

constituiu o capitalismo e o mercado de trabalho livre no Brasil, e pioneiramente em São Paulo⁽¹⁾.

Neste sentido - e diante da total ausência de uma efetiva atenção a esta questão por parte da sociedade e do Estado -, todo o posterior desdobramento desta problemática parece ser marcado pela promoção da vinda em massa de migrantes estrangeiros brancos, com os negros ficando à margem das mudanças responsáveis por um maior dinamismo econômico e social. Como se viu, a participação dos negros no mercado de trabalho urbano geral, e também no de classe média é relativamente mais expressiva justamente nas regiões que vivenciaram com menor intensidade o processo nacional de desenvolvimento capitalista. Já nas regiões mais desenvolvidas, não só sua participação é inferior, como ela se dá num quadro de maior competição e de condições mais desvantajosas para os negros diante dos concorrentes brancos (e amarelos).

A ótica dos rendimentos médios

Ao se considerar o aspecto dos rendimentos, nota-se, como era de se esperar, que a maioria dos trabalhadores negros de classe média se encontra nas ocupações pior remuneradas. Contudo, frente ao quadro anterior de acentuadas desigualdades ocupacionais regionais, chama atenção as pequenas disparidades que se verifica nos níveis de participação apurados nas quatro metrópoles. Esta relativamente pequena diversidade regional também se manifesta na presença de negros em ocupações melhor situadas, como se apresenta a seguir⁽²⁾.

(1) Cf. FERNANDES, Florestan - A Integração do Negro na Sociedade de Classes. São Paulo, Atica, 1978; e também cf. HASENBALG, C. e SILVA, N. do Valle - Estrutura Social, Mobilidade e Raça. Op. cit

(2) Cf. tabela no. 37, apresentada na próxima página.

TABELA No. 37

OCUPACOES TIPICAS DE CLASSE MEDIA, NUMERO E PROPORCAO DE TRABALHADORES NEGROS EM 1980

DISCRIMINACAO	GRANDE SAO PAULO		GRANDE R. DE JANEIRO		GRANDE RECIFE		GRANDE SALVADOR	
	No.	%	No.	%	No.	%	No.	%
1a. FAIXA	31.656	7,8	37.156	13,1	15.002	29,8	19.662	42,3
Engenheiros e Arquitetos	402	1,3	886	3,5	476	13,6	943	24,4
Medicos, Dentistas e Enfermeiros Diplomados	630	2,3	2.171	7,7	876	16,7	1.370	28,8
Outras Ocupacoes Tecnicas Cient. - Nivel Superior	1.884	3,8	3.315	7,9	1.139	19,8	1.595	30,0
Economistas e Contadores - Nivel Superior	1.018	4,6	1.938	11,3	590	30,7	851	38,4
Administradores, Gerentes e Chefes	27.722	10,1	28.846	16,9	11.921	35,1	14.903	49,2
2a. FAIXA	16.336	9,4	16.195	17,1	6.792	35,5	7.016	48,6
Outras Ocupacoes do Comercio	8.513	9,0	7.343	16,4	3.058	36,3	2.947	48,0
Professores Secundarios e Superiores	1.267	3,8	3.936	12,2	2.121	28,4	2.137	41,6
Mestres e Contramestres	6.556	14,1	5.016	27,0	1.613	49,4	1.932	61,3
3a. FAIXA	44.141	13,8	94.851	30,5	20.560(*)	52,8(*)	20.663(*)	67,4(*)
Auxiliares de Engenharia e Arquitetura	4.151	11,3	4.000	22,1	1.583	48,0	1.703	59,2
Outras Ocupacoes Tecnicas Cient. - Nivel Medio	8.451	15,1	10.186	26,7	3.121	48,6	3.151	60,3
Ocupacoes Defesa Mac. e Seguranca Publica	8.156	19,3	47.371	42,5	10.226	59,2	8.332	77,4
Tecnicos de Contabilidade - Nivel Medio	6.498	11,5	7.474	24,5	2.439	42,9	3.363	59,4
Professores Primarios e Inspectores de Ensino	5.196	7,0	15.333	19,1	6.477(*)	41,0(*)	7.953(*)	56,0(*)
Ocupacoes Burocraticas de Natureza Especifica	11.689	21,3	10.407	32,2	3.191	50,9	4.114	67,2
4a. FAIXA	144.982	17,9	166.173	31,2	58.693(*)	49,5(*)	66.969(*)	67,4(*)
Auxiliares de Escritorio	77.895	15,3	78.351	26,7	25.112	45,7	30.438	64,6
Ocupacoes Auxiliares da Area de Saude	15.807	29,2	21.103	45,0	5.383	60,7	6.833	76,8
Lojistas e Caixas	51.280	20,6	66.719	34,6	21.721	55,8	22.545	74,6
TOTAL OCUPACOES SELECIONADAS	237.115	13,9	314.375	25,7	101.047	44,5	114.310	59,9
PEA URBANA	1.447.125	27,5	1.356.401	40,6	432.982	61,9	416.012	75,1

(*) Nesta Regiao Metropolitana os Professores Primarios e os Inspectores de Ensino situam-se na 4a. faixa.

FONTE: IBGE, Tabulacoes Especiais dos Censos Demograficos.

IN: QUADROS, Waldir J. de - Regioes Metropolitanas Seleccionadas - Mobilidade Estrutural e Grupos Ascendentes: Nova Classe Media. Op. cit., p. 66.

Região Metropolitana	Z de negros na 4a. faixa	Z de negros nas 1a. e 2a. faixas
Grande São Paulo	61,1	28,2
Grande R. de Janeiro	52,9	17,0
Grande Recife	58,1	21,6
Grande Salvador	58,6	23,3

Assim, os dados sugerem que a estrutura de rendimentos médios dos trabalhadores negros de classe média não é diretamente explicada pelo perfil de sua inserção neste mercado de trabalho, tal como o que foi examinado no item anterior. De fato, ainda que nas metrópoles nordestinas os negros encontrem melhores condições de acesso às ocupações de classe média - proporcionalmente à sua participação no emprego urbano -, a concentração na pior faixa de remuneração é apenas ligeiramente mais favorável àquela que se verifica na Grande São Paulo, a metrópole onde são mais acentuadas as desigualdades ocupacionais.

Desta forma, a explicação para a (má) estrutura de remunerações dos trabalhadores negros de classe média não repousa em razões estritamente ocupacionais, devendo ser procurada no âmbito do preconceito e discriminação racial.

Por outro lado, ao se atentar para a participação de negros nas faixas de rendimento médios mais elevados, constata-se a forte barreira representada pelo curso superior. De fato, nesta faixa a presença de negros é maior justamente entre os administradores, gerentes e chefes que, como já foi apontado, é um grupo ocupacional que permite a ascensão de forma relativamente mais desvinculada de um diploma universitário.

Finalmente, nos municípios selecionados do interior paulista a performance é semelhante, ainda que relativamente mais defavorável aos

negros, como se verifica a seguir⁽¹⁾.

Município	% de negros na 4a. faixa	% de negros nas 1a. e 2a. faixas
Campinas	63,7	18,1
S.J.dos Campos	60,0	20,8
Ribeirão Preto	66,5	15,4
Araraquara	62,5	18,5

⁽¹⁾ Cf. tabela no. 38, apresentada na próxima página.

TABELA No. 38

OCUPACOES TÍPICAS DE CLASSE MÉDIA, No. e PROPORÇÃO DE TRABALHADORES NEGROS EM 1980

DISCRIMINACAO	CAMPINAS		S.J.DOS CAMPOS		RIBEIRAO PRETO		ARACATUBA	
	%	No.	%	No.	%	No.	%	No.
1a. FAIXA	11,9	1.071	11,4	350	10,7	383	14,3	277
. Engenheiros e arquitetos	0,1	12	0,6	20	0,1	4	0,2	4
. Medicos, dentistas e enfermeiros diplomados	0,5	41	0,5	16	0,5	17	0,2	4
. Outras ocupacoes tecnicas e cientificas de nivel superior	0,8	76	0,5	14	0,4	15	1,4	27
. Economistas e contadores - Nivel superior	0,3	23	0,3	8	0,2	8	0,4	8
. Administradores, gerentes e chefes	10,2	919	9,5	292	9,4	339	12,0	234
2a. FAIXA	6,2	559	9,4	267	4,7	169	4,2	82
. Professores secundarios e superiores	1,0	86	0,9	28	0,7	25	1,3	25
. Outras ocupacoes do comercio	3,3	299	2,1	64	3,4	123	2,7	53
. Mestre e contra mestres	1,9	174	6,3	195	0,6	21	0,2	4
3a. FAIXA	18,1	1.632	19,4	595	18,1	650	19,4	378
. Ocupacoes auxiliares de engenharia e arquitetura	1,6	147	2,0	86	1,1	40	2,0	39
. Outras ocupacoes tecnicas e cientificas de nivel medio	3,1	279	2,4	73	4,6	167	2,5	49
. Ocupacoes de Defesa Nacional e Seguranca Publica	4,8	427	2,9	90	5,1	182	7,9	154
. Tecnicos de contabilidade - Nivel medio	1,5	139	1,5	45	1,7	60	1,4	28
. Professores primarios e inspetores de ensino	2,5	227	2,0	62	2,8	100	4,3	83
. Ocupacoes burocraticas de natureza especifica	4,6	413	7,0	239	2,8	101	1,3	25
4a. FAIXA	63,7	5.735	60,0	1.837	66,5	2.369	62,1	1.207
. Auxiliares de escritorio	29,1	2.618	29,2	897	22,1	792	30,6	595
. Ocupacoes auxiliares da area de saude	8,3	746	5,6	172	14,4	516	5,8	112
. Lojistas e caixas	26,3	2.371	25,0	768	30,1	1.081	25,7	500
TOTAL OCUPACOES SELECIONADAS	100,0	8.997	100,0	3.069	100,0	3.591	100,0	1.944

FONTE: IBGE, Tabulacoes Especiais dos Censos Demograficos.

IN: QUADROS, Waldir J. de - Regioes Metropolitanas Seleccionadas - Mobilidade Estrutural e Grupos Ascendentes: Nova Classe Media. Op. cit., p. 67.

CAPÍTULO V: Famílias de Classe Média Urbana na Grande São Paulo, em 1980

Apresentação

Nos capítulos anteriores examinou-se os contornos da rápida expansão das ocupações típicas de classe média urbana não proprietária, promovida pelo processo de desenvolvimento capitalista no Brasil. Como se procede usualmente, esta análise da estrutura ocupacional baseou-se nas características dos indivíduos ocupados.

Agora, pretende-se avançar alguns passos na compreensão dos mecanismos de ascensão social no âmbito da classe média urbana, introduzindo-se na análise a agregação familiar dos membros ocupados e considerando-se também os demais familiares não ocupados.

O suporte deste estudo reside na pesquisa que o autor concluiu recentemente sobre as referidas famílias na Grande São Paulo, em 1980⁽¹⁾. Mesmo se tratando de uma pesquisa exploratória, que visa apontar caminhos e questões para novos estudos, suas conclusões são extremamente sugestivas por revelarem um dos mais significativos resultados sociais do padrão de desenvolvimento que vigorou entre nós, grosso modo, de 1930 a 1980. É isto, no núcleo regional que vivenciou com maior organicidade e dinamismo este processo.

Na nova agregação foram selecionadas famílias em que pelo menos um membro ocupado se encontrava em ocupações típicas de classe média.

(1) Cf. QUADROS, Waldir J. de - Estudo da Estrutura das "Ocupações Típicas de Classe Média, em 1980, a partir de sua agregação em "Famílias Típicas de Classe Média" Urbana. Convênio FECAMP/SEADE, Campinas, setembro de 1990, mimeo.

Esta seleção conduziu a um universo de 1,7 milhão de pessoas em ocupações típicas de classe média, que representam 33% da PEA urbana da região metropolitana de São Paulo, em 1980⁽¹⁾. Entre os demais membros ocupados destas famílias encontram-se 117 mil proprietários e 728 mil trabalhadores em outras ocupações (operários, empregadas domésticas, motoristas, trabalhadores dos serviços de higiene pessoal e alimentação, etc.).

Desta forma, o conjunto de membros ocupados destas famílias abrange um contingente de 2,6 milhões de pessoas, que representam 49% da PEA urbana. Ou seja, na Grande São Paulo, os trabalhadores de classe média e seus familiares ocupados envolviam, em 1980, praticamente metade do emprego (ou ocupação) urbano.

A forma como estas três categorias⁽²⁾ de membros ocupados se articulam no interior das famílias foi um dos critérios utilizados para agrupá-las.

Através deste procedimento identificou-se um conjunto de famílias em que todos os membros ocupados incluem-se nas ocupações

(1) O número de trabalhadores em ocupações de classe média apurado na agregação familiar (1.720 mil) está muito próximo daquele obtido na estrutura ocupacional individual (1.712 mil). Entretanto, algumas diferenças metodológicas foram introduzidas e devem ser ressalvadas. Em primeiro lugar, os níveis familiares adotados não esgotam necessariamente o universo de possibilidades. Em segundo, foram considerados apenas os domicílios particulares urbanos, excluindo-se os rurais e os urbanos coletivos, como hotéis, pensões, etc. Em terceiro, seis novos grupos ocupacionais, anteriormente incluídos entre as outras ocupações, foram contemplados: profissionais dos transportes, profissionais das comunicações, especialistas da área de saúde, analistas e inspetores e profissionais do esporte.

(2) Ocupações típicas de classe média, proprietários e outras ocupações.

típicas de classe média. Este segmento congrega 1 milhão de membros, que representam 60% dos trabalhadores de classe média e 20% do emprego urbano.

Esta elevada concentração em famílias cujos membros localizam-se exclusivamente em ocupações de classe média sugere um certo tipo de "homogeneização social", perpassada por significativas disparidades internas. De fato, como se verá mais à frente, o elemento distintivo entre estas famílias é o fato de contarem ou não com membros nas ocupações de classe média mais qualificadas, a saber: administradores, gerentes e chefes; engenheiros e arquitetos; médicos, dentistas e enfermeiros diplomados; professores do ensino superior; economistas e contadores; outras ocupações técnicas e científicas de nível superior; outras ocupações do comércio; e, especialistas da área de saúde.

Tal atributo distintivo chama atenção para a relevância assumida pelo ensino universitário na formação e expansão da classe média urbana não proprietária, pois grande parte destas ocupações pressupõem um curso superior.

O segundo conjunto reúne as famílias em que os trabalhadores de classe média combinam-se com proprietários, sejam eles empregadores ou atuem por conta própria. Encontram-se nesta situação 286 mil membros ocupados, assim distribuídos: 106 mil trabalhadores de classe média, 117 mil proprietários⁽¹⁾ e 63 mil trabalhadores em outras ocupações.

Desta forma, encontram-se nestas famílias apenas 6% do conjunto de trabalhadores de classe média, chamando atenção a elevada presença de mulheres entre eles, sempre superior a 50% e tratando-se de esposas, filhas ou outras parentes dos proprietários.

(1) Merece registro o fato de que eles representam 43% do conjunto dos proprietários.

Comparando-se entre si os quatro níveis que compõem este segmento, verifica-se que as famílias que incluem proprietários empregadores apresentam uma situação mais favorável, em termos de rendimentos médios dos membros ocupados, do que aquelas que incluem proprietários por conta própria. Por outro lado, e independente da condição do proprietário, a situação é mais desfavorável naquelas famílias que contam com trabalhadores em ocupações que não pertencem à classe média.

Assim, a necessidade ou circunstância de possuir familiares envolvidos diretamente com a produção, no próprio negócio ou não, parece constituir sintoma de precariedade.

O terceiro conjunto agrega as famílias em que os trabalhadores de classe média se combinam com trabalhadores em outras ocupações. Engloba 1,3 milhão de membros ocupados, que representam 24% da PEA urbana, assim distribuídos: 586 mil trabalhadores de classe média - que representam 34% do seu universo e 11% da PEA urbana -, e 665 mil trabalhadores em outras ocupações.

Como se verificará no desenrolar deste capítulo, aqui também o fato de contar com membros em ocupações mais qualificadas de classe média é decisivo para definir a situação dos vários níveis familiares que compõem este segmento. Nas famílias em que nenhum membro ocupado revela este atributo encontram-se as piores situações em termos de rendimentos médios.

Resumindo, dos trabalhadores de classe média da Região Metropolitana de São Paulo, em 1980, 60% encontravam-se em famílias em que todos os membros ocupados são de classe média, 6% combinam-se com proprietários e 34% exclusivamente com trabalhadores em outras ocupações.

Nestas famílias encontram-se outros 2,6 milhões de membros não ocupados totalizando, assim, 5,2 milhões de pessoas, correspondentes a 43% da população urbana metropolitana. Este contingente se subdivide em 4,1 milhões de pessoas que se encontram em famílias em que todos os membros ocupados são brancos (ou amarelos) - equivalentes a 34% da população -, e 1,1 milhão de pessoas em famílias em que pelo menos um membro ocupado é negro (ou pardo), que representam 9% da população.

Por outro lado, este universo de pessoas também pode ser recortado a partir das características de seus membros ocupados. Neste sentido, cabe destacar o expressivo contingente de 2,6 milhões de pessoas que se encontram em famílias em que todos os membros situam-se entre as ocupações típicas de classe média (21% da população). Destes, 2,2 milhões se encontram no segmento "todos brancos" (18,6% da população) e 310 mil no segmento "com negro" (2,6% da população).

Nas famílias em que os trabalhadores de classe média combinam-se com proprietários localizam-se 496 mil pessoas (4% da população), sendo 416 mil no segmento "todos brancos" (3,4% da população) e 79 mil no segmento "com negro" (0,6% da população).

Por fim, nas famílias que congregam ocupações de classe média e trabalhadores em outras ocupações encontram-se 2,1 milhões de pessoas (17,5% da população), sendo 1,4 milhão no segmento "só brancos" (11,7 % da população) e 700 mil no segmento "com negro" (5,7% da população).

Na agregação familiar os indivíduos foram agrupados em diversos níveis familiares, que se definem a partir da sua própria composição, ou seja, das características comuns a seus membros ocupados. Para evitar-se uma enfadonha descrição de todos estes níveis familiares, ele serão apresentados à medida em que surgirem no desenrolar da exposição.

A seguir irá se examinar o comportamento dos rendimentos

médios "per capita"⁽¹⁾ destes níveis familiares, que constituem um dos indicadores das condições de vida com que se defrontam as pessoas que os compõem. Porém, antes de iniciar-se a análise individualizada de cada um deles, é útil apresentar-se uma visão mais panorâmica.

Numa primeira faixa de rendimentos médios "per capita" - que variam de 5 a 7 salários mínimos para cada membro da família -, encontram-se 1,4 milhão de pessoas, que representam 11,5% da população urbana metropolitana e 27% do conjunto de pessoas que se encontram nas famílias objeto desta análise. Ou seja, daquelas em que pelo menos um membro ocupado é de classe média. A segunda faixa (3 a 5 SM) engloba outras 380 mil pessoas, correspondentes a 3% da população e a 7% do universo aqui pesquisado.

Desta forma, estes dois segmentos melhor situados equivalem a 15% da população urbana, e podem ser tomados como componente fundamental da base social de nossa "modernidade metropolitana" de massas, a partir de suas condições de vida e de trabalho, de seus costumes, aspirações e demandas, de sua influência na conformação da opinião pública, na estruturação da mídia e da moda, etc. É para este aspecto da realidade que se voltam os ideólogos da homogeneidade e estabilidade social, em relação aos quais cabe indagar da efetiva capacidade desta camada generalizar-se nas condições concretas do desenvolvimento econômico e social.

Nas duas faixas inferiores de rendimentos per capita encontra-se um contingente de 3,4 milhões de pessoas, que correspondem a 28% da população urbana e a 66% do universo de pessoas pesquisadas.

(1) Considerando-se tanto os membros ocupados como os não ocupados.

Dividem-se em dois subconjuntos equivalentes, tanto na terceira faixa (2 a 3 SM) como na quarta (1 a 2 SM), com 14% da população urbana em cada uma delas.

Quando se leva em conta o quesito cor, este cenário se revela extremamente desfavorável aos negros. De fato, enquanto nas famílias em que todos os membros ocupados são brancos 32% das pessoas se encontram na primeira faixa e 8% na segunda, nas famílias do segmento "com negro" nenhum nível familiar participa da primeira faixa e apenas 4% das pessoas se encontram na segunda! Em contrapartida, no segmento "todos brancos" 61% das pessoas localizam-se nas duas faixas pior situadas (38% na terceira e 23% na quarta), contra 96% no segmento "com negro" (8,5% na terceira e 88% na quarta)!

Finalmente, para uma melhor compreensão das condições de vida destas famílias é importante que se aponte também o perfil de seus membros não ocupados. Neste sentido, uma característica que não chega a surpreender, e que é comum a todos os níveis familiares aqui pesquisados, diz respeito ao predomínio absoluto de mulheres entre os não ocupados adultos.

Tomados em conjunto, ou seja, sem individualizar os diversos níveis familiares, os membros não ocupados apresentam a seguinte proporção de mulheres, segundo as faixas etárias:

Faixas etárias	Z de mulheres
0- 5 anos	49
6-10 anos	49
11-15 anos	53
16-20 anos	61
21-25 anos	81
26-30 anos	95
31-65 anos	88
mais de 65 anos	69
s/ declaração	76

Embora com algumas pequenas variações que se manifestam nos distintos níveis familiares, este é o perfil "característico" e aponta para uma certa equivalência entre os sexos na infância (0-10 anos) e adolescência (11-15 anos). Na juventude (16-20 anos) já se percebe uma maior ocupação no sexo masculino, e na fase adulta "produtiva" (21 a 65 anos) manifesta-se o predomínio absoluto das mulheres entre os não ocupados, provavelmente dedicadas aos "afazeres domésticos".

Por outro lado, em grandes linhas a participação da infância, adolescência e juventude entre os não ocupados oscila em torno dos 60%. Desta forma, verifica-se que os membros não ocupados são compostos majoritariamente por crianças e jovens e pelas mulheres encarregadas de sua formação e demais tarefas domésticas (mãe, tias, avós).

Apresentado assim genericamente este "padrão característico" não destoia do esperado. Contudo, em termos de condições de vida, ele possui significados totalmente distintos dependendo da renda média disponível em cada nível familiar.

Neste sentido, e sempre no âmbito dos não ocupados, cabe destacar que do total de crianças do universo de pessoas pesquisadas, 33% encontram-se na primeira faixa de rendimentos médios per capita e 5% na segunda. No caso dos adolescentes estas taxas são, respectivamente, de 24% e 8%; e entre os jovens de 30% e 9%. Ou seja, das famílias em que pelo menos um membro ocupado é de classe média, encontram-se nas duas faixas melhores situadas 38% das crianças, 31% dos adolescentes e 39% dos jovens.

Em princípio, são eles os que se encontram em melhores condições para enfrentar a problemática reprodução social da classe média. Assim sendo, será extremamente interessante a análise do impacto

provocado nesta estrutura social pela crise dos anos oitenta, o que será possível com a execução e divulgação do próximo censo demográfico.

Entretanto, para que este quadro se revele por inteiro, é indispensável considerar-se também as gritantes disparidades raciais. É isto porque, no segmento "com negro" encontram-se nas duas primeiras faixas (mais exatamente na segunda) apenas 3% das crianças, 3% dos adolescentes, e 4% dos jovens! Inversamente, no segmento "todos brancos" 39% das crianças localizam-se na primeira faixa e 5% na segunda. Dos adolescentes, 29% estão na primeira e 8% na segunda; e, no caso dos jovens, estas faixas são de 35% e 10%, respectivamente.

Em contrapartida, das famílias do segmento "todos brancos" encontram-se nas duas faixas inferiores 56% das crianças (42% na terceira e 14% na quarta), 63% dos adolescentes (35% na terceira e 27% na quarta) e 55% dos jovens (36% na terceira e 19% na quarta). Já no segmento "com negro" as proporções são de 97% das crianças (12% na terceira e 85% na quarta), 97% dos adolescentes (7% na terceira e 90% na quarta) e 96% dos jovens (8% na terceira e 88% na quarta)!

Agora, a situação e as principais características de cada nível familiar serão apresentadas individualizadamente. Este estudo se desenvolve em dois planos complementares. No primeiro deles a análise abrange a família em seu conjunto, ou seja, são contemplados todos os membros, ocupados ou não; e no segundo a atenção se volta exclusivamente aos membros ocupados. Nesta exposição dos principais aspectos revelados pela pesquisa que embasa este capítulo, os diversos níveis familiares são introduzidos a partir do primeiro recorte, agrupados segundo faixas de rendimentos médios "per capita".

1. Níveis familiares da primeira faixa de rendimentos médios "per capita"

Como se observa na tabela no. 39⁽¹⁾, três níveis familiares encontram-se nesta faixa de rendimentos mais elevados. A exposição se inicia por aquele que desperta maior interesse analítico.

a. Nível 2.1.1

Este nível reúne as famílias em que todos os membros ocupados pertencem às ocupações típicas de classe média mais qualificadas, a saber: administradores, gerentes e chefes; engenheiros e arquitetos; médicos, dentistas e enfermeiros diplomados; professores do ensino superior; economistas e contadores; outras ocupações técnicas e científicas de nível superior; outras ocupações do comércio; e, especialistas da área de saúde.

Como se depreenderá da análise, este nível constitui, por assim dizer, a situação "ideal" para os membros da classe média não proprietária. É isto não apenas pelos rendimentos médios "per capita" em si, (5,2 salários mínimos) que não se sobressaem em sua faixa, mas por um conjunto de circunstâncias que serão destacadas em seguida.

Em 1980, este nível reunia 855 mil pessoas na Grande São Paulo, sendo 277 mil ocupados e 578 mil não ocupados⁽²⁾. Desta forma, a relação

(1) O agrupamento dos diversos níveis familiares por faixa de rendimentos médios "per capita", sem discriminar o quesito cor, é efetuado na Tabela no. 39. As famílias em que todos os membros ocupados são brancos encontram-se na tabela no. 40, e na tabela no. 41 aquelas em que pelo menos um membro ocupado é negro. Estas tabelas são apresentadas no anexo estatístico ao capítulo V.

(2) A Tabela no. 42 apresenta o número de membros ocupados e não ocupados, sem discriminar a cor. A Tabela no. 46 contempla o segmento "todos brancos", e a Tabela no. 47 o segmento "com negro".

entre eles é de 2,1, ou seja, cada membro ocupado é responsável em média por 2,1 membros não ocupados.

Esta relação é significativamente superior àquelas que em geral se observa nos demais níveis familiares, que coincidem ou se aproximam do índice "característico" de 0,7 membros por membro ocupado. Entretanto, os rendimentos dos membros ocupados deste nível são elevados o suficiente para que esta circunstância não comprometa os rendimentos "per capita"⁽¹⁾.

Assim sendo, no caso deste particular nível familiar esta taxa de ocupação mais baixa pode ser tomada como positiva, em termos de condições de vida, uma vez que pode estar associada à maior atenção aos filhos, a uma formação mais adequada para se enfrentar a competição social, a mais lazer e entretenimento, etc⁽²⁾.

Estas famílias apresentam um tamanho médio de 3,5 membros⁽³⁾, que se insere no "padrão médio" de família em que todos os membros ocupados são da classe média. De fato, os tamanhos médios de 3,4 a 3,8

.....
 (1) A Tabela no. 45 apresenta os rendimentos médios dos membros ocupados, a relação entre não ocupados e ocupados e os rendimentos médios "per capita", sem discriminar a cor. A Tabela no. 43 contempla o segmento "todos brancos", e a Tabela no. 44 o segmento "com negro".

(2) Geraldo Romanelli descreve brilhantemente a estratégia de reprodução social destes segmentos, que é baseada fundamentalmente na educação prolongada (da pré-escola ao ensino superior) e na busca de um "bom" casamento. Em torno destes objetivos se estrutura todo um "projeto familiar". Cf. ROMANELLI, Geraldo - Famílias de Camadas Médias: A Trajetória da Modernidade. Tese de Doutorado, Departamento de Ciências Sociais da FFLCH da USP, São Paulo, 1986, mimeo.

(3) O tamanho médio das famílias é apresentado na Tabela no. 48, e foi obtido dividindo-se o número total de membros pelo número de famílias.

membros revelados pelos três níveis de famílias "sem proprietários e todos da classe média" sugerem uma família "característica" formada pelo casal e dois filhos. Nos outros dois conjuntos de famílias, aquelas que incluem proprietários e aquelas em que se combinam ocupações de classe média e outras ocupações, este padrão se aproxima do formato casal e três filhos e mesmo o ultrapassa em vários casos.

A infância, adolescência e juventude, em conjunto representam 60% dos não ocupados⁽¹⁾, e seu peso absoluto se destaca entre os demais níveis, particularmente no que se refere ao contingente de crianças (246 mil na faixa de 0 a 10 anos). Junto com os equivalentes contingentes etários dos demais níveis melhor situados, constituem componente fundamental de uma demanda diferenciada por serviços pessoais e sociais, que na situação vigente são prestados predominantemente na forma privada.

Entretanto, o acesso a esta situação mais favorecida é basicamente reservado aos brancos. De fato, nas famílias em que pelo menos um membro ocupado é negro os rendimentos médios per capita atingem apenas 41% daquele que se observa nas famílias em que todos os membros ocupados são brancos (2,2 SM contra 5,4 SM). Desta forma, o segmento "com negro" deste nível familiar é rebaixado para a terceira faixa de rendimentos per capita.

Por outro lado, enquanto o segmento "todos brancos" engloba 797 mil pessoas, o segmento "com negro" envolve apenas 58 mil.

.....
 (1) A participação destes conjuntos etários no conjunto dos não ocupados é apresentado na Tabela no. 49, em discriminar a cor. A Tabela no. 50 contempla o segmento "todos brancos" e a Tabela no. 51 o segmento "com negro".

É certo que a origem mais imediata destas disparidades localiza-se na estrutura ocupacional. Contudo, a renda média per capita do segmento "com negro" também é deprimida pelo fato de que, em geral, o tamanho médio de suas famílias, bem como seu nível de desocupação, são superiores àqueles que se constata no segmento "todos brancos". No caso deste nível particular, o fato de posuir uma "carga" de não ocupados no mesmo patamar elevado que as famílias do segmento "todos brancos" compromete seriamente sua renda per capita. Obviamente, estes serão os aspectos enfatizados pelos conservadores, que sempre atribuem aos mais pobres a responsabilidade pela situação em que se encontram.

No que se refere ao universo das pessoas ocupadas, os 277 mil membros deste nível familiar apresentam os mais elevados rendimentos médios, que em 1980 atingem 15,2 salários mínimos⁽¹⁾. E aqui fica patente a distorção racial, uma vez que os 260 mil membros do segmento "todos brancos" auferem rendimentos médios de 15,8 salários mínimos, contra os 7,1 salários mínimos dos 17 mil membros do segmento "com negro".

Entretanto, deve-se destacar que embora com esta séria disparidade, no universo de famílias de classe média em que pelo menos um membro ocupado é negro, este nível também é o que registra os mais elevados rendimentos médios dos membros ocupados. Ou seja, também para eles o acesso às ocupações mais qualificadas da classe média é o elemento distintivo, ainda que o façam em situação de inferioridade em relação a seus "concorrentes" brancos.

O exame da estrutura ocupacional é extremamente revelador, tal como se verifica abaixo.

.....

(1) O número de membros ocupados e seus rendimentos médios encontram-se na Tabela no. 52, sem discriminar a cor. A Tabela no. 53 contempla o segmento "todos brancos" e a Tabela no. 54 o segmento "com negro".

DISCRIMINAÇÃO	sem discriminar a cor		"todos brancos"		"com negro"	
	%	Rend. Médio	%	Rend. Médio	%	Rend. Médio
Administradores, gerentes e chefes	51,7	14,5	50,6	15,2	66,9	6,5
Ocup. técnicas e cient. - nível sup.	10,4	17,5	10,7	17,8	5,3	10,9
Outras ocupações do comércio	17,3	10,4	17,0	10,8	20,6	6,0
Sub-Total	79,4	-	78,3	-	92,8	-

Nota-se, assim, que em cada um dos grupos ocupacionais mais relevantes deste nível familiar, a remuneração média do segmento "com negro" é sistematicamente inferior àquela que se observa no segmento "todos brancos", sugerindo que os trabalhadores negros têm acesso apenas às posições mais baixas das carreiras envolvidas, ou que simplesmente são pior remunerados que seus colegas brancos, por exemplo, através de artifícios hierárquicos.

As famílias que compõem este nível são as que apresentam a menor participação feminina entre os membros ocupados, que atinge apenas 16,5% no segmento "todos brancos" e 14,5% no segmento "com negro"⁽¹⁾. Este é o perfil que se reflete na baixa taxa de ocupação deste nível que foi apontado anteriormente.

(1) As características básicas destes membros ocupados são apresentadas na Tabela no. 55, sem discriminar a cor. A Tabela no. 56 contempla o segmento "todos brancos" e a Tabela no. 57 o segmento "com negro".

Inversamente, são as que revelam a mais elevada presença de autônomos, que atinge a marca de 11,3% no segmento "todos brancos" e 7,2% no segmento "com negro".

A presença de negros neste nível familiar é das mais baixas, atingindo tão somente 6% do total de membros ocupados. Refletindo a barreira que se manifesta no acesso aos níveis escolares mais avançados e aos postos melhores situados na hierarquia profissional, a escolaridade média dos trabalhadores negros deste grupo familiar é de 7,9 anos, contra os 11,9 anos do segmento "todos brancos", que por sinal são os que apresentam o mais elevado nível de escolaridade entre todos os grupos aqui analisados.

Curiosamente, nas famílias do segmento "com negro" deste nível familiar, encontra-se a mais elevada porcentagem de membros ocupados que se declaram negros, atingindo a expressiva marca de 96%. Esta taxa tanto pode significar que nesta pequena camada melhor situada é pouco expressiva a miscigenação racial, como pode expressar o fato de que a condição racial é mais assumida publicamente.

b. Nível 1.1.1

Este nível reúne as famílias em cujos membros ocupados combinam-se proprietários empregadores e ocupações típicas de classe média. Seus rendimentos médios per capita, de 6,5 salários mínimos, são os mais elevados entre todos os níveis contemplados nesta análise.

As indicações sugerem que estas famílias abrigam uma categoria específica de titulares de pequenos e médios negócios, em que sua escala e organização já implicam contratação de mão-de-obra, mas não dispensam a contribuição de outros familiares, na própria empresa ou não. Entretanto, estes familiares não se envolvem diretamente com a produção, atuando majoritariamente como administradores, escriturários, vendedores

ou caixas.

Ele engloba 160 mil pessoas, sendo 93 mil ocupados e 67 mil não ocupados. Desta forma, apresenta a relação "característica" de 0,7 membro não ocupado por membro ocupado. Por outro lado, o tamanho médio destas famílias é de 4,2 membros, que se aproxima do formato casal e dois filhos. As faixas etárias correspondentes à infância, adolescência e juventude, em conjunto, representam 62% do total de membros não ocupados.

No segmento de famílias em que todos os membros ocupados são brancos encontram-se 152 mil pessoas, com rendimentos médios per capita de 6,7 salários mínimos; e apenas 8 mil no segmento em que pelo menos um membro ocupado é negro, com rendimentos médios per capita de 3,9 salários mínimos.

Quanto aos 93 mil membros ocupados, eles subdividem-se em 88 mil no segmento "todos brancos", com rendimentos médios de 11,4 salários mínimos, e tão somente 5 mil no segmento "com negro", com rendimentos médios de 6,8 salários mínimos.

Por outro lado, 50 mil são trabalhadores de classe média, com rendimentos médios de 5,9 salários mínimos e 43 mil são proprietários empregadores, com rendimentos médios de 17,3 salários mínimos⁽¹⁾. Assim sendo, estes trabalhadores de classe média apenas situam-se nas faixas de rendimentos mais elevados em decorrência de sua situação familiar. Entretanto, são os melhores remunerados entre os trabalhadores de classe média que se combinam com proprietários. Da mesma forma, os proprietários deste nível familiar auferem os maiores rendimentos médios, não só entre os demais proprietários, como em relação a todas as demais situações ocupacionais dos diversos níveis familiares.

A estrutura ocupacional destes trabalhadores de classe média revela que entre os grupos ocupacionais mais importantes deste nível, apenas os professores primários e inspetores de ensino do segmento "com negro" não são pior remunerados que os membros do segmento "todos brancos", como se observa a seguir:

DISCRIMINAÇÃO	sem discriminar a cor		"todos brancos"		"com negro"	
	%	Rend. Médio	%	Rend. Médio	%	Rend. Médio
Administradores, gerentes e chefes	14,4	10,3	14,5	10,4	10,2	7,6
Auxiliares de escritório	29,8	3,2	29,5	3,3	34,8	2,7
Professores primários e inspetores de ensino	9,1	4,3	9,3	4,3	4,7	5,7
Lojistas e caixas	15,0	2,3	14,6	2,4	23,1	1,7
Sub-Total	68,3	-	67,9	-	72,8	-

- (1) Embora os rendimentos declarados pelos proprietários, e também por outros trabalhadores melhor situados, sejam reconhecidamente subestimados, eles servem como referência. As características básicas dos Proprietários são apresentadas na Tabela No. 58, sem discriminar a cor. A tabela No. 59 contempla o segmento "todos brancos" e a tabela No. 60 o segmento "com negro".

Entre os trabalhadores de classe média que se combinam familiarmente com proprietários, são os que apresentam a mais expressiva presença feminina (57%) - esposas, filhos, ou outros parentes dos proprietários -, o menor índice de negros (3%) e a mais elevada escolaridade média (10,9 anos de estudo).

No âmbito daqueles poucos que situam-se no segmento "com negro", chama atenção o fato de apresentarem a menor taxa de pessoas que se declaram negros, da ordem de 66%. Entretanto, este baixo índice tanto pode refletir uma mais expressiva miscigenação, como uma maior omissão racial.

Em termos setoriais, os proprietários deste nível se concentram na indústria de transformação, no comércio de mercadorias e nos serviços de higiene pessoal e alimentação, como a seguir se apresenta:

DISCRIMINAÇÃO	sem discriminar a cor		"todos brancos"		"com negro"	
	X	Rend. Médio	X	Rend. Médio	X	Rend. Médio
Indústria de transformação	28,2	19,7	28,5	20,0	22,0	12,7
Comércio de mercadorias	33,7	14,6	34,0	14,7	27,5	10,8
Serviços de higiene pessoal e alimentação	8,6	10,2	8,2	10,5	16,5	7,3
Sub-Total	70,5	-	70,7	-	66,0	-

Desta forma, também entre eles a situação é mais desfavorável aos que se encontram no segmento "com negro". Por outro lado, os proprietários empregadores revelam uma pequena presença feminina, da ordem de 18%.

c. Nível 2.1.2

Este nível reúne as famílias em que, embora todos os membros ocupados pertençam às ocupações típicas de classe média, apenas alguns deles encontram-se entre as ocupações mais qualificadas anteriormente apontadas.

Encontram-se nesta situação 380 mil pessoas, com rendimentos médios per capita de 5,0 salários mínimos, sendo que 350 mil pertencem ao segmento de famílias em que todos os membros ocupados são brancos (5,2 SM) e 30 mil ao segmento em que pelo menos um membro ocupado é negro (3,1 SM).

Estas pessoas dividem-se em 226 mil membros ocupados e 154 mil não ocupados, sendo o único nível entre as famílias em que todos os membros são de classe média em que se observa a relação "característica" de 0,7 membro não ocupado por membro ocupado. O tamanho médio das famílias deste nível é o típico do referido universo de famílias, inserindo-se no formato casal e dois filhos. E as faixas etárias correspondentes à infância, adolescência e juventude equivalem a 64% dos membros não ocupados.

Os 226 mil membros ocupados auferem rendimentos médios de 8,2 salários mínimos e subdividem-se em 208 mil no segmento "todos brancos" (8,4 SM) e apenas 18 mil no segmento "com negro" (5,2 SM).

O exame da estrutura ocupacional deste grupo de famílias revela que entre as ocupações mais qualificadas destacam-se os administradores, gerentes e chefes e as outras ocupações do comércio (corretores, agentes, etc.). Desta forma, são elas as principais responsáveis pela inserção deste nível na primeira faixa de rendimentos médios per capita. Entre as demais ocupações sobressaem-se os auxiliares de escritório e os professores primários e inspetores de ensino, como se

verifica a seguir:

DISCRIMINAÇÃO	sem discriminar a cor		"todos brancos"		"com negro"	
	%	Rend. Médio	%	Rend. Médio	%	Rend. Médio
Administradores, gerentes e chefes	24,9	11,3	24,6	11,8	28,2	6,5
Auxiliares de escritório	23,1	4,0	22,9	4,1	24,8	3,0
Professores primários e inspetores de ensino	8,6	4,6	8,9	4,6	4,5	4,3
Outras ocup. técnicas-cien- tíficas - nível superior	4,8	14,5	4,9	14,7	3,7	10,4
Lojistas e caixas	5,2	4,0	5,0	4,2	7,9	2,5
Outras ocup. do comércio	9,1	8,4	9,0	8,7	9,6	5,8
Sub-Total	75,7	-	75,3	-	78,7	-

Por outro lado, entre as famílias em que todos os membros pertencem à classe média são as que apresentam a mais elevada participação feminina, da ordem de 45% dos membros ocupados, indicando que - ao contrário das famílias em que todos os membros ocupados inserem-se nas ocupações mais qualificadas - o trabalho da mulher é indispensável para se alcançar uma situação familiar mais destacada.

Por fim, os membros ocupados deste nível apresentam um dos mais expressivos níveis de escolaridade, que em média atinge 11 anos de estudo. Neste sentido, cabe destacar que entre os membros do segmento "com negro" a escolaridade que se verifica neste nível é a mais elevada de todos, atingindo a média de 9,2 anos de estudo.

2. Níveis familiares da segunda faixa de rendimentos médios "per capita"

a. Nível 1.1.2

Este nível reúne as famílias em cujos membros ocupados se combinam trabalhadores de classe média, proprietários empregadores e também trabalhadores em outras ocupações, que não se incluem entre aquelas típicas de classe média.

Tais famílias englobam 101 mil pessoas, com rendimentos médios per capita de 3,9 salários mínimos, sendo que 82 mil encontram-se no segmento em que todos os membros ocupados são brancos (4,3 SM) e 19 mil no segmento em que pelo menos um membro ocupado é negro (2,1 SM).

Este conjunto de pessoas subdivide-se em 60 mil membros ocupados e 41 mil não ocupados, com o que revelam a relação "característica" de 0,7 membro não ocupado por membro ocupado. No segmento "com negro" esta relação é ligeiramente superior, atingindo o índice de 0,8. Por outro lado, no segmento "todos brancos" o tamanho médio das famílias aponta para o formato casal e 3 filhos, e no segmento "com negro" para o formato casal e 4 filhos.

Os 60 mil membros ocupados apresentam rendimentos médios de 6,6 salários mínimos, que eleva-se a 7,3 salários mínimos no caso dos 49 mil membros ocupados que localizam-se no segmento "todos brancos", e é de apenas 3,8 salários mínimos entre os 11 mil do segmento "com negro".

A composição destes membros ocupados revela que 22 mil são proprietários empregadores, com rendimentos médios de 12,6 salários mínimos, 11 mil são trabalhadores de classe média (3,9 SM) e 27 mil são

trabalhadores em outras ocupações (2,7 SM)⁽¹⁾. Verifica-se, assim, que os trabalhadores de classe média são minoritários neste conjunto de famílias. Por outro lado, tanto estes trabalhadores como aqueles que se encontram em outras ocupações devem seu posicionamento nas faixas mais elevadas, sobretudo à sua composição familiar com os proprietários. Desta forma, a situação destas famílias é basicamente definida pela propriedade, tal como nos demais níveis que envolvem proprietários.

Os proprietários deste nível familiar subdividem-se em 18 mil que se encontram no segmento "todos brancos" (13,8 SM) e 4 mil no segmento "com negro" (6,7 SM). A presença feminina entre eles é de 18%, que é o mesmo patamar verificado no outro grupo de proprietários empregadores já abordados (nível 1.1.1).

Em termos setoriais, estes proprietários também se concentram na indústria de transformação, no comércio de mercadorias e nos serviços de higiene pessoal e alimentação, tal como se apresenta a seguir:

DISCRIMINAÇÃO	1.1.2		1.1.2.1		1.1.2.2	
	%	Rend. Médio	%	Rend. Médio	%	Rend. Médio
Indústria de transformação	26,3	16,2	27,0	17,9	23,0	6,4
Comércio de mercadorias	23,5	11,4	25,0	11,9	15,6	7,6
Serviços de higiene pessoal e alimentação	18,6	8,5	18,2	8,9	21,0	6,8
Sub-Total	68,4	-	70,2	-	59,6	-

(1) As características básicas dos trabalhadores em outras ocupações encontram-se na Tabela no. 61, sem discriminar a cor. A Tabela no. 62 contempla o segmento "todos brancos" e a Tabela no. 63 o segmento "com negro".

Os 11 mil trabalhadores de classe média se repartem em 9 mil no segmento "todos brancos" (4,1 SM) e 2 mil no segmento "com negro" (2,9 SM). Apresentam uma escolaridade média de 9,8 e 8,2 anos de estudo, respectivamente, que são superiores às verificadas entre os proprietários e os trabalhadores em outras ocupações. Mais da metade são mulheres (51%) o que, como já se apontou anteriormente, é uma característica que se observa entre os trabalhadores de classe média de todos os níveis familiares em que eles se combinam com proprietários.

Em termos ocupacionais, estes trabalhadores se compõem majoritariamente de auxiliares de escritório e de balconistas e caixas, ao lado de razoável presença do grupo mais qualificado formado pelos administradores, gerentes e chefes - com rendimentos médios que sugerem pertencerem à média e baixa gestão. É o que se verifica a seguir:

DISCRIMINAÇÃO	sem discriminar a cor		"todos brancos"		"com negro"	
	X	Rend. Médio	X	Rend. Médio	X	Rend. Médio
Administradores, gerentes e chefes	10,0	7,3	10,5	7,6	7,3	4,8
Auxiliares de escritório	40,8	2,5	40,1	2,6	44,7	2,3
Lojistas e caixas	18,7	2,1	18,2	2,1	21,7	1,9
Sub-Total	69,5	-	68,8	-	73,7	-

Por fim, os trabalhadores em outras ocupações se subdividem em 22 mil no segmento "todos brancos" (2,9 SM) e 5 mil no segmento "com negro" (1,9 SM). A participação feminina situa-se em torno de 40%.

A estrutura ocupacional é bastante desconcentrada e, naturalmente, reflete a estrutura setorial dos proprietários, tal como se

apresenta em seguida:

DISCRIMINAÇÃO	sem discriminar a cor		"todos brancos"		"com negro"	
	X	Rend. Médio	X	Rend. Médio	X	Rend. Médio
Alfaiates e costureiras	10,6	2,0	10,8	2,1	9,7	1,7
Outras ocupações da indústria de transformação	6,7	2,4	6,4	2,6	8,0	1,7
Vendedores de jornais e ambulantes	4,6	2,9	4,9	3,1	3,2	2,0
Motoristas	4,8	4,2	5,1	4,3	3,7	3,5
Garçons e cozinheiras	7,5	1,6	7,7	1,6	6,7	1,3
Empregadas domésticas	3,7	1,2	2,2	1,2	9,9	1,2
Ocupações dos serviços de higiene pessoal	4,0	2,6	4,2	2,6	3,3	2,6
Porteiros, ascensoristas, vigias	8,0	1,5	7,8	1,5	9,1	1,5
Sub-Total	49,9	-	49,1	-	53,6	-

b. Nível 1.2.1

Este nível engloba as famílias em cujos membros ocupados se combinam proprietários por conta própria e ocupações típicas de classe média.

Encontram-se nestas famílias 103 mil pessoas, com rendimentos médios per capita de 3,5 salários mínimos, que se repartem em 92 mil no segmento de famílias em que todos os membros ocupados são brancos (3,7 SM) e 11 mil nas famílias em que pelo menos um membro é negro (2,5 SM).

Destas pessoas, 58 mil são ocupados e 45 mil não ocupados, com uma relação de 0,8 não ocupado por membro ocupado, sendo que no segmento de famílias "com negro" este índice eleva-se a 0,9. O tamanho médio destas famílias sugere um formato casal e 2 ou 3 filhos.

Os rendimentos médios dos membros ocupados são de 6,2 salários mínimos, elevando-se para 6,4 salários mínimos no caso dos 52 mil que se encontram no segmento "todos brancos" e caindo para 4,5 salários mínimos no que diz respeito ao pequeno contingente de 6 mil pessoas do segmento "com negro".

Este conjunto de membros ocupados é formado por 26 mil proprietários com rendimentos médios de 8,4 salários mínimos e por 32 mil trabalhadores de classe média (4,3 SM), evidenciando-se mais uma vez a contribuição dos primeiros para a composição de uma renda familiar mais elevada.

A presença feminina entre os proprietários é de 22%, indicando uma participação ligeiramente maior no caso dos proprietários por conta própria frente aos proprietários empregadores. Esta distinção seguramente está associada à própria característica dos empreendimentos envolvidos, em que predominam o comércio de mercadorias e os serviços de higiene pessoal e alimentação, estando ausente a indústria de transformação, como se verifica a seguir:

DISCRIMINAÇÃO	sem discriminar a cor		"todos brancos"		"com negro"	
	%	Rend. Médio	%	Rend. Médio	%	Rend. Médio
Comércio de mercadorias	72,0	8,7	72,9	8,9	64,2	6,4
Serviços de higiene pessoal e alimentação	21,6	7,1	20,5	7,3	31,3	6,0
Sub-Total	93,6	-	93,4	-	95,5	-

As mulheres são majoritárias entre os trabalhadores de classe média (54%), e os grupos ocupacionais mais relevantes são os auxiliares de escritório e os balconistas e caixas, com uma certa participação da média e baixa gerência, como se apresenta em seguida:

DISCRIMINAÇÃO	sem discriminar a cor		"todos brancos"		"com negro"	
	%	Rend. Médio	%	Rend. Médio	%	Rend. Médio
Administradores, gerentes e chefes	9,2	8,4	9,3	8,6	8,4	6,4
Auxiliares de escritório	32,5	3,0	32,8	3,1	30,2	2,4
Professores primários e inspetores de ensino	6,9	3,7	7,2	3,8	4,2	3,1
Lojistas e caixas	23,2	1,8	22,4	1,9	30,1	1,3
Sub-Total	71,8	-	71,7	-	72,9	-

c. Nível 2.2.2.1

Este nível agrupa as famílias em que o chefe pertence às ocupações de classe média mais qualificadas, embora entre os membros ocupados destas famílias também incluam-se trabalhadores que não são da classe média.

É justamente este atributo do chefe que distingue este nível dos demais em que também se combinam trabalhadores de classe média com

trabalhadores em outras ocupações, sendo o único deles a inserir-se nas duas faixas mais elevadas de rendimentos médios per capita, ainda que situe-se na franja da segunda delas.

Encontram-se nestas famílias 177 mil pessoas, com rendimentos médios per capita de 3,3 salários mínimos, sendo 133 mil no segmento de famílias em que todos os membros ocupados são brancos (3,7 SM) e 44 mil entre aqueles em que pelo menos um membro ocupado é negro (1,8 SM).

Este universo de pessoas subdivide-se em 102 mil membros ocupados e 75 mil não ocupados, mais uma vez apurando-se a relação "característica" de 0,7 membro não ocupado por membro ocupado, que no caso do segmento "com negro" eleva-se a 0,8. O tamanho médio destas famílias se aproxima do formato casal e três filhos.

Os rendimentos médios dos membros ocupados situam-se em 5,6 salários mínimos, que no caso dos 78 mil que se encontram no segmento "todos brancos" elevam-se a 6,4 salários mínimos, e caem para 3,2 salários mínimos entre os 24 mil do segmento "com negro".

Este contingente de membros ocupados é formado por 55 mil trabalhadores de classe média, com rendimentos médios de 8,2 salários mínimos, e 47 mil trabalhadores em outras ocupações (2,5 SM), evidenciando-se o decisivo papel dos primeiros na composição da renda média familiar.

Os trabalhadores de classe média estão fortemente concentrados em duas das ocupações mais qualificadas, que são os administradores, gerentes e chefes e as outras ocupações do comércio (corretores, agentes, etc), como se verifica a seguir:

DISCRIMINAÇÃO	sem discriminar a cor		"todos brancos"		"com negro"	
	%	Rend. Médio	%	Rend. Médio	%	Rend. Médio
Administradores, gerentes e chefes	47,8	9,0	45,7	10,4	55,2	5,2
Auxiliares de escritório	13,2	2,6	13,4	2,7	12,6	2,1
Ocup. técnicas e cient. - nível sup.	4,3	18,4	4,9	19,5	1,8	7,9
Lojistas e caixas	4,1	2,0	3,7	2,1	5,3	1,7
Outras ocupações do comércio	16,4	6,9	16,6	7,6	15,8	4,3
Sub-Total	85,8	-	84,3	-	90,7	-

Desta forma, os chefes de família atuam majoritariamente como administradores ou vendedores mais qualificados, que devem estar associados à relativamente elevada proporção de autônomos entre os trabalhadores de classe média deste nível, que situa-se em 8%.

Os demais membros ocupados destas famílias também inserem-se nas ocupações de classe média, que revelam uma participação feminina de 22%, ou trabalham em outras ocupações, cuja presença feminina é de 52%.

Estes trabalhadores em outras ocupações estão distribuídos por uma gama bastante variada de atividades, entre os quais se destacam os alfaiates e costureiros; os porteiros, ascensoristas, vigias e serventes; os operários da indústria de transformação; e as empregadas domésticas; como se apresenta em seguida.

DISCRIMINAÇÃO	sem discriminar a cor		"todos brancos"		"com negro"	
	%	Rend. Médio	%	Rend. Médio	%	Rend. Médio
Mecânico sem especificação	3,9	2,8	3,9	3,0	3,4	1,9
Alfaiates e costureiras	10,0	2,1	9,7	2,3	11,0	1,8
Eletricistas e radiotécnicos	2,8	2,9	3,0	3,0	2,4	2,9
Outras ocupações da indústria de transformação	6,6	2,4	5,8	2,6	9,0	1,9
Vendedores de jornais e ambulantes	2,8	2,7	3,0	3,0	2,2	1,6
Garçons e cozinheiras	2,9	1,7	2,6	1,8	3,8	1,6
Empregadas domésticas	5,9	1,2	4,0	1,2	11,3	1,2
Ocupações dos serviços de higiene pessoal	4,6	2,7	4,9	2,9	3,6	1,9
Porteiros, ascensoristas, vigias	12,1	1,4	12,2	1,4	11,8	1,4
Sub-Total	51,5	-	49,1	-	58,5	-

3. Níveis familiares da terceira faixa de rendimentos médios "per capita"

a. Nível 2.2.2.2

Da mesma forma que o nível anterior, este também reúne famílias em que os trabalhadores de classe média se combinam com trabalhadores em outras ocupações. Ocorre que neste caso o chefe não encontra-se entre as ocupações mais qualificadas - ainda que situe-se entre aquelas típicas de classe média -, e este fato parece ser decisivo para rebaixar a renda média per capita ao nível da terceira faixa.

Entretanto, algum outro membro da família insere-se naquelas ocupações mais destacadas, evitando que a renda média deste nível familiar caia para a última faixa, tal como ocorre com outros grupos familiares que serão examinados mais à frente.

Este nível familiar é numericamente pouco expressivo, envolvendo apenas 15 mil pessoas, com rendimentos médios per capita de 2,8 salários mínimos, sendo que 11 mil encontram-se no segmento de famílias em que todos os membros ocupados são brancos (3,1 SM), e 4 mil no segmento em que pelo menos um membro ocupado é negro (2,1 SM).

Destas pessoas, 11 mil são ocupados revelando-se uma baixa relação de 0,4 membro não ocupado por membro ocupado, que eleva-se a 0,6 no segmento "com negro". Por outro lado, apresenta um dos mais elevados tamanho médio de família, que no segmento "todos brancos" aponta para o formato casal e 3 ou 4 filhos, e para casal e 4 ou 5 filhos no segmento "com negro".

Os membros ocupados auferem rendimentos médios de 4,1 salários mínimos e subdividem-se em 8 mil no segmento "todos brancos" (4,4 SM) e 3 mil no segmento "com negro" (3,2 SM). Por outro lado, 7 mil inserem-se entre as ocupações típicas de classe média (4,8 SM) e 3 mil entre as outras ocupações (2,4 SM), indicando que os últimos "beneficiam-se" da combinação familiar com os primeiros.

Entre os trabalhadores de classe média a participação feminina atinge a 35% dos membros ocupados. O exame das ocupações mais qualificadas revela que no caso deste nível familiar trata-se sobretudo da baixa gerência e das posições inferiores entre os corretores e agentes comerciais. A melhor situação ocupacional é a dos mestres e contramestres, ou seja, na supervisão direta da produção, tal como se apresenta a seguir:

DISCRIMINAÇÃO	sem discriminar a cor		"todos brancos"		"com negro"	
	%	Rend. Médio	%	Rend. Médio	%	Rend. Médio
Administradores, gerentes e chefes	23,7	4,4	23,7	4,7	23,6	3,4
Auxiliares de escritório	21,6	3,5	21,3	3,7	22,4	3,0
Mestres e contramestres	5,3	7,4	4,4	8,2	7,8	6,1
Lojistas e caixas	11,6	3,3	11,0	3,4	13,6	3,0
Outras ocupações do comércio	9,4	3,4	8,8	3,7	11,3	2,9
Sub-Total	71,6	-	69,2	-	78,7	-

No caso dos trabalhadores em outras ocupações as mulheres representam 38% dos membros ocupados, destacando-se na estrutura ocupacional os alfaiates e costureiras, os operários da indústria de transformação e os porteiros, ascensoristas, vigias e serventes, como se verifica em seguida.

DISCRIMINAÇÃO	sem discriminar a cor		"todos brancos"		"com negro"	
	%	Rend. Médio	%	Rend. Médio	%	Rend. Médio
Mecânico sem especificação	4,6	3,0	5,4	3,1	2,5	2,7
Alfaiates e costureiras	9,0	1,8	7,6	1,9	12,5	1,6
Eletricistas e radiotécnicos	3,6	2,4	4,1	2,5	2,4	1,6
Outras ocupações da indústria de transformação	7,4	2,4	7,6	2,5	6,8	2,4
Vendedores de jornais e ambulantes	3,5	2,4	4,0	2,6	2,2	1,4
Motoristas	3,1	2,8	3,8	2,7	1,4	3,5
Empregadas domésticas	4,3	1,0	3,0	0,9	7,7	1,1
Porteiros, ascensoristas, vigias	13,8	1,5	13,9	1,5	13,3	1,3
Sub-Total	49,3	-	49,4	-	48,8	-

b. Nível 2.2.1.1

A única diferença entre este nível e o anteriormente examinado reside no fato de que o chefe não se inclui entre as ocupações típicas de classe média. Desta forma, ele também reúne famílias em que se combinam trabalhadores de classe média e trabalhadores em outras ocupações; o chefe não pertence às ocupações melhor situadas da classe média, mas algum outro membro revela este atributo.

Engloba 200 mil pessoas com rendimentos médios per capita de 2,6 salários mínimos, sendo que 149 mil encontram-se no segmento de famílias em que todos os membros ocupados são brancos (2,9 SM) e 51 mil no segmento em que pelo menos um membro ocupado é negro (1,8 SM).

Os membros ocupados totalizam 126 mil pessoas, com uma relação de 0,6 membro não ocupado por ocupado. O tamanho médio destas famílias aponta para o formato casal e 3 filhos no segmento "todos brancos", e casal e 4 filhos no segmento "com negro". Chama atenção o fato de que os contingentes etários correspondentes à infância, adolescência e juventude representam apenas 53% dos membros não ocupados, que é o menor índice de todos os níveis familiares adotados neste estudo.

Os rendimentos médios dos membros ocupados atingem 4,0 salários mínimos, que no caso dos 95 mil membros ocupados que se encontram no segmento "todos brancos" elevam-se a 4,4 salários mínimos, e caem para 2,9 salários mínimos entre os 31 mil do segmento "com negro".

Estes membros ocupados se compõem de 65 mil trabalhadores em ocupações típicas de classe média, com rendimentos médios de 4,1 salários mínimos e 61 mil trabalhadores em outras ocupações, com rendimentos médios de 3,8 salários mínimos. Desta forma, é inexpressiva a disparidade de seus rendimentos médios o que, como se verá em seguida, resulta do fato de que, neste nível familiar, entre os trabalhadores em outras

ocupações encontram-se diversos grupos com remuneração idêntica ou superior àquelas que se verifica nas ocupações de classe média melhor situadas. Esta circunstância também se reflete na relativamente pequena proporção de mulheres entre os trabalhadores em outras ocupações, que situa-se em 24% e é a mais baixa de todos os níveis familiares que apresentam estes trabalhadores entre seus membros ocupados.

Entre as ocupações de classe média a presença feminina é de 52%, e a participação de negros atinge 16%, sendo que uma das características dos trabalhadores de classe média que se combinam com trabalhadores em outras ocupações é justamente a de apresentarem uma relativamente maior proporção de negros, que inclusive não se distanciam muito daquelas que se verifica entre estes trabalhadores.

Como vem ocorrendo com os níveis que apresentam esta combinação familiar, as ocupações melhor situadas de classe média dizem respeito basicamente à baixa gerência e aos postos inferiores de vendedores mais qualificados, tal como se verifica a seguir:

DISCRIMINAÇÃO	sem discriminar a cor		"todos brancos"		"com negro"	
	%	Rend. Médio	%	Rend. Médio	%	Rend. Médio
Administradores, gerentes e chefes	40,0	4,4	38,2	4,8	46,0	3,3
Auxiliares de escritório	19,5	2,6	19,9	2,7	18,0	2,3
Lojistas e caixas	5,7	2,3	5,6	2,4	6,1	1,9
Outras ocupações do comércio	15,1	3,7	14,7	3,9	16,3	2,8
Sub-Total	80,3	-	78,4	-	86,4	-

Conforme foi apontado anteriormente, entre os trabalhadores em outras ocupações deste nível familiar chama atenção a presença de vários grupos ocupacionais com rendimentos médios relativamente "elevados", tais

como: motoristas, mecânicos, eletricitistas e radiotécnicos, pedreiros e vendedores de jornais e ambulantes. É o que se apresenta em seguida.

DISCRIMINAÇÃO	sem discriminar a cor		"todos brancos"		"com negro"	
	%	Rend. Médio	%	Rend. Médio	%	Rend. Médio
Mecânico sem especificação	5,1	4,3	5,3	4,7	4,7	3,3
Alfaiates e costureiras	6,0	2,5	6,1	2,7	5,7	1,9
Eletricistas e radiotécnicos	3,6	4,1	3,7	4,5	3,2	2,9
Outras ocupações da indústria de transformação	7,5	3,3	7,0	3,7	8,6	2,5
Pedreiros	4,0	4,0	3,3	4,4	5,8	3,5
Vendedores de jornais e ambulantes	4,4	4,1	5,1	4,3	2,6	2,8
Motoristas	9,6	4,8	10,5	4,9	7,1	4,3
Empregadas domésticas	3,7	1,3	2,7	1,4	6,4	1,3
Porteiros, ascensoristas, vigias	10,5	2,2	10,2	2,3	11,5	1,9
Sub-Total	54,4	-	53,9	-	55,6	-

c. Nível 2.1.3

Este nível reveste-se de grande significado analítico, tanto por sua composição como por sua expressão numérica. Reúne as famílias em que todos os membros ocupados incluem-se entre as ocupações típicas de classe média, mas nenhum se insere entre aquelas mais qualificadas, destacando-se os auxiliares de escritório e os balconistas e caixas.

Engloba 1,3 milhão de pessoas com rendimentos médios per capita de 2,4 salários mínimos, que representam 26% do conjunto de pessoas que

se encontram em famílias em que pelo menos um membro ocupado é da classe média urbana não proprietária. Este universo de pessoas subdivide-se em 1,1 milhão que localizam-se no segmento em que todos os membros ocupados são brancos (2,6 SM), e 200 mil no segmento de famílias em que pelo menos um membro ocupado é negro (1,6 SM).

Os membros ocupados totalizam 524 mil pessoas e os não ocupados 819 mil, revelando uma relação de 1,6 não ocupados por membro ocupado. Esta elevada taxa de não ocupação se aproxima daquela verificada no nível 2.1.1, em que todos os membros ocupados situam-se entre as ocupações de classe média mais qualificadas. Entretanto, neste nível agora examinado o significado desta relação é bastante distinto, pois compromete seriamente a renda familiar.

O tamanho médio destas famílias aponta para o formato casal e 2 filhos. Entre os membros não ocupados, chama atenção o enorme contingente de 332 mil crianças na faixa de 0 a 10 anos, que representam 1/3 do total de crianças das famílias aqui consideradas e 52% daquelas que se encontram em famílias em que todos os membros ocupados são da classe média não proprietária. Por sua expressão numérica e frente à renda familiar disponível seguramente se constituirão em elemento importante na problemática reprodução social da classe média. E este quadro se torna ainda mais sério quando se atenta para o fato de que 20% destas crianças encontram-se no segmento "com negro".

Os membros ocupados auferem rendimentos médios de 5,5 salários mínimos, que elevam-se a 5,8 salários mínimos no caso dos 443 mil que se encontram no segmento "todos brancos", e caem a 3,9 salários mínimos entre os 81 mil do segmento "com negro".

As mulheres representam 36% dos membros ocupados e os negros 14%, sendo que esta última taxa é a mais elevada entre os níveis familiares em que todos os membros ocupados são da classe média. Por

outro lado, também chama atenção o fato de que no segmento "com negro" 91% dos membros ocupados se declaram negros, mais uma vez indicando reduzida miscigenação ou que assumem mais claramente sua condição racial.

A estrutura ocupacional deste nível é bastante concentrada nos auxiliares de escritório e balconistas e caixas. Entretanto, merece registro a presença significativa de vários outros grupos ocupacionais com rendimentos médios mais elevados, como mestres e contramestres, ocupações técnicas e científicas de nível médio, auxiliares de engenharia e arquitetura, técnicos em contabilidade, etc., como se verifica a seguir:

DISCRIMINAÇÃO	sem discriminar a cor		"todos brancos"		"com negro"	
	%	Rend. Médio	%	Rend. Médio	%	Rend. Médio
Auxiliares de escritório	33,0	4,0	33,3	4,2	30,5	3,1
Ocupações burocráticas de natureza específica	4,6	5,6	4,4	6,0	5,6	3,7
Auxiliares de engenharia e arquitetura	4,1	9,0	4,4	9,2	2,6	6,8
Auxiliares da área de saúde	4,1	3,7	3,6	3,9	7,2	3,1
Professores primários e inspetores de ensino	5,5	5,9	5,9	6,0	2,8	4,7
Técnico em contabilidade	5,2	7,3	5,5	7,5	3,5	5,2
Ocupações técnicas e cien- tíficas - nível médio	5,7	7,7	5,8	8,1	5,2	4,8
Mestres e contramestres	7,1	8,9	7,0	9,5	7,7	6,0
Lojistas e caixas	16,6	4,0	15,9	4,3	19,6	2,7
Ocupações da defesa nacional e segurança pública	5,0	6,3	4,9	6,6	5,8	5,2
Analistas e inspetores	4,2	6,3	4,0	6,7	5,1	4,6
Sub-Total	95,1	-	94,7	-	95,6	-

d. Nível 1.2.2

Este nível desperta atenção por ser aquele que apresenta os mais baixos rendimentos médios entre os vários que incluem proprietários

em seus membros ocupados. Para esta circunstância colabora o fato de se tratar de proprietários por conta própria e também o de incluir trabalhadores em outras ocupações, além das ocupações de classe média.

Engloba 132 mil pessoas com rendimentos médios per capita de 2,1 salários mínimos, sendo que 90 mil encontram-se no segmento de famílias em que todos os membros ocupados são brancos (2,4 SM) e 42 mil no segmento em que pelo menos um membro ocupado é negro (1,5 SM).

Destas pessoas, 75 mil são membros ocupados e 57 mil não ocupados, apurando-se a relação "característica" de 0,7 membro não ocupado por ocupado, que no caso do segmento "com negro" eleva-se a 0,8.

O tamanho médio destas famílias aponta para o formato casal e 3 filhos no caso do segmento "todos brancos", e casal e 4 filhos no segmento "com negro".

Os membros ocupados auferem rendimentos médios de 3,7 salários mínimos, que alcançam 4,1 salários mínimos entre os 53 mil que se encontram no segmento "todos brancos" e caem para 2,8 salários mínimos no caso dos 23 mil do segmento "com negro".

Estes membros ocupados subdividem-se em 27 mil proprietários com rendimentos médios de 5,7 salários mínimos, 12 mil trabalhadores de classe média (2,8 SM) e 36 mil trabalhadores em outras ocupações (2,4 SM). Cabe notar que os rendimentos destes proprietários são os mais baixos entre os proprietários dos quatro níveis que os incluem. Por outro lado, também colaboram para rebaixar a renda média familiar tanto os baixos rendimentos médios dos trabalhadores de classe média deste nível, como a relativamente elevada proporção de trabalhadores em outras ocupações.

Os proprietários deste nível familiar também se destacam por serem aqueles que apresentam as mais significativas proporções de mulheres e negros, que atingem os índices de 25% e 21%, respectivamente. Por outro lado, em termos setoriais eles se concentram no comércio de mercadorias e nos serviços de higiene pessoal e alimentação, como se verifica em seguida:

DISCRIMINAÇÃO	sem discriminar a cor		"todos brancos"		"com negro"	
	%	Rend. Médio	%	Rend. Médio	%	Rend. Médio
Comércio de mercadorias	59,1	5,6	60,8	6,2	54,8	3,9
Serviço de higiene pessoal e Alimentação	36,3	5,7	34,3	6,3	41,3	4,7
Sub-Total	95,4	-	95,1	-	96,1	-

Entre os trabalhadores de classe média a presença feminina é de 51% dos membros ocupados e a de negros atinge a 15%, sendo que esta última é a mais elevada entre as famílias que incluem proprietários. Tais trabalhadores estão concentrados nos grupos ocupacionais formados pelos auxiliares de escritório e pelos balconistas e caixas, como a seguir é apresentado:

DISCRIMINAÇÃO	sem discriminar a cor		"todos brancos"		"com negro"	
	%	Rend. Médio	%	Rend. Médio	%	Rend. Médio
Administradores, gerentes e chefes	7,1	4,9	7,5	5,2	5,8	3,6
Auxiliares de escritório	40,2	2,4	41,5	2,5	36,0	2,0
Técnicos em contabilidade	3,7	3,4	4,3	3,5	1,7	3,1
Lojistas e caixas	26,3	1,5	23,6	1,6	35,1	1,3
Sub-Total	77,3	-	76,9	-	78,6	-

Por fim, os trabalhadores em outras ocupações também revelam uma relativamente elevada presença de negros (25%) e embora apresentem uma estrutura ocupacional bastante desconcentrada, destacam-se os alfaiates e costureiras, os operários de indústria de transformação, os garçons e cozinheiros, as empregadas domésticas e os porteiros, ascensoristas, vigias e serventes, como se apresenta em seguida:

DISCRIMINAÇÃO	sem discriminar a cor		"todos brancos"		"com negro"	
	%	Rend. Médio	%	Rend. Médio	%	Rend. Médio
Mecânico sem especificação	3,5	3,7	4,0	3,7	2,5	3,5
Alfaiates e costureiras	7,6	1,9	8,0	2,0	6,8	1,7
Eletricistas e radiotécnicos	3,1	3,2	3,2	3,5	2,9	2,6
Outras ocupações da indústria de transformação	7,2	2,4	6,6	2,6	8,4	2,0
Vendedores de jornais e ambulantes	4,3	3,6	4,8	4,0	3,2	2,4
Motoristas	6,3	4,3	7,0	4,6	5,0	3,5
Garçons e cozinheiros	8,0	1,2	8,8	1,2	6,4	1,0
Empregadas domésticas	5,8	1,1	3,8	1,1	9,7	1,1
Ocupações dos serviços de higiene pessoal	3,6	2,7	4,2	2,9	2,4	2,0
Porteiros, ascensoristas, vigias	9,2	1,6	9,0	1,7	9,4	1,5
Sub-Total	58,6	-	59,4	-	56,7	-

4. Níveis familiares da quarta faixa de rendimentos médios "per capita"

a. Níveis 2.2.2.3

Este nível reúne famílias em cujos membros ocupados se combinam trabalhadores de classe média e trabalhadores em outras ocupações. Além disso, o chefe pertence à classe média mas nem ele ou qualquer outro membro se inclui entre as ocupações de classe média mais qualificadas.

Envolve um expressivo contingente de 338 mil pessoas, com rendimentos médios per capita de apenas 1,8 salários mínimos, sendo que 211 mil encontram-se no segmento de famílias em que todos os membros ocupados são brancos (2,0 SM), e 127 mil em famílias que pelo menos um membro ocupado é negro (1,4 SM).

Este universo de pessoas subdivide-se em 197 mil membros ocupados e 141 mil não ocupados, também aqui revelando-se a relação "característica" de 0,7 membro não ocupado por ocupado, que no segmento "com negro" eleva-se a 0,8. O tamanho médio destas famílias aponta para o formato casal e 2 ou 3 filhos.

Os rendimentos médios dos membros ocupados atingem a 3,1 salários mínimos, que elevam-se a 3,4 salários mínimos entre os 125 mil que se encontram no segmento "todos brancos", e caem para 2,5 salários mínimos no caso dos 72 mil do segmento "com negro".

Estes membros ocupados subdividem-se em 100 mil trabalhadores de classe média, com rendimentos médios de 4,1 salários mínimos, e 97 mil trabalhadores em outras ocupações (1,9 SM). Desta forma, esta combinação familiar revela-se "desfavorável" aos primeiros, em termos da composição da renda média familiar.

No que se refere aos trabalhadores de classe média chama atenção o fato de apresentarem a mais elevada presença de negros (27%) entre todos os níveis aqui pesquisados, o menor nível de escolaridade média (6,6 anos de estudo) e uma relativamente reduzida participação feminina (23%). Encontram-se concentrados nos grupos ocupacionais formados pelos auxiliares de escritório, balconistas e caixas, e mestres e contramestres, tal como se observa a seguir:

DISCRIMINAÇÃO	sem discriminar a cor		"todos brancos"		"com negro"	
	%	Rend. Médio	%	Rend. Médio	%	Rend. Médio
Auxiliares de escritório	29,6	3,2	30,8	3,4	27,4	2,8
Ocupações burocráticas de natureza específica	6,3	4,1	6,0	4,6	7,0	3,2
Auxiliares da área de saúde	4,6	3,2	4,0	3,5	5,9	2,9
Técnicos em contabilidade	3,8	5,5	4,4	6,0	2,8	4,0
Ocupações técnicas e cien- tíficas - nível médio	5,0	5,3	5,0	5,9	4,9	4,2
Mestres e contramestres	10,0	6,5	9,6	7,3	10,8	5,0
Lojistas e caixas	21,8	2,9	21,0	3,2	23,4	2,3
Ocupações da defesa nacional e segurança pública	5,6	5,6	5,8	5,9	5,2	5,0
Analistas e inspetores	5,3	4,8	5,1	5,4	5,8	3,9
Sub-Total	92,0	-	91,7	-	93,2	-

Por sua vez, os trabalhadores em outras ocupações revelam a mais alta participação feminina (56%) e de negros (30%). Como vem ocorrendo no caso destes trabalhadores a estrutura ocupacional é bastante desconcentrada, destacando-se os porteiros, ascensoristas, vigias e serventes, os alfaiates e costureiras, as empregadas domésticas e os operários não qualificados da indústria de transformação, como é apresentado em seguida:

DISCRIMINAÇÃO	sem discriminar a cor		"todos brancos"		"com negro"	
	%	Rend. Médio	%	Rend. Médio	%	Rend. Médio
Mecânico sem especificação	3,3	2,5	3,7	2,7	2,7	2,2
Ocupações da indúst. têxtil	2,9	2,0	2,8	2,0	2,9	1,8
Alfaiates e costureiras	10,8	1,7	10,9	1,7	10,7	1,5
Eletricistas e radiotécnicos	3,0	2,4	3,2	2,5	2,6	2,1
Expedidores e embaladores	2,7	1,4	2,2	1,4	3,4	1,3
Outras ocupações da indús- tria de transformação	7,5	2,0	7,2	2,2	8,0	1,8
Vendedores de jornais e ambulantes	2,8	2,2	2,9	2,4	2,6	1,8
Motoristas	2,2	3,4	2,5	3,6	1,7	3,0
Garçons e cozinheiros	4,1	1,7	3,9	1,7	4,5	1,6
Empregadas domésticas	10,3	1,1	7,4	1,1	15,0	1,1
Ocupações dos serviços de higiene pessoal	4,2	2,1	4,6	2,3	3,6	1,7
Porteiros, ascensoristas, vigias	13,2	1,4	13,8	1,4	12,4	1,4
Braçais sem especialização	2,2	1,3	2,3	1,3	2,2	1,4
Sub-Total	69,2	-	67,4	-	72,3	-

b. Nível 2.2.1.2

Em termos formais, a única diferença em relação ao nível anteriormente examinado reside no fato de que neste aqui o chefe da família não pertence à classe média. Assim, também reúne trabalhadores de classe média e trabalhadores em outras ocupações, e nenhum membro se insere entre as ocupações de classe média mais qualificadas.

Entretanto, como se verá mais à frente sua composição é distinta, com os trabalhadores de classe média apresentando rendimentos médios inferiores aos daquele nível, e os trabalhadores em outras ocupações rendimentos superiores.

É o nível mais precário e mais populoso entre os examinados, englobando 1,4 milhão de pessoas com rendimentos médios per capita de

tão somente 1,7 salários mínimos, que subdividem-se em 927 mil que se encontram no segmento de famílias em que todos os membros ocupados são brancos (1,8 SM), e 427 mil nas famílias em que pelo menos um é negro (1,3 SM).

Os membros ocupados totalizam 815 mil pessoas e os não ocupados 583 mil, mais uma vez apurando-se a relação "característica" de 0,7 membro não ocupado por ocupado, que também se eleva a 0,8 no segmento "com negro".

O tamanho médio destas famílias aponta para o formato casal e 3 filhos no segmento "todos brancos", e casal e 4 filhos no segmento "com negro". No âmbito dos não ocupados, chama atenção o expressivo contingente de 134 mil adolescentes na faixa de 11 a 15 anos, que somam-se às 177 mil crianças de 0 a 10 anos, conformando uma situação bastante precária diante da problemática da reprodução social da classe média. E o quadro é ainda mais sério considerando-se que 72 mil crianças e 50 mil adolescentes encontram-se no segmento "com negro".

Os membros ocupados auferem rendimentos médios de 2,8 salários mínimos, que elevam-se a 3,0 salários mínimos entre os 546 mil que se encontram no segmento "todos brancos", e caem para 2,3 salários mínimos no caso dos 270 mil do segmento "com negro" - sendo que estes últimos representam praticamente metade do total de membros ocupados de seu segmento.

Eles se dividem em 359 mil trabalhadores de classe média, com rendimentos médios de 2,4 salários mínimos e 457 mil trabalhadores em outras ocupações (3,0 SM). Desta forma, estes últimos são os que mais contribuem para a composição da renda média familiar.

Sintomaticamente, 59% destes trabalhadores de classe média são mulheres. Por outro lado estão fortemente concentrados nos grupos

ocupacionais formados pelos auxiliares de escritório e pelos balconistas e caixas, tal como se observa em seguida:

DISCRIMINAÇÃO	sem discriminar a cor		"todos brancos"		"com negro"	
	%	Rend. Médio	%	Rend. Médio	%	Rend. Médio
Auxiliares de escritório	48,6	2,3	50,8	2,4	43,4	2,1
Ocupações burocráticas de natureza específica	4,0	2,6	3,8	2,8	4,4	2,3
Auxiliares da área de saúde	4,7	2,3	3,6	2,4	7,2	2,2
Professores primários e inspetores de ensino	3,3	3,5	3,8	3,6	2,0	2,9
Técnicos em contabilidade	3,6	3,1	3,9	3,2	2,5	2,8
Lojistas e caixas	23,5	1,8	21,6	1,9	28,0	1,5
Analistas e inspetores	2,9	2,8	2,6	3,0	3,4	2,4
Sub-Total	90,6	-	90,1	-	91,3	-

Finalmente, os trabalhadores em outras ocupações apresentam uma participação de mulheres relativamente baixa (26%) e uma mais expressiva presença de negros (28%). Na estrutura ocupacional caracteristicamente desconcentrada destacam-se os porteiros, ascensoristas, vigias e serventes, os motoristas, os operários não qualificados da indústria de transformação, os alfaiates e costureiras, as empregadas domésticas e os mecânicos, como se apresenta a seguir:

DISCRIMINAÇÃO	sem discriminar a cor		"todos brancos"		"com negro"	
	%	Rend. Médio	%	Rend. Médio	%	Rend. Médio
Mecânico sem especificação	5,1	4,3	5,7	4,6	3,9	3,3
Ocupações da indústria me- tal-mecânica	3,9	3,7	3,8	3,9	4,0	3,3
Alfaiates e costureiras	5,7	2,0	5,6	2,2	5,8	1,7
Eletricistas e radiotécnicos	3,5	3,8	3,7	4,1	3,2	3,1
Outras ocupações da indús- tria de transformação	7,8	2,9	7,7	3,2	8,1	2,4
Pedreiros	3,9	3,5	3,4	3,8	4,9	3,1
Vendedores de jornais e ambulantes	3,5	3,3	4,0	3,6	2,5	2,5
Motoristas	8,8	4,4	10,0	4,6	6,4	3,7
Ocupações reparação de veículos	3,1	3,7	3,3	4,0	2,6	3,0
Garçons e cozinheiros	3,0	2,2	2,9	2,3	3,2	2,0
Empregadas domésticas	5,3	1,2	3,8	1,2	7,8	1,2
Porteiros, ascensoristas, vigias	11,4	2,0	11,2	2,1	11,8	1,8
Sub-Total	65,0	-	65,1	-	64,2	-

5. Resumo: os caminhos da ascensão social

Ainda que os dados examinados refiram-se ao ano de 1980, é importante ter sempre presente que eles expressam os resultados do processo de desenvolvimento que, grosso modo, abrange o período 1930-1980. Ou seja, traduzem as transformações na estrutura social provocadas pela maneira como o capitalismo se implantou e desenvolveu entre nós, e que adquirem sua forma "acabada" durante a fase do "milagre brasileiro".

Este processo de desenvolvimento capitalista implicou, entre outros aspectos, em profunda reestruturação empresarial e do estado, tanto pela implantação de novas estruturas já em bases modernas como pela atualização das já existentes. No âmbito do emprego de classe média,

ele resultou na rápida e profunda expansão de uma nova burocracia privada

e pública, junto com o crescimento das ocupações técnicas qualificadas, criando inúmeras oportunidades na área administrativa, comercial, produtiva, financeira e de serviços, etc. No âmbito empresarial, abriu espaços extraordinários a todo o tipo de empreendimentos, em todas as atividades setoriais e para qualquer porte de capital.

E o exame das estruturas familiares revelou justamente que, para a classe média urbana, as melhores oportunidades de ascensão social surgiram em torno da pequena e média propriedade empregadora de mão-de-obra assalariada, ou do acesso às profissões de nível superior e ocupações bem situadas hierarquicamente.

É certo que estas vias de ascensão social foram trilhadas por parcela minoritária, ainda que altamente expressiva, do enorme contingente de trabalhadores de classe média, que em sua enorme maioria defrontam-se com a realidade da baixa remuneração. Entretanto, a realidade indica que os mecanismos da mobilidade foram dinâmicos e vigorosos o suficiente para "soldar por cima" a heterogênea estrutura social da classe média. Daí o individualismo e o conservadorismo latentes em seu meio.

Ainda que a título meramente especulativo, este quadro leva a algumas considerações gerais. Em primeiro lugar, parece ser extremamente problemática a sintonia de interesses entre a significativa parcela melhor situada da classe média urbana e a classe operária e outros segmentos populares. Nas fases de prosperidade e dinamismo prevalece o individualismo e a luta obstinada pelo aproveitamento das melhores oportunidades. Na crise, é o salve-se quem puder, com os mais favorecidos usando de forma egoísta sua maior capacidade de defender-se.

Mesmo entre os amplos setores precários da classe média, que estão unidos por laço familiares aos operários e demais ocupações mal remuneradas, os elementos de solidariedade parecem ser muito tênues.

Diante desta situação, tudo indica que as possibilidades de diálogo entre estes setores sociais repousam em torno das temáticas da ascensão social e da melhoria das condições de vida urbana, bem como dos desafios à plena cidadania.

E isto, tomando-se como eixo a discussão a respeito de um padrão alternativo de desenvolvimento econômico e social que sustentasse tais processos, articulando interesses díspares e ultrapassando-se a ótica meramente operária ou trabalhista.

ANEXO ESTATÍSTICO AO CAPÍTULO V

Tabela no. 39

ESTRUTURA DOS RENDIMENTOS MEDIOS FAMILIARES PER CAPITA, SEM DISCRIMINAR A COR
GRANDE SAO PAULO - 1980

NIVEIS FAMILIARES POR FAIXAS DE RENDIM. MEDIOS PER CAPITA	Rendimentos medios per capita (SM)	Numero de pessoas	%
1a. FAIXA (5 a 7 SM)	5.3	1.395.082	26.8
1.1.1	6.5	159.845	
2.1.1	5.2	855.077	
2.1.2	5.0	380.140	
2a. FAIXA (3 a 5 SM)	3.5	380.117	7.3
1.1.2	3.9	100.951	
1.2.1	3.5	102.608	
2.2.2.1	3.3	176.558	
3a. FAIXA (2 a 3 SM)	2.4	1.691.250	32,5
2.2.2.2	2.8	15.233	
2.2.1.1	2.6	199.900	
2.1.3	2.4	1.343.822	
1.2.2	2.1	132.295	
4a. FAIXA (1 a 2 SM)	1.7	1.736.104	33,4
2.2.2.3	1.8	338.011	
2.2.1.2	1.7	1.398.093	
TOTAL(1)	3,0	5.202.553	100,0

(1) Exceto agregados e hospedes

FONTE: IBGE, Tabulacao Especial do Censo Demografico.

In: QUADROS, Waldir J. de - Estudo da Estrutura das "Ocupacoes Tipicas de Classe Media" Urbana, em 1980, a partir de sua agregacao em "Familias Tipicas de Classe Media" Urbana. Op. cit., p. 108.

Tabela no. 40

ESTRUTURA DOS RENDIMENTOS MEDIOS FAMILIARES PER CAPITA, DAS FAMILIAS EM QUE
TODOS OS MEMBROS OCUPADOS SAO BRANCOS
GRANDE SAO PAULO - 1980

NIVEIS FAMILIARES POR FAIXAS DE RENDIM. MEDIOS PER CAPITA	Rendimentos medios		X
	per capita (SM)	Numero de pessoas	
1a. FAIXA (5 a 7 SM)	5.5	1.298.641	31,6
1.1.1.1	6.7	152.023	
2.1.1.1	5.4	797.034	
2.1.2.1	5.2	349.584	
2a. FAIXA (3 a 5 SM)	3.9	317.915	7,7
1.1.2.1	4.3	82.125	
1.2.1.1	3.7	91.666	
2.2.2.1.1	3.7	133.018	
2.2.2.2.1	3.1	11.106	
3a. FAIXA (2 a 3 SM)	2.5	1.572.875	38,2
2.2.1.1.1	2.9	149.005	
2.1.3.1	2.6	1.122.202	
1.2.2.1	2.4	90.635	
2.2.2.3.1	2,0	211.033	
4a. FAIXA (1 a 2 SM)	1.8	926.529	22,5
2.2.1.2.1	1.8	926.529	
TOTAL(1)	3,4	4.115.960	100,0

(1) Exceto agregados e hospedes

FONTE: IBGE, Tabulacao Especial do Censo Demografico.

In: QUADROS, Waldir J. de - Estudo da Estrutura das "Ocupacoes Tipicas de Classe Media" Urbana, em 1980, a partir de sua agregacao em "Familias Tipicas de Classe Media" Urbana. Op. cit., p. 109.

Tabela no. 41
 ESTRUTURA DOS RENDIMENTOS MEDIOS FAMILIARES PER CAPITA, DAS FAMILIAS EM QUE
 PELO MENOS UM MEMBRO OCUPADO E NEGRO
 GRANDE SAO PAULO - 1980

NIVEIS FAMILIARES POR FAIXAS DE RENDIM. MEDIOS PER CAPITA	Rendimentos medios per capita (SM)	Numero de pessoas	%
1a. FAIXA (5 a 7 SM)	---	---	---
2a. FAIXA (3 a 5 SM)	3.2	38.378	3.5
1.1.1.2	3.9	7.822	
2.1.2.2	3.1	30.556	
3a. FAIXA (2 a 3 SM)	2.2	91.958	8.5
1.2.1.2	2.5	10.942	
2.1.1.2	2.2	58.063	
1.1.2.2	2.1	18.826	
2.2.2.2.2	2.1	4.127	
4a. FAIXA (1 a 2 SM)	1.5	956.257	88,0
2.2.1.1.2	1.8	50.895	
2.2.2.1.2	1.8	43.540	
2.1.3.2	1.6	221.620	
1.2.2.2	1.5	41.660	
2.2.2.3.2	1.4	126.978	
2.2.1.2.2	1.3	471.564	
TOTAL(1)	1.6	1.086.593	100,0

(1) Exceto agregados e hospedes

FONTE: IBGE, Tabulacao Especial do Censo Demografico.

In: QUADROS, Waldir J. de - Estudo da Estrutura das "Ocupacoes Tipicas de Classe Media" Urbana, em 1980, a partir de sua agregacao em "Familias Tipicas de Classe Media" Urbana. Op. cit., p. 110.

Tabela no. 42
 NUMERO TOTAL DE MEMBROS DOS NIVEIS FAMILIARES, SEM DISCRIMINAR A COR
 GRANDE SAO PAULO - 1980

NIVEIS FAMILIARES	No. de mem- bros ocupados	No. de membros nao ocupados	No. total de membros
FAMILIAS COM PROPRIETARIOS	286.376	209.323	495.699
1.1.1	93.006	66.839	159.845
1.1.2	59.741	41.210	100.951
1.2.1	58.092	44.516	102.608
1.2.2	75.537	56.758	132.295
FAMILIAS SEM PROPRIETARIOS, TODOS CLASSE MEDIA	1.028.462	1.550.597	2.579.059
2.1.1	277.520	577.577	855.097
2.1.2	226.449	153.691	380.140
2.1.3	524.493	819.329	1.343.822
FAMILIAS SEM PROPRIETARIOS, NEM TODOS CLASSE MEDIA	1.250.931	876.864	2.127.795
2.2.1.1	126.042	73.858	199.900
2.2.1.2	815.308	582.785	1.398.093
2.2.2.1	101.862	74.696	176.558
2.2.2.2	10.502	4.731	15.233
2.2.2.3	197.217	140.794	338.011
TOTAL (1)	2.565.769	2.636.784	5.202.553

(1) Exceto agregados e hospedes.

FONTE: IBGE, Tabulacao Especial do Censo Demografico.

In: QUADROS, Waldir J. de - Estudo da Estrutura das "Ocupacoes Tipicas de Classe Media" Urbana, em 1980, a partir de sua agregacao em "Familias Tipicas de Classe Media" Urbana. Op. cit., p. 101.

Tabela no. 43
 NÚMERO TOTAL DE MEMBROS DOS NÍVEIS FAMILIARES, DAS FAMÍLIAS EM QUE
 TODOS OS MEMBROS OCUPADOS SÃO BRANCOS
 GRANDE SÃO PAULO - 1980

NÍVEIS FAMILIARES	No. de mem- bros ocupados	No. de membros não ocupados	No. total de membros
FAMÍLIAS COM PROPRIETÁRIOS	242.793	173.656	416.449
1.1.1.1	88.445	63.578	152.023
1.1.2.1	49.282	32.843	82.125
1.2.1.1	52.184	39.482	91.666
1.2.2.1	52.882	37.753	90.635
FAMÍLIAS SEM PROPRIETÁRIOS, TODOS CLASSE MÉDIA	912.047	1.356.773	2.268.820
2.1.1.1	260.127	536.907	797.034
2.1.2.1	208.707	140.877	349.584
2.1.3.1	443.213	678.989	1.122.202
FAMÍLIAS SEM PROPRIETÁRIOS, NEM TODOS CLASSE MÉDIA	851.149	579.542	1.430.691
2.2.1.1.1	94.910	54.095	149.005
2.2.1.2.1	545.624	380.905	926.529
2.2.2.1.1	77.636	55.382	133.018
2.2.2.2.1	7.841	3.265	11.106
2.2.2.3.1	125.138	85.895	211.033
TOTAL(1)	2.005.989	2.109.971	4.115.960

(1) Exceto agregados e hóspedes.

FONTE: IBGE, Tabulação Especial do Censo Demográfico.

In: QUADROS, Waldir J. de - Estudo da Estrutura das "Ocupações Típicas de Classe Média" Urbana, em 1980, a partir de sua agregação em "Famílias Típicas de Classe Média" Urbana. Op. cit., p. 102.

Tabela no. 44

NUMERO TOTAL DE MEMBROS DOS NIVEIS FAMILIARES, DAS FAMILIAS EM QUE
PELO MENOS UM MEMBRO OCUPADO E NEGRO
GRANDE SAO PAULO - 1980

NIVEIS FAMILIARES	No. de mem- bros ocupados	No. de membros nao ocupados	No. total de membros
FAMILIAS COM PROPRIETARIOS	43.583	35.667	79.250
1.1.1.2	4.561	3.261	7.822
1.1.2.2	10.459	8.367	18.826
1.2.1.2	5.908	5.034	10.942
1.2.2.2	22.655	19.005	41.660
FAMILIAS SEM PROPRIETARIOS, TODOS CLASSE MEDIA	116.415	193.824	310.239
2.1.1.2	17.393	40.670	58.063
2.1.2.2	17.742	12.814	30.556
2.1.3.2	81.280	140.340	221.620
FAMILIAS SEM PROPRIETARIOS, NEM TODOS CLASSE MEDIA	399.782	297.322	697.104
2.2.1.1.2	31.132	19.763	50.895
2.2.1.2.2	269.684	201.880	471.564
2.2.2.1.2	24.226	19.314	43.540
2.2.2.2.2	2.661	1.466	4.127
2.2.2.3.2	72.079	54.899	126.978
TOTAL (1)	559.780	526.813	1.086.593

(1) Exceto agregados e hospedes.

FONTE: IBGE, Tabulacao Especial do Censo Demografico.

In: QUADROS, Waldir J. de - Estudo da Estrutura das "Ocupacoes Tipicas de Classe Media" Urbana, em 1980, a partir de sua agregacao em "Familias Tipicas de Classe Media" Urbana. Op. cit., p. 103.

Tabela no. 45
 ESTRUTURA DOS RENDIMENTOS FAMILIARES, SEM DISCRIMINAR A COR
 GRANDE SAO PAULO - 1980

NIVEIS FAMILIARES	Rendimentos medios membros ocupados (No. SM)	No. de membros nao ocupados dividido No. de membros ocupados	Rendimentos medios per capita(1) (no. SM)
FAMILIAS COM PROPRIETARIOS	7.3	0.7	4.2
1.1.1	11.2	0.7	6.5
1.1.2	6.6	0.7	3.9
1.2.1	6.2	0.8	3.5
1.2.2	3.7	0.7	2.1
FAMILIAS SEM PROPRIETARIOS, TODOS CLASSE MEDIA	8.7	1.5	3.7
2.1.1	15.2	2.1	5.2
2.1.2	8.2	0.7	5.0
2.1.3	5.5	1.6	2.4
FAMILIAS SEM PROPRIETARIOS, NEM TODOS CLASSE MEDIA	3.2	0.7	1.9
2.2.1.1	4.0	0.6	2.6
2.2.1.2	2.8	0.7	1.7
2.2.2.1	5.6	0.7	3.3
2.2.2.2	4.1	0.4	2.8
2.2.2.3	3.1	0.7	1.8
TOTAL(2)	5.9	1.0	3.0

(1) Renda familiar total (ocupados e nao ocupados) dividido pelo no. de familias

(2) Exceto agregados e hospedes

FONTE: Tabulacao Especial do Censo Demografico.

In: QUADROS, Waldir J. de - Estudo da Estrutura das "Ocupacoes Tipicas de Classe Media" Urbana, em 1980, a partir de sua agregacao em "Familias Tipicas de Classe Media" Urbana. Op. cit., p. 105.

Tabela no. 46

ESTRUTURA DOS RENDIMENTOS FAMILIARES, DAS FAMILIAS EM QUE TODOS OS MEMBROS OCUPADOS SAO BRANCOS
GRANDE SAO PAULO - 1980

NIVEIS FAMILIARES	Rendimentos medios membros ocupados (No. SM)	No. de membros nao ocupados dividido No. de membros ocupados	Rendimentos medios per capita(1) (no. SM)
FAMILIAS COM PROPRIETARIOS	7.9	0.7	4.6
1.1.1.1	11.4	0.7	6.7
1.1.2.1	7.3	0.7	4.3
1.2.1.1	6.4	0.8	3.7
1.2.2.1	4.1	0.7	2.4
FAMILIAS SEM PROPRIETARIOS, TODOS CLASSE MEDIA	9.3	1.5	4.0
2.1.1.1	15.8	2.1	5.4
2.1.2.1	8.4	0.7	5.2
2.1.3.1	5.8	1.5	2.6
FAMILIAS SEM PROPRIETARIOS, NEM TODOS CLASSE MEDIA	3.5	0.7	2.2
2.2.1.1.1	4.4	0.6	2.9
2.2.1.2.1	3.0	0.7	1.8
2.2.2.1.1	6.4	0.7	3.7
2.2.2.2.1	4.4	0.4	3.1
2.2.2.3.1	3.4	0.7	2.0
TOTAL(2)	6.7	1.1	3.4

(1) Renda familiar total (ocupados e nao ocupados) dividido pelo no. de familias

(2) Exceto agregados e hospedes

FONTE: IBGE, Tabulacao Especial do Censo Demografico.

In: QUADROS, Waldir J. de - Estudo da Estrutura das "Ocupacoes Tipicas de Classe Media" Urbana, em 1980, a partir de sua agregacao em "Familias Tipicas de Classe Media" Urbana. Op. cit., p. 106.

Tabela no. 47

ESTRUTURA DOS RENDIMENTOS FAMILIARES, DAS FAMILIAS EM QUE PELO MENOS UM MEMBRO OCUPADO E NEGRO
GRANDE SAO PAULO - 1980

NIVEIS FAMILIARES	Rendimentos medios membros ocupados (No. SM)	No. de membros nao ocupados dividido No. de membros ocupados	Rendimentos medios per capita(1) (no. SM)
FAMILIAS COM PROPRIETARIOS	3.7	0.8	2.0
1.1.1.2	6.8	0.7	3.9
1.1.2.2	3.8	0.8	2.1
1.2.1.2	4.5	0.9	2.5
1.2.2.2	2.8	0.8	1.5
FAMILIAS SEM PROPRIETARIOS, TODOS CLASSE MEDIA	4.6	1.7	1.8
2.1.1.2	7.1	2.3	2.2
2.1.2.2	5.2	0.7	3.1
2.1.3.2	3.9	1.7	1.6
FAMILIAS SEM PROPRIETARIOS, NEM TODOS CLASSE MEDIA	2.4	0.7	1.4
2.2.1.1.2	2.9	0.6	1.8
2.2.1.2.2	2.3	0.8	1.3
2.2.2.1.2	3.2	0.8	1.8
2.2.2.2.2	3.2	0.6	2.1
2.2.2.3.2	2.5	0.8	1.4
TOTAL(2)	3.0	0.9	1.6

(1) Renda familiar total (ocupados e nao ocupados) dividido pelo no. de familias

(2) Exceto agregados e hospedes

FONTE: IBGE, Tabulacao Especial do Censo Demografico.

In: QUADROS, Waldir J. de - Estudo da Estrutura das "Ocupacoes Tipicas de Classe Media" Urbana, em 1980, a partir de sua agregacao em "Familias Tipicas de Classe Media" Urbana. Op. cit., p. 107.

Tabela no. 48
TAMANHO MEDIO DAS FAMILIAS(1)

NIVEIS FAMILIARES	(No. de pessoas)		
	Sem discrimi- nar a cor	Todos membros ocupados sao brancos	Pelo menos um e branco
FAMILIAS COM PROPRIETARIOS	4.6	4.5	5.3
1.1.1	4.2	4.1	4.3
1.1.2	5.0	4.9	5.6
1.2.1	4.3	4.3	4.5
1.2.2	5.2	5.0	5.6
FAMILIAS SEM PROPRIETARIOS, TODOS CLASSE MEDIA	3.5	3.4	3.6
2.1.1	3.5	3.4	3.6
2.1.2	3.8	3.8	4.0
2.1.3	3.4	3.3	3.5
FAMILIAS SEM PROPRIETARIOS, NEM TODOS CLASSE MEDIA	5.0	4.8	5.4
2.2.1.1	5.0	4.9	5.6
2.2.1.2	5.1	4.9	5.6
2.2.2.1	4.6	4.5	5.1
2.2.2.2	5.7	5.5	6.4
2.2.2.3	4.5	4.4	4.7

(1) No. total de membros dividido pelo No. de familias

FONTE: IBGE, Tabulacao Especial do Censo Demografico.

In: QUADROS, Waldir J. de - Estudo da Estrutura das "Ocupacoes Tipicas de Classe Media" Urbana, em 1980, a partir de sua agregacao em "Familias Tipicas de Classe Media" Urbana. Op. cit., p. 104.

Tabela no. 50
 PARTICIPACAO DA INFANCIA, ADOLESCENCIA E JUVENTUDE ENTRE OS NAO OCUPADOS,
 NAS FAMILIAS EM QUE TODOS OS MEMBROS OCUPADOS SAO BRANCOS
 GRANDE SAO PAULO - 1980

NIVEIS FAMILIARES POR FAIXAS DE RENDIM. MEDIOS PER CAPITA	Membros nao ocupados por faixas etarias			% nao ocupa- dos 0-20 anos no total
	0-10 anos	11-15 anos	16-20 anos	
1a. FAIXA (5 a 7 SM)	297.523	89.890	60.969	60.5
1.1.1.1	19.163	10.652	9.403	61.7
2.1.1.1	224.543	58.556	35.971	59.4
2.1.2.1	53.817	20.682	15.595	64.0
2a. FAIXA (3 a 5 SM)	40.077	25.741	17.063	63.3
1.1.2.1	9.076	6.673	4.572	61.9
1.2.1.1	11.104	7.305	5.525	60.6
2.2.2.1.1	19.150	11.065	6.580	66.4
2.2.2.2.1	747	698	386	56.1
3a. FAIXA (2 a 3 SM)	322.661	109.289	62.987	57.8
2.2.1.1.1	11.513	9.229	5.308	48.2
2.1.3.1	263.645	72.205	45.299	56.1
1.2.2.1	12.273	8.782	4.357	67.3
2.2.2.3.1	35.230	19.073	8.023	72.6
4a. FAIXA (1 a 2 SM)	105.159	84.210	32.439	55.6
2.2.1.2.1	105.159	84.210	32.439	55.6
TOTAL(1)	765.420	309.130	173.458	59.2

(1) Exceto agregados e hospedes

FONTE: IBGE, Tabulacao Especial do Censo Demografico.

In: QUADROS, Waldir J. de - Estudo da Estrutura das "Ocupacoes Tipicas de Classe Media" Urbana, em 1980, a partir de sua agregacao em "Familias Tipicas de Classe Media" Urbana. Op. cit., p. 112.

Tabela no. 51
 PARTICIPACAO DA INFANCIA, ADOLESCENCIA E JUVENTUDE ENTRE OS NAO OCUPADOS,
 NAS FAMILIAS EM QUE PELO MENOS UM MEMBRO OCUPADO E NEGRO
 GRANDE SAO PAULO - 1980

NIVEIS FAMILIARES POR FAIXAS DE RENDIM. MEDIOS PER CAPITA	Membros nao ocupados por faixas etarias			% nao ocupa- dos 0-20 anos no total
	0-10 anos	11-15 anos	16-20 anos	
1a. FAIXA (5 a 7 SM)	---	---	---	---
2a. FAIXA (3 a 5 SM)	6.612	2.630	1.591	67.4
1.1.1.2	1.206	618	427	69,0
2.1.2.2	5.406	2.012	1.164	67,0
3a. FAIXA (2 a 3 SM)	27.005	7.416	3.188	67.7
1.2.1.2	2.143	1.102	541	75.2
2.1.1.2	20.974	3.802	1.797	65.3
1.1.2.2	3.471	2.038	728	74.5
2.2.2.2.2	417	474	122	69.1
4a. FAIXA (1 a 2 SM)	191.707	90.374	34.843	69.6
2.2.1.1.2	6.355	4.568	1.816	64.5
2.2.2.1.2	8.820	4.399	1.678	77.1
2.1.3.2	67.905	14.704	8.667	65,0
1.2.2.2	8.603	4.739	1.457	77.9
2.2.2.3.2	28.006	11.990	4.104	80.3
2.2.1.2.2	72.018	49.974	17.121	68.9
TOTAL(1)	225.324	100.420	39.622	69.4

(1) Exceto agregados e hospedes

FONTE: IBGE, Tabulacao Especial do Censo Demografico.

In: QUADROS, Waldir J. de - Estudo da Estrutura das "Ocupacoes Tipicas de Classe Media" Urbana, em 1980, a partir de sua agregacao em "Familias Tipicas de Classe Media" Urbana. Op. cit., p. 113.

Tabela no. 52

 AGREGACAO SEGUNDO A COMPOSICAO DOS NIVEIS FAMILIARES, SEM SEM DISCRIMINAR A COR
 GRANDE SAO PAULO - 1980

NIVEIS FAMILIARES	Rendim. Medios (SM)	No. de membros ocupados	%
FAMILIAS COM PROPRIETARIOS		286.376	11.2
1.1.1	11.2	93.006	3.6
1.1.2	6.6	59.741	2.3
1.2.1	6.2	58.092	2.3
1.2.2	3.7	75.537	2.9
FAMILIAS SEM PROPRIETARIOS, TODOS CLASSE MEDIA		1.028.462	40.1
2.1.1	15.2	277.520	10.8
2.1.2	8.2	226.449	8.8
2.1.3	5.5	524.493	20.5
FAMILIAS SEM PROPRIETARIOS, NEM TODOS CLASSE MEDIA		1.250.931	48.7
2.2.1.1	4,0	126.042	4.9
2.2.1.2	2.8	815.308	31.8
2.2.2.1	5.6	101.862	4,0
2.2.2.2	4.1	10.502	0.4
2.2.2.3	3.1	197.217	7.7
TOTAL(1)		2.565.769	100,0

(1) Exceto agregados e hospedes.

FONTE: IBGE, Tabulacao Especial do Censo Demografico.

In: QUADROS, Waldir J. de - Estudo da Estrutura das "Ocupacoes Tipicas de Classe Media" Urbana, em 1980, a partir de sua agregacao em "Familias Tipicas de Classe Media" Urbana. Op. cit., p. 81.

Tabela no. 53

AGREGACAO SEGUNDO A COMPOSICAO DOS NIVEIS FAMILIARES, DAS DAS FAMILIAS EM QUE TODOS OS MEMBROS OCUPADOS SAO BRANCOS
GRANDE SAO PAULO - 1980

NIVEIS FAMILIARES	Rendim. Medios (SM)	No. de membros ocupados	%
FAMILIAS COM PROPRIETARIOS		242.793	12.1
1.1.1.1	11.4	88.445	4.4
1.1.2.1	7.3	49.282	2.5
1.2.1.1	6.4	52.184	2.6
1.2.2.1	4.1	52.882	2.6
FAMILIAS SEM PROPRIETARIOS, TODOS CLASSE MEDIA		912.047	45.5
2.1.1.1	15.8	260.127	13,0
2.1.2.1	8.4	208.707	10.4
2.1.3.1	5.8	443.213	22.1
FAMILIAS SEM PROPRIETARIOS, NEM TODOS CLASSE MEDIA		851.149	42.4
2.2.1.1.1	4.4	94.910	4.7
2.2.1.2.1	3,0	545.624	27.2
2.2.2.1.1	6.4	77.636	3.9
2.2.2.2.1	4.4	7.841	0.4
2.2.2.3.1	3.4	125.138	6.2
TOTAL(1)		2.005.989	100,0

(1) Exceto agregados e hospedes.

FONTE: IBGE, Tabulacao Especial do Censo Demografico.

In: QUADROS, Waldir J. de - Estudo da Estrutura das "Ocupacoes Tipicas de Classe Media" Urbana, em 1980, a partir de sua agregacao em "Familias Tipicas de Classe Media" Urbana. Op. cit., p. 82.

Tabela no. 54
 AGREGACAO SEGUNDO A COMPOSICAO DOS NIVEIS FAMILIARES, DAS FAMILIAS
 EM QUE PELO MENOS UM MEMBRO OCUPADO E NEGRO
 GRANDE SAO PAULO - 1980

NIVEIS FAMILIARES	Rendim. Medios (SM)	No. de membros ocupados	%
FAMILIAS COM PROPRIETARIOS		43.583	7.8
1.1.1.2	6.8	4.561	0.8
1.1.2.2	3.8	10.459	1.9
1.2.1.2	4.5	5.908	1.0
1.2.2.2	2.8	22.655	4.0
FAMILIAS SEM PROPRIETARIOS, TODOS CLASSE MEDIA		116.415	20.8
2.1.1.2	7.1	17.393	3.1
2.1.2.2	5.2	17.742	3.2
2.1.3.2	3.9	81.280	14.5
FAMILIAS SEM PROPRIETARIOS, NEM TODOS CLASSE MEDIA		399.782	71.4
2.2.1.1.2	2.9	31.132	5.6
2.2.1.2.2	2.3	269.684	48.2
2.2.2.1.2	3.2	24.226	4.3
2.2.2.2.2	3.2	2.661	0.5
2.2.2.3.2	2.5	72.079	12.9
TOTAL(1)		559.780	100.0

(1) Exceto agregados e hospedes.

FONTE: IBGE, Tabulacao Especial do Censo Demografico.

In: QUADROS, Waldir J. de - Estudo da Estrutura das "Ocupacoes Tipicas de Classe
 Media" Urbana, em 1980, a partir de sua agregacao em "Familias Tipicas de Classe
 Media" Urbana. Op. cit., p. 83.

Tabela no. 55

CARACTERISTICAS BASICAS DAS OCUPACOES TIPICAS DE CLASSE MEDIA, AGREGADAS
 SEGUNDO A COMPOSICAO FAMILIAR, SEM DISCRIMINAR A COR
 GRANDE SAO PAULO - 1980

NIVEIS FAMILIARES	Rendim. Medios (SM)	No. de membros ocupados	% de mu- lheres	% de ne- gros	% de auto- nomos	anos de estudo
FAMILIAS COM PROPRIETARIOS		105.482				
1.1.1	5.9	50.397	56.5	3.3	5,0	10.9
1.1.2	3.9	10.502	51.4	10.2	2.8	9.5
1.2.1	4.3	32.473	54.3	7.2	3.9	9.6
1.2.2	2.8	12.110	51.2	15.4	1.6	8.4
FAMILIAS SEM PROPRIETARIOS, TODOS CLASSE MEDIA		1.028.462				
2.1.1	15.2	277.520	16.4	6,0	11.1	11.6
2.1.2	8.1	226.449	44.7	5.7	5.9	11,0
2.1.3	5.5	524.493	35.7	14.1	3,0	8.6
FAMILIAS SEM PROPRIETARIOS, NEM TODOS CLASSE MEDIA		586.005				
2.2.1.1	4.1	65.337	51.7	16.1	2.7	9.3
2.2.1.2	2.4	358.552	58.9	22.6	0.7	7.9
2.2.2.1	8.2	54.735	21.5	16.6	7.7	8.4
2.2.2.2	4.8	7.103	35,0	16.8	3,0	8.5
2.2.2.3	4.1	100.278	23.1	26.5	2.5	6.6
TOTAL(1)		1.719.949				

(1) Exceto agregados e hospedes.

FONTE: IBGE, Tabulacao Especial do Censo Demografico.

In: QUADROS, Waldir J. de - Estudo da Estrutura das "Ocupacoes Tipicas de classe Media" Urbana, em 1980, a partir de sua agregacao em "Familias Tipicas de Classe Media" Urbana. Op. cit., p. 84.

Tabela no. 56

CARACTERÍSTICAS BÁSICAS DAS OCUPAÇÕES TÍPICAS DE CLASSE MÉDIA, AGREGADAS
COMPOSIÇÃO FAMILIAR, DAS FAMÍLIAS EM QUE TODOS OS MEMBROS OCUPADOS SÃO BRANCOS
GRANDE SÃO PAULO - 1980

NÍVEIS FAMILIARES	Rendim. Médios (SM)	No. de membros ocupados	% de mu- lheres	% de ne- gros	% de auto- nomos	anos de estudo
FAMÍLIAS COM PROPRIETÁRIOS		95.256				
1.1.1.1	6.1	47.891	56.4	-	5.2	11.1
1.1.2.1	4.1	8.903	51.4	-	3.0	9.8
1.2.1.1	4.5	29.128	54.4	-	4.0	9.8
1.2.2.1	3.0	9.334	52.0	-	1.6	8.8
FAMÍLIAS SEM PROPRIETÁRIOS, TODOS CLASSE MÉDIA		912.047				
2.1.1.1	15.7	260.127	16.5	-	11.3	11.9
2.1.2.1	8.4	208.707	44.7	-	6.1	11.2
2.1.3.1	5.8	443.213	36.4	-	3.2	8.8
FAMÍLIAS SEM PROPRIETÁRIOS, NEM TODOS CLASSE MÉDIA		414.720				
2.2.1.1.1	4.4	50.878	51.4	-	2.9	9.7
2.2.1.2.1	2.5	250.069	60.0	-	0.7	8.3
2.2.2.1.1	9.3	42.656	21.8	-	8.3	9.0
2.2.2.2.1	5.1	5.379	35.4	-	3.1	8.9
2.2.2.3.1	4.5	65.738	24.8	-	2.5	7.0
TOTAL(1)		1.422.023				

(1) Exceto agregados e hóspedes.

FONTE: IBGE, Tabulação Especial do Censo Demográfico.

In: QUADROS, Waldir J. de - Estudo da Estrutura das "Ocupações Típicas de Classe Média" Urbana, em 1980, a partir de sua agregação em "Famílias Típicas de Classe Média" Urbana. Op. cit., p. 87.

Tabela no. 57

CARACTERISTICAS BASICAS DAS OCUPACOES TIPICAS DE CLASSE MEDIA, AGREGADAS SEGUNDO A COMPOSICAO FAMILIAR, DAS FAMILIAS EM QUE PELO MENOS UM MEMBRO OCUPADO E NEGRO
GRANDE SAO PAULO - 1980

NIVEIS FAMILIARES	Rendim. Medios (SM)	No. de membros ocupados	% de mu- lheres	% de ne- gros	% de auto- nomos	anos de estudo
FAMILIAS COM PROPRIETARIOS		10.226				
1.1.1.2	3.5	2.506	58.1	65.8	1.9	8.7
1.1.2.2	2.9	1.599	51.8	67.3	1.8	8.2
1.2.1.2	2.9	3.345	53.3	70.3	2.6	7.9
1.2.2.2	2.1	2.776	48.6	67.3	1.7	7.1
FAMILIAS SEM PROPRIETARIOS, TODOS CLASSE MEDIA		116.415				
2.1.1.2	7.1	17.393	14.5	95.5	7.2	7.9
2.1.2.2	5.1	17.742	44.7	72.3	4.4	9.2
2.1.3.2	3.9	81.280	31.6	90.7	2.3	7.1
FAMILIAS SEM PROPRIETARIOS, NEM TODOS CLASSE MEDIA		171.285				
2.2.1.1.2	3.0	14.459	52.5	73.0	2.0	7.8
2.2.1.2.2	2.1	108.483	56.3	74.8	0.6	7.1
2.2.2.1.2	4.5	12.079	20.2	75.2	5.4	6.3
2.2.2.2.2	3.7	1.724	33.7	69.1	2.6	7.4
2.2.2.3.2	3.3	34.540	19.8	77.0	2.4	5.8
TOTAL (1)		297.926				

(1) Exceto agregados e hospedes.

FONTE: IBGE, Tabulacao Especial do Censo Demografico.

In: QUADROS, Waldir J. de - Estudo da Estrutura das "Ocupacoes Tipicas de Classe Media" Urbana, em 1980, a partir de sua agregacao em "Familias Tipicas de Classe Media" Urbana. Op. cit., p. 90.

Tabela no. 58
CARACTERÍSTICAS BÁSICAS DOS PROPRIETÁRIOS, AGREGADOS SEGUNDO A
COMPOSIÇÃO FAMILIAR, SEM DISCRIMINAR A COR
GRANDE SÃO PAULO - 1980

NÍVEIS FAMILIARES	Rendim. Médios (SM)	No. de membros ocupados	% de mu- lheres	% de ne- gros	% de auto- nomos	anos de estudo
FAMÍLIAS COM PROPRIETÁRIOS		117.470				
1.1.1	17.3	42.609	17.8	3.3	-0-	8.8
1.1.2	12.6	22.136	18.1	11.9	-0-	6.4
1.2.1	8.4	25.619	21.9	7.4	-0-	6.1
1.2.2	5.7	27.106	25.1	21.1	-0-	4.5
FAMÍLIAS SEM PROPRIETÁRIOS, TODOS CLASSE MÉDIA		---				
2.1.1						
2.1.2						
2.1.3						
FAMÍLIAS SEM PROPRIETÁRIOS, NEM TODOS CLASSE MÉDIA		---				
2.2.1.1						
2.2.1.2						
2.2.2.1						
2.2.2.2						
2.2.2.3						
TOTAL(1)		117.470				

(1) Exceto agregados e hóspedes.

FONTE: IBGE, Tabulação Especial do Censo Demográfico.

In: QUADROS, Waldir J. de - Estudo da Estrutura das "Ocupações Típicas de Classe Média" Urbana, em 1980, a partir de sua agregação em "Famílias Típicas de Classe Média" Urbana. Op. cit., p. 85.

Tabela No. 59

CARACTERISTICAS BASICAS DOS PROPRIETARIOS, AGREGADOS SEGUNDO A COMPOSICAO FAMILIAR, DAS FAMILIAS EM QUE TODOS OS MEMBROS OCUPADOS SAO BRANCOS
GRANDE SAO PAULO - 1980

NIVEIS FAMILIARES	Rendim. Medios (SM)	No. de membros ocupados	% de mu- lheres	% de ne- gros	% de auto- nomos	anos de estudo
FAMILIAS COM PROPRIETARIOS		101.425				
1.1.1.1	17,6	40.554	17,7	-	-o-	8,9
1.1.2.1	13,8	18.550	18,2	-	-o-	6,8
1.2.1.1	8,6	23.056	21,4	-	-o-	6,3
1.2.2.1	6,3	19.265	24,6	-	-o-	4,9
FAMILIAS SEM PROPRIETARIOS, TODOS CLASSE MEDIA		---				
2.1.1.1						
2.1.2.1						
2.1.3.1						
FAMILIAS SEM PROPRIETARIOS, NEM TODOS CLASSE MEDIA		---				
2.2.1.1.1						
2.2.1.2.1						
2.2.2.1.1						
2.2.2.2.1						
2.2.2.3.1						
TOTAL(1)		101.425				

(1) Exceto agregados e hospedes.

FONTE: IBGE, Tabulacao Especial do Censo Demografico.

In: QUADROS, Waldir J. de - Estudo da Estrutura das "Ocupacoes Típicas de Classe Media" Urbana, em 1980, a partir de sua agregacao em "Familias Típicas de Classe Media" Urbana. Op. cit., p. 30.

Tabela No. 60

CARACTERISTICAS BASICAS DOS PROPRIETARIOS, AGREGADOS SEGUNDO A COMPOSICAO FAMILIAR, DAS FAMILIAS EM QUE PELO MENOS UM MEMBRO OCUPADO E NEGRO
GRANDE SAO PAULO - 1980

NIVEIS FAMILIARES	Rendim. Medios (SM)	No. de membros ocupados	% de mu- lheres	% de ne- gros	% de auto- nomos	anos de estudo
FAMILIAS COM PROPRIETARIOS		16.045				
1.1.1.2	10.6	2.055	21,3	69,0	-o-	6,8
1.1.2.2	6.7	3.586	17,8	73,4	-o-	4,6
1.2.1.2	6.4	2.563	26,0	73,8	-o-	4,6
1.2.2.2	4.3	7.841	26,4	73,0	-o-	3,5
FAMILIAS SEM PROPRIETARIOS, TODOS CLASSE MEDIA		---				
2.1.1.2						
2.1.2.2						
2.1.3.2						
FAMILIAS SEM PROPRIETARIOS, NEM TODOS CLASSE MEDIA		---				
2.2.1.1.2						
2.2.1.2.2						
2.2.2.1.2						
2.2.2.2.2						
2.2.2.3.2						
TOTAL(1)		16.045				

(1) Exceto agregados e hospedes.

FONTE: IBGE, Tabulacao Especial do Censo Demografico.

In: QUADROS, Waldir J. de - Estudo da Estrutura das "Ocupacoes Tipicas de Classe Media" Urbana, em 1980, a partir de sua agregacao em "Familias Tipicas de Classe Media" Urbana. Op. cit., p. 91.

Tabela No. 61
CARACTERISTICAS BASICAS DAS OUTRAS OCUPACOES, AGREGADAS
SEGUNDO A COMPOSICAO FAMILIAR, SEM DISCRIMINAR A COR
GRANDE SAO PAULO - 1980

NIVEIS FAMILIARES	Rendim. Medios (SM)	No. de membros ocupados	% de mu- lheres	% de ne- gros	% de auto- nomos	anos de estudo
FAMILIAS COM PROPRIETARIOS		63.424				
1.1.1		---				
1.1.2	2.7	27.103	39.1	14.2	14.7	6.7
1.2.1		---				
1.2.2	2.4	36.321	37,0	25.2	17.4	5.2
FAMILIAS SEM PROPRIETARIOS, TODOS CLASSE MEDIA		---				
2.1.1						
2.1.2						
2.1.3						
FAMILIAS SEM PROPRIETARIOS, NEM TODOS CLASSE MEDIA		664.926				
2.2.1.1	3.8	60.705	24.3	21.3	20,0	5.2
2.2.1.2	3,0	456.756	26,0	28.1	15.8	4.6
2.2.2.1	2.5	47.127	51.7	19.5	12.9	6.9
2.2.2.2	2.4	3.399	37.6	19.4	12.4	7,0
2.2.2.3	1.9	96.939	55.9	30.1	11.9	5.4
TOTAL(1)		728.350				

(1) Exceto agregados e hospedes.

FDNTE: IBGE, Tabulacao Especial do Censo Demografico.

In: QUADROS, Waldir J. de - Estudo da Estrutura das "Ocupacoes Típicas de Classe Média" Urbana, em 1980, a partir de sua agregacao em "Familias Típicas de Classe Média" Urbana. Op. cit., p. 86.

Tabela No. 62
CARACTERÍSTICAS BÁSICAS DAS OUTRAS OCUPAÇÕES, AGREGADAS SEGUNDO A COMPOSIÇÃO FAMILIAR,
DAS FAMÍLIAS EM QUE TODOS OS MEMBROS OCUPADOS SÃO BRANCOS
GRANDE SÃO PAULO - 1980

NÍVEIS FAMILIARES	Rendim. Médios (SM)	No. de membros ocupados	% de mu- lheres	% de ne- gros	% de auto- nomos	anos de estudo
FAMÍLIAS COM PROPRIETÁRIOS		46.112				
1.1.1.1		---				
1.1.2.1	2.9	21.829	38.5	-	15.2	7.2
1.2.1.1		---				
1.2.2.1	2.7	24.283	35.9	-	19.4	5.8
FAMÍLIAS SEM PROPRIETÁRIOS, TODOS CLASSE MÉDIA		---				
2.1.1.1						
2.1.2.1						
2.1.3.1						
FAMÍLIAS SEM PROPRIETÁRIOS, NEM TODOS CLASSE MÉDIA		436.429				
2.2.1.1.1	4.3	44.032	22.5	-	22.0	5.5
2.2.1.2.1	3.4	295.555	23.4	-	17.6	4.8
2.2.2.1.1	2.8	34.980	50.6	-	13.9	7.6
2.2.2.2.1	2.5	2.462	35.7	-	14.3	7.5
2.2.2.3.1	2.1	59.400	53.3	-	13.0	5.9
TOTAL (1)		482.541				

(1) Exceto agregados e hóspedes.

FONTES: IBGE, Tabulação Especial do Censo Demográfico.

In: QUADROS, Waldir J. de - Estudo da Estrutura das "Ocupações Típicas de Classe Média", em 1980, a partir de sua agregação em "Famílias Típicas de Classe Média" Urbana. Op. cit., p. 89

Tabela No. 63

CARACTERISTICAS BASICAS DAS OUTRAS OCUPACOES, AGREGADAS SEGUNDO A COMPOSICAO FAMILIAR,
 DAS FAMILIAS EM QUE PELO MENOS UM MEMBRO OCUPADO E NEGRO
 GRANDE SAO PAULO - 1980

NIVEIS FAMILIARES	Rendim. Medios (SM)	No. de membros ocupados	% de mu- lheres	% de ne- gros	% de auto- nomos	anos de estudo
FAMILIAS COM PROPRIETARIOS		17.312				
1.1.1.2		---				
1.1.2.2	1.9	5.274	41.5	73,0	12.6	4.6
1.2.1.2		---				
1.2.2.2	2,0	12.038	39.4	76,0	13.4	4.1
FAMILIAS SEM PROPRIETARIOS, TODOS CLASSE MEDIA		---				
2.1.1.2						
2.1.2.2						
2.1.3.2						
FAMILIAS SEM PROPRIETARIOS, NEM TODOS CLASSE MEDIA		228.809				
2.2.1.1.2	2.6	16.673	29,0	77.5	14.8	4.3
2.2.1.2.2	2.4	161.201	30.8	79.6	12.7	4.1
2.2.2.1.2	1.8	12.147	55.1	75.8	10.1	4.9
2.2.2.2.2	2,0	937	42.5	70.3	7.4	5.8
2.2.2.3.2	1.7	37.539	60,0	77.6	10.1	4.6
TOTAL (1)		245.809				

(1) Exceto agregados e hospedes.

FONTE: IBGE, Tabulacao Especial do Censo Demografico.

In: QUADROS, Waldir J. de - Estudo da Estrutura das "Ocupacoes Tipicas de Classe Media" Urbana, em 1980, a partir de sua agregacao em "Familias Tipicas de Classe Media" Urbana. Op. cit., p. 92.

A título de conclusão

As evidências empíricas dos capítulos III, IV e V possibilitam uma visão panorâmica sobre as classes médias urbanas, em que dois aspectos se sobressaem:

- o formato assumido pelo dinamismo social do "milagre", marcado pela expressiva expansão (absoluta) em todas as ocupações típicas e pela maior intensidade (relativa) que se verifica nas ocupações melhor situadas;
- a realidade social que resulta do padrão de desenvolvimento que vigorou ao longo do período 1930/80, em que se observa tanto um significativo segmento de famílias "ricas e remediadas", como a enorme extensão da precariedade. Ou seja, o mesmo quadro de sérios desequilíbrios sociais que marca o conjunto da sociedade brasileira, ainda que num patamar mais elevado do que aquele da classe operária e demais setores populares.

Por outro lado, nos Capítulos I e II procuramos caracterizar o período do "milagre" como uma rara oportunidade histórica para se reduzir as disparidades sociais, que foi jogada fora pelo "ciclo militar" que se inicia em 1964, como consequência da perversa junção de conservadorismo social e autoritarismo político. A aversão e o descompromisso em relação aos interesses e necessidades populares, impediram que se dotasse o processo de desenvolvimento dos necessários mecanismos redistributivos, o que resultou na indigência salarial de enormes massas de trabalhadores e no vergonhoso descaso do Estado Autoritário com respeito às políticas sociais.

Cabe agora acrescentar que com o desfalecimento do "milagre" os problemas sociais foram se agravando progressivamente, até configurar-se o preocupante quadro da nossa atualidade.

A própria orientação da política econômica diante da crise se reveste de aspectos altamente problemáticos. É certo que o governo Geisel recusa uma terapia recessiva e tenta enfrentar a perda de dinamismo através de um novo surto de desenvolvimento norteador pelo II Plano Nacional de Desenvolvimento (II PND).

Contudo, ao lado de pretender a construção de um "Brasil Potência" sem enfrentar consequentemente a enorme chaga da miséria absoluta que corroí as bases da Nação, o II PND incorre em sério erro estratégico. Tal equívoco se manifesta ao se implementar um ambicioso programa de investimentos sustentados pelo reforço do endividamento externo, voltados justamente para os setores que já estavam se tornando obsoletos e ultrapassados ao nível da crise mundial e da "Terceira Revolução Industrial" que emitia seus primeiros sinais. Ou seja, e figurativamente, insistiu-se erroneamente em marchar para o fim do século XIX e início do século XX (ênfase nas indústrias de base tradicionais e nos bens de capital pesados), quando os rumos do desenvolvimento capitalista já apontavam para o século XXI (predomínio da informática e da robótica, da biotecnologia e da engenharia genética, dos novos materiais, etc.)⁽¹⁾.

Embora com os rumos da acumulação já num quadro de crise, a economia brasileira revela um desempenho razoável até o final da década de 1970. Ou seja, até que se manifeste abertamente a crise do endividamento externo e se adote o ajuste recessivo da economia. É assim que a gestão conservadora ao longo dos anos oitenta será solidária aos interesses dos credores externos e à lógica financeira, promovendo a

(1) Cf. entrevista do Prof. João Manuel Cardoso de Mello, Revista Ueja, 21/09/88; e artigos do Prof. Luiz Gonzaga de Mello Belluzzo, Revista Isto é/Senhor de 17/01 e 07/02 de 1990.

recessão e a inércia tecnológica e condenando nossa estrutura produtiva a uma situação de virtual obsolescência.

E mais, com exceção do breve período do Plano Cruzado, a concepção conservadora também predominará durante todo o processo de transição política, neutralizando e derrotando os propósitos reformistas anunciados pela Nova República. E o que já se observou do governo Collor indica que, mais uma vez, as questões básicas do nosso desenvolvimento econômico e social não serão enfrentadas adequadamente, do ponto de vista dos interesses nacionais e populares.

Esta situação de crise prolongada seguramente tornou bastante problemática a reprodução da nova classe média, cujas estruturas básicas foram montadas recentemente⁽¹⁾. é o que se pretende estudar quando a execução e divulgação do Censo Demográfico de 1991 permitir o exame das transformações ocorridas ao longo da década dos anos oitenta.

Neste momento queremos apenas ressaltar a brutal herança de problemas a serem enfrentados e os obstáculos quase intransponíveis para se viabilizar uma "saída civilizada" para a presente crise.

São muitos e bastante complexos os desafios que esta situação coloca à sociedade brasileira. Entre outras questões cabe indagar se conseguiremos ou não nos inserir no novo padrão de desenvolvimento mundial. Se não formos capazes de fazê-lo, o que nos espera é a obsolescência da estrutura produtiva, a regressão econômica e o apodrecimento social. Se conseguirmos, resta saber se vai se reproduzir o

(1) Uma idéia inicial desta questão, ainda que inserida nos marcos de uma crise cíclica, é apresentada em BONELLI, Maria da Glória. A Classe Média do "Milagre" à Recessão. São Paulo, IDESP, série monografias, nº 4, 1990.

estilo concentrador de desenvolvimento, ou se seremos capazes de conquistar e implementar uma alternativa distributiva. E também indagar sobre a forma como serão repartidos os custos sociais envolvidos no enfrentamento da crise e retomada do crescimento.

A forma como vem sendo enfrentadas as questões decisivas do nosso desenvolvimento económico e social, torna bastante remota a possibilidade de uma solução satisfatória aos profundos problemas que se apresentam. Entretanto, é útil especular um pouco nesta direcção, para se obter uma visão inicial do porte dos desafios a serem enfrentados.

Um aspecto básico, que já se manifesta nitidamente nos países centrais, diz respeito aos profundos impactos ocupacionais inerentes ao novo padrão tecnológico que está se impondo. É óbvio que tais impactos reforçam com intensidade redobrada, as alterações já em curso na estrutura ocupacional, no sentido do predomínio das ocupações típicas de classe média e de um conteúdo mais "científico" do conjunto dos trabalhos. Por outro lado, a nova tecnologia traz consigo uma drástica redução dos requisitos (relativos) de trabalho, impactando violentamente na capacidade global de geração (absoluta) de empregos.

Nos próprios países centrais já se discute se um novo surto duradouro de desenvolvimento será capaz de assegurar adequada oferta de empregos e oportunidades de "novo tipo". O que aponta para o inusitado grau de socialização requerido para que as melhorias sociais conquistadas no pós II Guerra se reproduzam num eventual "pós Guerra Fria". E isto, ainda que, maliciosamente, os ideólogos neo-liberais apontem o reforço da acção regulatória estatal e a implantação do Welfare State como causas da actual crise do capitalismo.

Caberia aqui a discussão sobre uma nova utopia de transformação social, contemporânea a este "fim de século" em que está se redefinindo as condições de vida em todo o planeta Terra. Refletir

sobre a "humanização da vida" em uma sociedade industrial tecnologicamente avançada, livre da miséria e adequadamente servida por serviços pessoais e sociais eficientes e acessíveis a todos os cidadãos. Uma sociedade urbana harmonizada com a natureza, preservadora do meio ambiente e da ecologia. Uma sociedade com instituições democráticas e normas justas, com a autoridade legitimada e exercida em sua plenitude. E outras tantas considerações bastante sugestivas.

No plano de uma formulação com tal amplitude, que apontaria para os resultados de uma extraordinária conquista social, isto é, para o ponto de chegada de um complexo processo de transformações, não seria por demais difícil buscar elementos de sintonia entre expressivos segmentos da classe média e os interesses nacionais e populares. Entretanto, a gravidade da situação presente exige que previamente se discuta a factibilidade política desta aliança nos marcos do enfrentamento da crise em curso. Ou seja, impõe-se discutí-la no plano dos pressupostos de qualquer utopia.

Parece desnecessário alongar-se sobre a gravidade da "questão ocupacional" no Brasil, onde já se convive com uma estrutural exclusão social e econômica de enormes massas populares, que se materializa na vergonhosa chaga da miséria absoluta. Desta forma, é necessário ter sempre presente os impactos sociais de um hipotético processo de desenvolvimento futuro. Ou seja, considerar-se permanentemente os possíveis formatos da sociedade que resultariam de um surto de desenvolvimento já nos marcos do novo padrão.

Diante do que desenvolvemos ao longo deste trabalho, parece legítimo concluir que se continuar prevalecendo o comando conservador o cenário futuro é de um dramático reforço da exclusão social, que seguramente nos inviabilizará como nação civilizada.

Se parece redundante insistir nesta colocação, mais útil seria examinar-se os gravíssimos desafios colocados a uma alternativa "civilizada", que se proponha minimamente eliminar a miséria absoluta e melhorar as condições gerais da vida urbana. Diante das tendências ocupacionais anteriormente esboçadas e de nossa herança de carências e indigência, tal alternativa se defrontará com graves exigências tributárias e fiscais (além das monetárias e financeiras), que implicam profunda reforma do Estado e de sua relações com a sociedade, entre outras igualmente relevantes.

E as dificuldades tornam-se ainda mais sérias ao se considerar também a fragilidade institucional e os precários graus de solidariedade vigentes na sociedade brasileira, que tornam quase inatingível o grau de coesão necessário para dar suporte a esta autêntica reestruturação social. Pois, por exemplo, sem partidos políticos estruturados e sem um judiciário capaz de assegurar a justiça, como se alcança a plena cidadania? E, sem esta, como pode a sociedade assegurar-se dos necessários mecanismos distributivos?

É claro que nos limites de uma conclusão não irá se buscar respostas para questões tão complexas. Contudo, parece oportuno deixar claro que, se a consistente formulação de uma perspectiva distributiva de desenvolvimento é uma premissa para que alguma força política se lance nesta empreitada histórica, ela não esgota seus requisitos mínimos. É igualmente necessário o adequado equacionamento da própria forma de se enfrentar as questões imediatas e conjunturais, evitando comprometer-se o projeto de longo prazo já em sua própria origem.

Parece muito? Pois deve se acrescentar que tudo isto tem que ser alcançado num país de elites retrógradas, conservadorismo larvar, perda quase completa dos padrões de moralidade pública, gritantes disparidades sociais e regionais, enorme massa de miseráveis, etc.

E são justamente os desafios imediatos que irão testar a capacidade dirigente de qualquer força política que se proponha a implementar um projeto alternativo de desenvolvimento. Seu correto enfrentamento é que pode assegurar um progressivo enraizamento social com perspectivas de amalgamar "massa crítica" nas classes médias, na classe operária e demais setores populares.

É assim, que não parecem justificar-se certas esperanças sobre o potencial modernizante do neo-liberalismo conservador hoje dominante.

Bibliografia

- ALBUQUERQUE, J. A. Ghilhon (Coord.) - Classes Médias e Política no Brasil. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
- ARAÚJO, Braz J. - Mudanças na Estrutura Social Brasileira. In: ALBUQUERQUE, J. A. Ghilhon (Coord.) - Classes Médias e Política no Brasil, op. cit.
- BELLUZZO, Luiz G. de Mello - Valor e Capitalismo. São Paulo, Brasiliense, 1980.
- , Sonho e Decadência e Bondes da História e Trens-Fantasmas. Artigos publicados na Revista Isto é/Senhor de 17/01 e 07/02 de 1990, respectivamente.
- , e COUTINHO, Renata R. (Org.) - Desenvolvimento Capitalista no Brasil. São Paulo, Brasiliense, 1982.
- BERLE JR., Adolf A. e MEANS, Gardiner C. - A Moderna Sociedade Anônima e a Propriedade Privada (tradução). São Paulo, Abril Cultural, 1984.
- BONELLI, Maria da Glória - A Classe Média do "Milagre" à Recessão. São Paulo, IDESP, série monografias, no. 4, 1990.
- BRAVERMAN, Harry - Trabalho e Capital Monopolista (tradução). Rio de Janeiro, Zahar, 1977.
- BUKHARIN, Nikolai I. - A Economia Mundial e o Imperialismo (tradução). São Paulo, Abril Cultural, 1984.
- CAMPOS, Roberto de O. - Ensaios de História Econômica e Sociologia. Rio de Janeiro, APEC, 1964 (2a. ed.).

CEPAL - La Transformación Socio-ocupacional del Brasil, 1960-1980, y la Crisis Social de los 80. Santiago, 1986, mimeo.

COUTINHO, Luciano G. - Das Políticas de Recuperação à II Guerra Mundial. Campinas, IE-UNICAMP, s/ data, mimeo.

-----, Mudanças Recentes na Divisão Internacional do Trabalho. In: Contexto, no. 2, São Paulo, HUCITEC, março de 1977.

-----, e BELLUZZO, Luiz G. de Mello - Estado, Sistema Financeiro e Forma de Manifestação da Crise: 1929-1974. In: Desenvolvimento Capitalista no Brasil - BELLUZZO, Luiz G. de Mello e COUTINHO, Renata R. (Org.), op. cit.

COUTINHO, Maurício C. - Distribuição de Renda e Mobilidade Social no Brasil. Tese de Doutorado, Campinas, DEPE/IFCH - UNICAMP, 1984, mimeo.

DRAIBE, Sonia M. - Rumos e Metamorfoses. São Paulo, Brasiliense, 1984.

FAJNZYLBER, Fernando - La Industrialización Trunca de America Latina. México, Nueva Imagem.

FERNANDES, Florestan - A Revolução Burguesa no Brasil: Ensaio de Interpretação Sociológica. Rio de Janeiro, Guanabara, 1987, (3a. ed.).

-----, A Integração do Negro na Sociedade de Classes. São Paulo, Ática, 1978.

FIGUEIRA, Sérvulo A. (Org.) - Cultura da Psicanálise. São Paulo, Brasiliense, 1985.

- FURTADO, Celso - Um Projeto para o Brasil. Rio de Janeiro, Ed. Saga, 1969.
- GIANNOTTI, José A. - Formas de Sociabilidade Capitalista. In: Trabalho e Reflexão. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- GUDIN, Eugênio - In: SIMONSEN, Roberto C. - A Controvérsia do Planejamento na Economia Brasileira. Coletânea da Polêmica Simonsen-Gudin. Rio de Janeiro, IPEA/INPES, 1978.
- GUIMARÃES, Cláudia - 1964. Estado e Economia: A Nova Relação. Tese de Doutorado, Campinas, IE/UNICAMP, 1990, mimeo.
- HASENBALG, Carlos A. e SILVA, Nelson do Valle - Estrutura Social. Mobilidade e Raca. São Paulo, Vértice, 1988.
- HILFERDING, Rudolf - El Capital Financiero (tradução). Madrid, Tecnos, 1973.
- HYMER, Stephen - Empresas Multinacionais: A Internacionalização do Capital (tradução). Rio de Janeiro, Graal, 1978.
- HOBSON, John A. - A Evolução do Capitalismo Moderno (tradução). São Paulo, Abril Cultural, 1983.
- IBGE - Indicadores Sociais: Regiões Metropolitanas, Aglomerações Urbanas, Municípios com mais de 100.000 Habitantes. Rio de Janeiro, 1988.
- LENINE, V. I. - O Imperialismo. Fase Superior do Capitalismo (tradução). São Paulo, Alfa-Omega, 1979, Obras Escolhidas, tomo I.
- LESSA, Carlos - Quinze Anos de Política Econômica. São Paulo, Brasiliense, 1975.

LUXEMBURG, Rosa - A Acumulação do Capital (tradução). São Paulo, Abril Cultural, 1984.

MAYER, Arno J. - A Baixa Classe Média como Problema Histórico (tradução). In: CASTRO, Antonio B. de e outros - Trabalho Escravo, Economia e Sociedade. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

MARX, Karl - Teorías Sobre la Plusvalía (tradução). Barcelona, Crítica, 1977.

CARDOSO DE MELLO, João Manuel - O Capitalismo Tardio. São Paulo, Brasiliense, 1982.

-----, entrevista à Revista VEJA, 21/09/88.

-----, e BELLUZZO, Luiz G. de Mello - Reflexões Sobre a Crise Atual. In: BELLUZZO, Luiz G. de Mello e COUTINHO, Renata R. (Org.) - Desenvolvimento Capitalista no Brasil, op. cit.

MILLS, C. Wright - A Nova Classe Média (tradução). Rio de Janeiro, Zahar, 1969.

O'DONNELL, G. e REIS, F. W. (Org.) - Dilemas e Perspectivas de Democracia no Brasil. São Paulo, Vértice, 1988.

OLIVEIRA, Carlos Alonso B. de - O Processo de Industrialização - do Capitalismo Originário ao Atrasado. Tese de Doutorado, Campinas, IE/UNICAMP, 1986, mimeo.

OLIVEIRA, Francisco de - O Surgimento do Anti-Valor. In: Novos Estudos CEBRAP, no. 22, 1988.

-----, Medusa ou as Classes médias e a Consolidação Democrática. In: O'DONNELL, G. e REIS, F. W. (Org.) - Dilemas e Perspectivas de Democracia no Brasil, op. cit.

PASTORE, José - Desigualdade e Mobilidade Social no Brasil. São Paulo, T. A. Queiroz/EDUSP, 1979.

POULANTZAS, Nicos - As Classes Sociais no Capitalismo de Hoje (tradução). Rio de Janeiro, Zahar, 1978 (2a. ed.).

QUADROS, Waldir José de - A Nova Classe Média Brasileira: 1950-80. Dissertação de Mestrado, IE/UNICAMP, 1985, mimeo.

-----, O Estado e a Ordem Econômica e Social: breve revisão bibliográfica. In: Processo Constituinte. A Ordem Econômica e Social. FUNDAP, São Paulo, 1987.

-----, Mobilidade Estrutural e Grupos Ascendentes: Nova Classe Média. In: Urbanização e Estrutura Ocupacional regional do Estado de São Paulo - 1970/1980. Convênio SEPLAN/FECAMP, Campinas, 1988, mimeo.

-----, Regiões Metropolitanas Seleccionadas. Mobilidade Estrutural e Grupos Ascendentes: Nova Classe Média. In: Análise do Mercado de Trabalho e Emprego na Região Metropolitana de São Paulo entre 1970 e 1980. Convênio FECAMP/SEADE, Campinas, 1989, mimeo.

-----, Estudo da Estrutura das "Ocupações Típicas de Classe Média, em 1980, a Partir de sua Agregação em "Famílias Típicas de Classe Média" Urbana. Convênio FECAMP/SEADE, Campinas, 1990, mimeo.

- ROMANELLI, Geraldo - Famílias de Camadas Médias: A Trajetória da Modernidade. Tese de Doutorado, Departamento de Ciências Sociais da FFLCH da USP, São Paulo, 1986, mimeo.
- SAES, Décio A. M. de - Classe Média e Sistema Político no Brasil. São Paulo, T. A. Queiroz, 1985.
- SALLEM, Tania - Famílias em Camadas Médias: uma Revisão da Literatura Recente. In: Boletim do Museu Nacional, no. 54, Rio de Janeiro, 1985.
- SERRA, José (Coord.) - América Latina - Ensaios de Interpretação Econômica. São Paulo, Paz e Terra.
- SILVA, Lígia Maria Osório - A Lei da Terra (um estudo sobre a história da propriedade da terra no Brasil). Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, PUC-SP, 1990, mimeo.
- SIMONSEN, Mário Henrique - Ensaios Sobre Economia Política: 1964-69. Rio de Janeiro, APEC, 1971.
- SIMONSEN, Roberto C. - A Controvérsia do Planejamento na Economia Brasileira. Coletânea da Polêmica SIMONSEN-GUDIN, Rio de Janeiro, IPEA/INPES, 1978.
- SOUZA, Paulo Renato Costa - A Determinação dos Salários e do Emprego nas Economias Atrasadas. Tese de Doutorado, Campinas, IFCH-UNICAMP, 1980, mimeo.
- TAVARES, Maria da Conceição - Acumulação de Capital e Industrialização no Brasil. Campinas, Ed. UNICAMP, 1985.

-----, Problemas de Industrialización Avanzada en Capitalismos Tardíos e Periféricos. In: Economía de América Latina, V. 6, CIDE, México, 1981.

TEIXEIRA, Aloísio - O Movimento da Industrialização nas Economias Capitalistas Centrais no Pós-Guerra. Texto para discussão no. 25, IEI/UFRJ.

VILLALOBOS, André - A Nova Classe Média. Uma Configuração do Problema. Tese de Doutorado, Campinas, IFCH-UNICAMP, 1976, mimeo.

-----, e outros - Classes Sociais e Trabalho Produtivo. Rio de Janeiro, Paz e Terra/CEDEC, 1978.